

REVISTA DA SEMANA

N.º 45



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

8-11-47



PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que será posto a venda em todo o Brasil, na primeira quinzena de Dezembro do ano corrente. Por Cr \$ 15,00, - no país inteiro - os seus leitores conhecerão o que há de moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes e um calendário completo para 1948.



PEDIDOS À

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n. 15,

RIO DE JANEIRO

Atende-se pelo Reembolso Postal
sem aumento de preço

Almanaque Eu Sei Tudo



O Brasil recebeu com homenagens especiais o ilustre general francês De Latre de Tassigny, inspetor geral do Exército da França e um dos grandes chefes militares aliados da última guerra. Deixaram o Brasil os representantes diplomáticos da Rússia e deixaram também Moscou os representantes do Brasil, com o embaixador Pimentel Brandão à frente. Em Lisboa, foi noticiada a vinda do príncipe Ali Khan ao Brasil. Trata-se de um milionário, filho de Aga Khan. Ainda no capítulo das viagens: chegaram de Roma o escritor Henrique Pongetti, diretor da revista "Rio" e redator do "Globo", e sua esposa, Alda Pongetti, depois de terem percorrido vários países da Europa, entre os quais Portugal, Espanha, França, Suíça e Itália. Por toda parte encontraram dores, tristezas, desânimos, desespero. Para Buenos Aires, partiu o escritor Joracy Camargo, que foi chocar o ovo cinematográfico que será o filme "Deus lhe pague", filmado pelos estúdios San Miguel, com Arturo de Cordova e Zully Moreno (do qual já tratamos em nossas colunas). Em Porto Alegre, teve êxito além do normal a companhia de comédias de Eva Todor, dirigida por Luis Iglézias. As peças de maior resistência no cartaz foram "Mocinha", de Joracy Camargo; "Claudia", de Rose Franken (tradução de R. Magalhães Junior) e "Colégio Interno", de Laszlo Fodor, em tradução de Iglézias. No Fenix, estreou, como havíamos noticiado, a mais jovem e também uma das mais interessantes companhias dramáticas já organizadas no Brasil, — "Os Artistas do Povo", tendo como principais figuras Mario Brasini, Vanda Lacerda, Milton Carneiro, Alberto Perez, Iris del Mar, Maria Luisa, Oswaldo Louzada, Aristides Capeletti, o cenógrafo Cajado Filho e outros valores. A peça de estréia foi "O amor que não morreu", já uma vez filmada pela Metro com Fredric March, Norma Shearer e Leslie Howard. Na Itália, essa peça, com o título de "Catene", foi um êxito de dez anos, no repertório de Anton Giulio Bragaglia, o renovador da cena italiana, com a atriz Diana Torreleri no principal papel. "Os Comediantes" mudaram de pouso. Deixaram o Teatro Ginástico, que lhes havia sido dado de mão beijada, e foram para o Carlos Gomes, onde se paga aluguel. Mudaram também de peça. Em vez de "Não sou eu", de Edgard da Rocha Miranda, que passou apagadamente pelo cartaz, estão dando uma "réprise" da discutida peça de Nelson Rodrigues, "Vestido de noiva", que e um dos pratos de resistência do conjunto. E quase mudaram de elenco também, porque agora Cacilda Becker e Maria Delia Costa é que fazem os papéis antes feitos por Estela Perry, Evangelina Guinle, Maria Sampaio, Luisa Barreto Leite e outros. Domingo vindouro, o jornalista Roberto Pompeu de Souza Brandão fará o seu 187.º artigo sobre seu amigo Nelson Rodrigues, comentando o espetáculo, com citações de William Archer, Sófocles, Aristófanes, Aristóteles e outros propaxitonos... O pintor Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, está recebendo muitos telegramas de pesames pela derrota sofrida na questão do Salão Nacional de Belas Artes... E' mais um ditador derrubado... Tudo vai se resolver muito democraticamente, sob a presidência do sr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico da União. Desta vez, o fenômeno, o caso estarrecedor, a bola do ano vem, não de Belo Horizonte, mas de Salvador, capital da Bahia. Nesta terra em que ninguém mais estuda, em que quase todos colam ou confessam sua ignorância, neste Brasil em que o ensino vai quase à garra, verificou-se o caso incrível que este telegrama relata e que aqui transcrevemos, data venia, do popular vespertino de Roberto Marinho: "SALVADOR, 29 (Especial para "O Globo") — No último sábado, no Colégio Baía, quando se realizavam exames de inglês, de acordo com o art. 91, o estudante Julimar Esteves Cardoso, arguido pelo professor Manoel Peixoto, demonstrou um profundo conhecimento não, apenas, da língua inglesa como do alemão, italiano, latim, grego, árabe e francês, aduzindo exemplos de estudos comparados, de morfologia e sintaxe inglesas. A arguição durou 25 minutos, enchendo-se o auditório onde se realizavam os exames de estudantes que aplaudiram o jovem Julimar. O professor felicitou o examinando e conferiu-lhe o grau de distinção". Julimar, Julimar, o teu caso é de espantar... Se mais línguas aprenderes, onde as poderás falar? Talvez na ONU, a Babel moderna, funcionando como intérprete entre os diplomatas desentendidos... Nas eleições inglesas, os conservadores conseguiram conquistar muitos lugares que estavam em mãos dos socialistas. O velho Winston Churchill exultou. Mas as eleições municipais não alterarão a estrutura do governo inglês, que continuará com Clemente Attlee e Ernest Bevin à frente. Aliás, prestigiados pelo rei Jorge VI, que acaba de propor a redução dos poderes da Câmara dos Lordes. Em São Paulo, a panela política continua a ferver. Tem havido tiroteios e incidentes, sendo o ex-ditador Vargas obrigado a se deitar no chão. Não aplaudimos essas façanhas indignas de um povo de boa educação cívica e política, — mas não podemos deixar de reconhecer que o ex-"homem forte" do Estado Novo pode ter uma idéia, agora, do que experimentaram, outrora, os seus adversários, cujos comícios eram assim dissolvidos a bala... Foi estrelado em Porto Alegre o filme argentino "Olhai os lírios do campo", no cinema Marabá, com a presença da estrela portenha Silvana Roth e do autor do romance de que foi feita a adaptação cinematográfica, Erico Verissimo. O Marabá cobrou preços especiais. Silvana Roth deu autógrafos aos fãs e Erico Verissimo declarou à imprensa: "Nem Hollywood teria conseguido fazer melhor... Chegou ao Rio e visitou a Câmara Legislativa do Distrito Federal o grande poeta cubano Nicolas Guillen, que foi saudado pelo seu colega, o poeta Jorge de Lima. Dos fins deste ano aos princípios de 1948, aparecerão os seguintes livros brasileiros: "Galo Branco", Memórias do poeta Augusto Frederico Schmidt; "Jornal de Crítica", quinta série dos ensaios de crítica literária de Alvaro Lins; "Os Renegados", mais um romance de Octavio de Faria, da série "Tragédia Burguesa"; "Marajo", o novo romance de Dalcídio Jurandir; "Raízes do Brasil", segunda edição "revista e aumentada, da obra de Sérgio Buarque de Holanda"; "Um reformador na cidade do vício", romance de José Vieira. E por hoje, encerramos o expediente. Até sábado vindouro.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêsso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser inviolavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM. AVIAMENTO RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

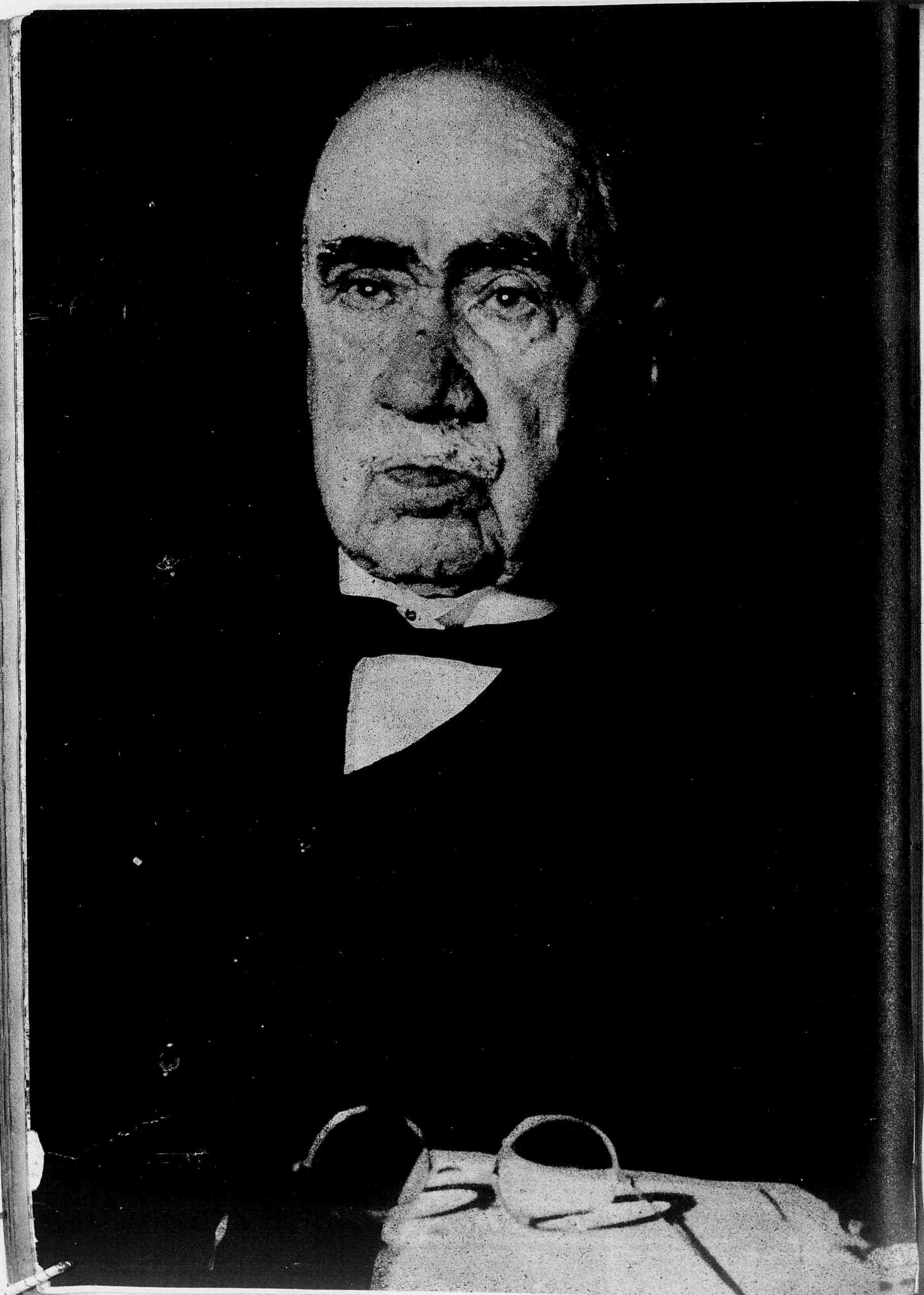
R. CARIOCA N.º 28

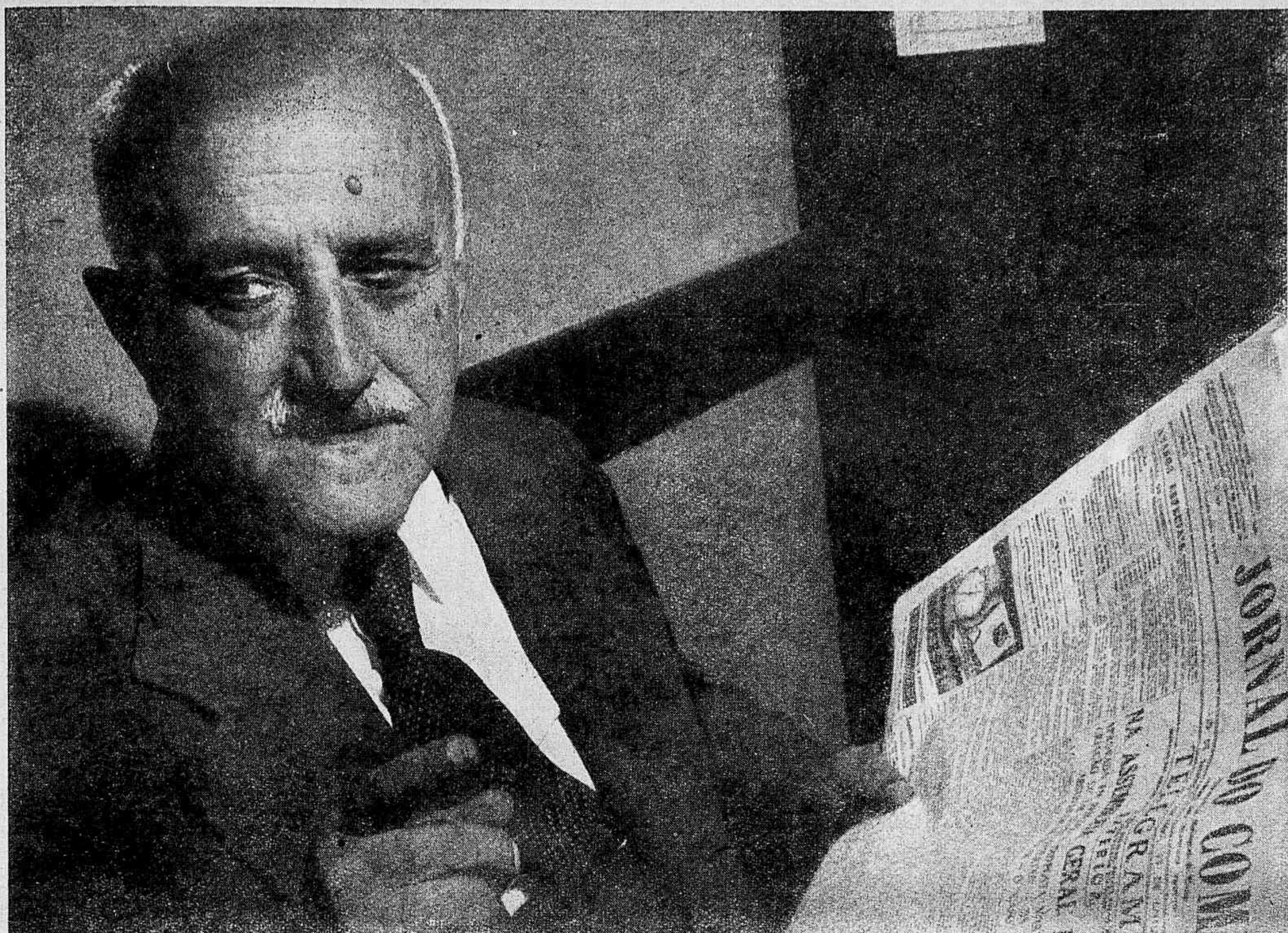
Joalheria

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES E ARGUMENTOS PARA PRESENTES

LUIS R. RICART

FL. 22.46.0 - RIO





78 anos é a idade de João Melo, um dos veteranos da imprensa carioca, redator do "Jornal do Comércio", há quarenta e dois anos. Cronista radiofônico, foi eleito presidente de honra da Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos (ABCR). Foi repórter policial durante vinte anos, com o ordenado de trezentos mil réis mensais, durante todo esse tempo. Chova ou faça sol, os redatores do "Jornal do Comércio" encontram todos os dias, João Melo em sua mesa de trabalho. Não pensa em aposentadoria. O serviço não o cansa, e serve-lhe de distração. Em baixo: João Melo com duas bisnetas ao colo.

A VIDA COMEÇA AOS SETENTA

OUVINDO OS VETERANOS DE VÁRIAS PROFISSÕES INTELECTUAIS E ARTÍSTICAS — CALIXTO CORDEIRO E O SEU FABULOSO ORDENADO EM 1900 — OSMUNDO PIMENTEL, RECORDISTA EM APOSENTADORIAS — BRÍCIO FILHO, O MAIS ANTIGO CONHECEDOR DE "CARNES ASSADAS" — "EM QUE ANO COMEÇA A VIDA? COMEÇA TODOS OS DIAS", — DIZ-NOS RAUL PEDERNEIRAS — EDUARDO VIEIRA VIVE NO TEATRO HÁ QUASE SEXTENTA ANOS.

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

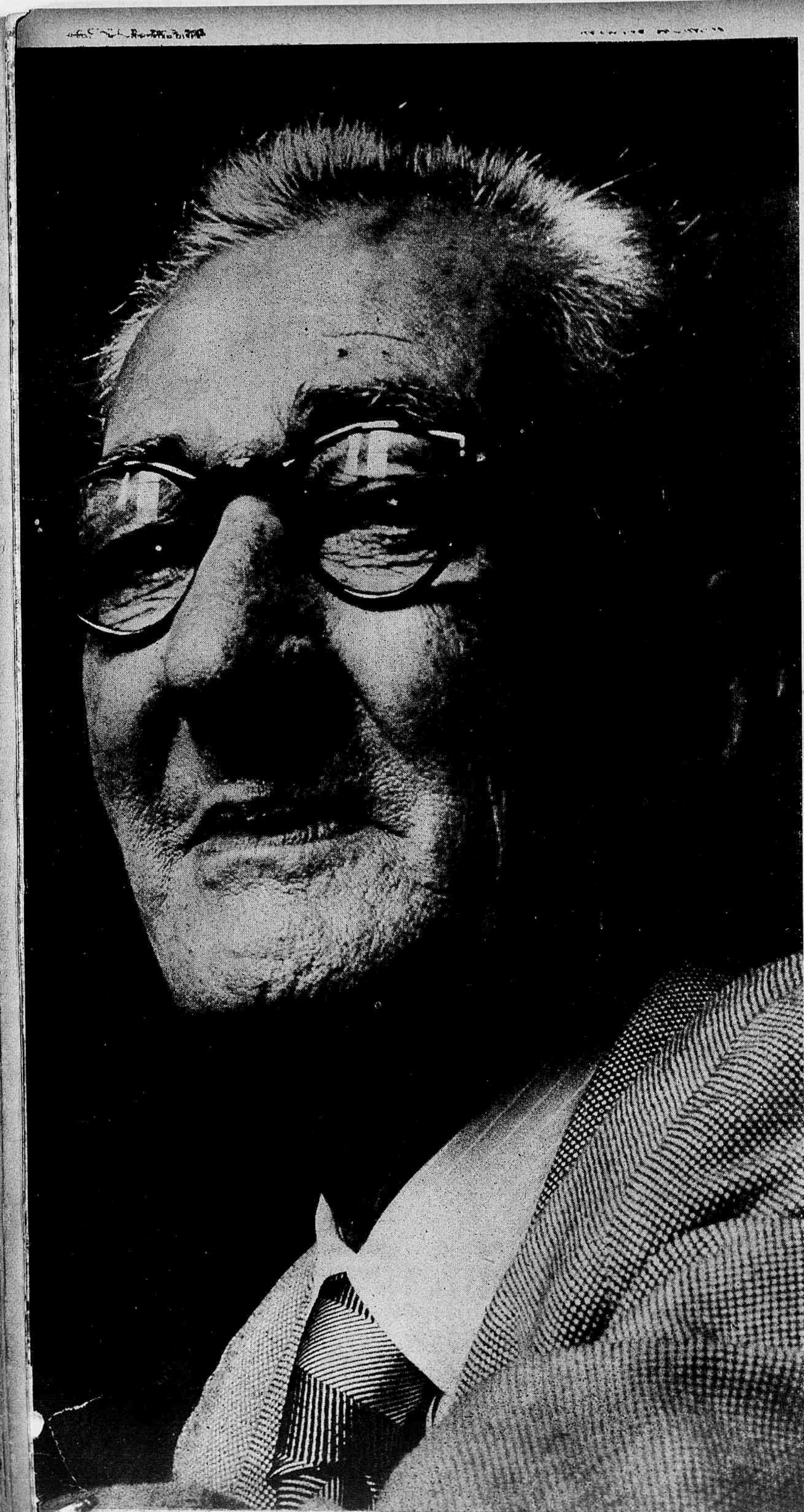
MUITA gente acredita que o tempo faz a idade. O tempo marca quando muito a idade biológica. A idade mental varia muito de um indivíduo para outro. Por esse motivo Bernard Shaw com noventa e três anos se considera "um eterno adolescente". Churchill, Truman, Mac Arthur e muitos outros já fizeram sessenta anos e não deram por isso.

O nosso ministro do Exterior, sr. Raul Fernandes, há poucos dias completou setenta anos, galhardamente, — e, apesar da idade, ainda suporta provas que exigem tremendas energias físicas, como, por exemplo, a da presidência da recente Conferência Interamericana realizada em Petrópolis. Setenta e seis anos tem nosso ilustre colaborador, o

professor Escragnolle Doria, autor da página de assuntos históricos da "REVISTA DA SEMANA" e, também, — caso vocês não saibam, — do libreto da ópera nacional "Jupira", do maestro Francisco Braga, que, juntamente com a peça "Bonança", ato de Coelho Netto, serviu para inauguração do Teatro Municipal, exatamente há quarenta e um anos. Esses exemplos, entretanto, não são isolados. Há muitos outros, que podem ser citados. E alguns aqui vão citados, realmente, porque nós os escolhemos para motivo desta singular reportagem dedicada à velha guarda. No Rio de Janeiro, cidade onde se morre cedo, esses cidadãos ilustres vêem o tempo passar e não ligam ao tempo a menor importância. Continuam trabalhando.



82 anos de idade tem o décimo dos cronistas de "turf", dr. Jayme Pombo Brício Filho, médico e ex-deputado federal, que aparece na página à esquerda. A fotografia foi tirada na redação do jornal "O Globo", quando Brício Filho, à sua mesa de trabalho, escrevia para esse vespertino a crônica turfista que assina com o pseudônimo de "Lagrange".



75 anos de idade tem Osmundo Pimentel, veterano da imprensa carioca. Duas vezes aposentado, uma pelo Ministério da Guerra, como funcionário, e outra pelo "Correio da Manhã", como jornalista, continua comparecendo diariamente ao jornal "A Noite", no qual trabalha há vinte e cinco anos.

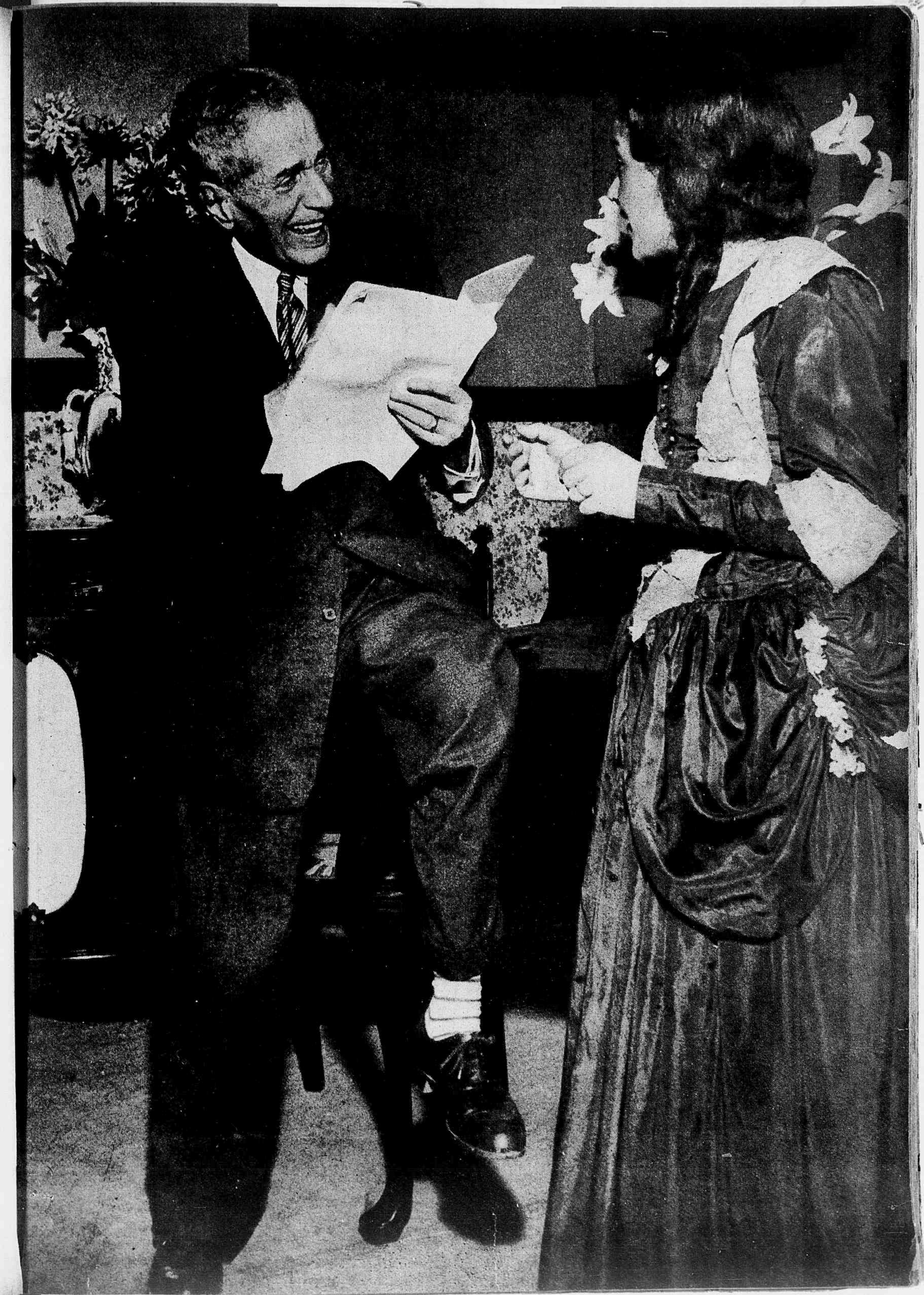
do e fazendo planos para o futuro. Para os que não acreditam que o calendário não existe, reunimos nessa reportagem uma dezena de jovens de setenta anos. Falam do princípio do século como se fosse de ontem e de daqui a muitos anos, como se fosse de amanhã.

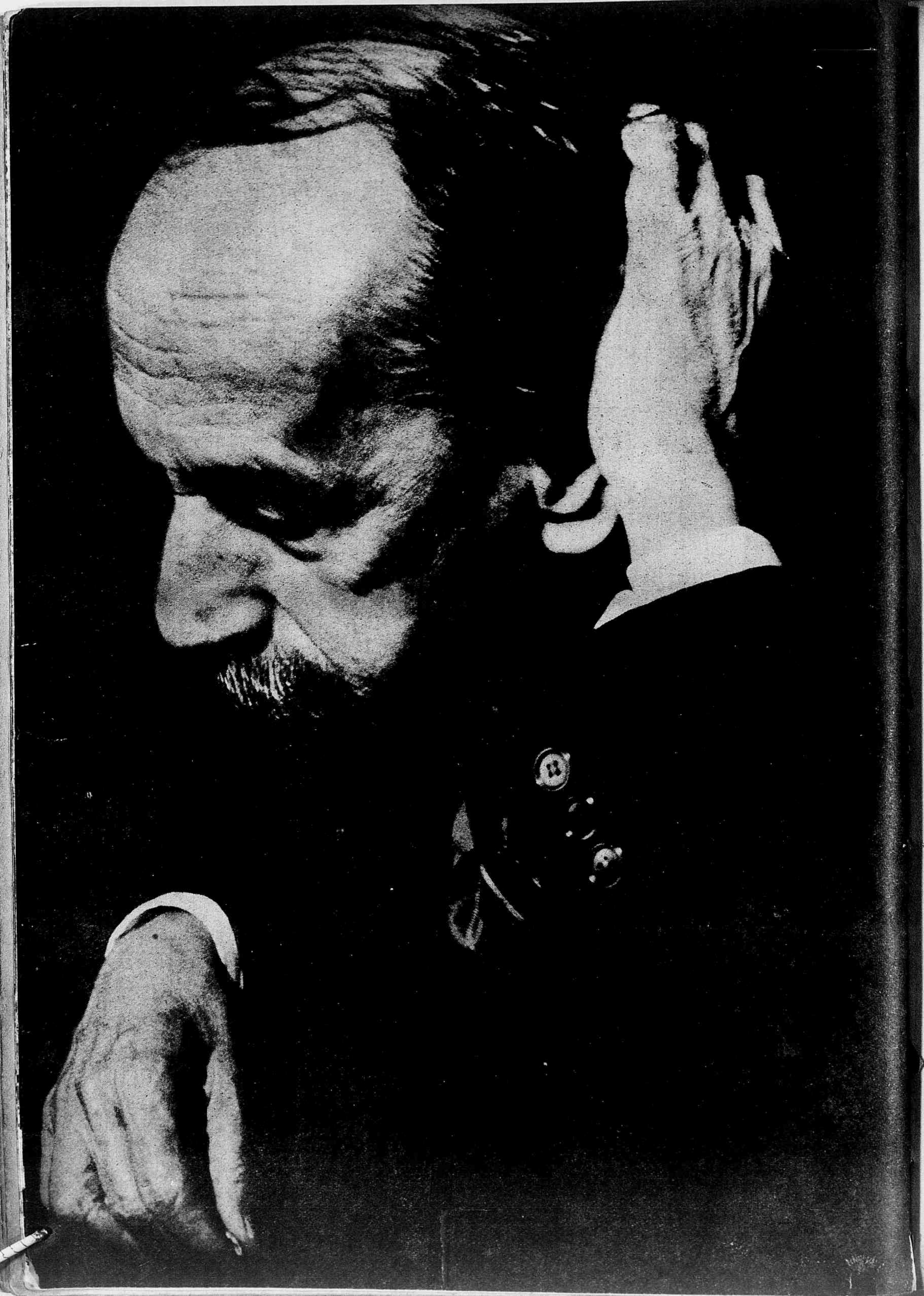
'A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E SEUS JOVENS DE SETENTA E MAIS ANOS

Na Academia Brasileira de Letras, melhor do que em qualquer outra parte, se tem provado que a vida realmente começa aos setenta. Nada menos de sete acadêmicos passaram a fazer parte do ilustre cenáculo com essa idade prospecta, ou algo mais do que isso. Com setenta anos, entrou para a Casa de Machado de Assis o filólogo Heráclito Graça, em 1906. Com 75 anos, entrou o Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, em 1909. Ainda com 75 entrou também, Rocha Pombo, em 1932. Com 79, ali ingressou Homem de Melo, em 1916. Igualmente com 79, foi que alcançou a imortalidade o bispo mineiro D. Silvério Gomes Pimenta. Com oitenta, entrou o Conselheiro Pereira da Silva, em 1897. E com 82, — o mais velho de todos, — ali ingressou o barão de Ramiz Galvão, em 1928.

Presentemente, o Matusalém da Academia Brasileira de Letras é o ministro Aulfo Nápoles de Paiva, o qual, nascido em 1867, está, portanto, com quase 81 anos, — e ainda em plena atividade, presidindo a distribuição de auxílios às instituições filantrópicas do país. Depois de Aulfo Nápoles de Paiva, vêm o poeta Carlos Magalhães de Azeredo, embaixador aposentado, morador na cidade do Vaticano, com 75 anos de idade, e o professor Rodolfo Garcia, historiador e filólogo, que há pouco deixou a direção da Biblioteca Nacional e há coisa de um ano ainda se empenhava em veemente polêmica com o seu sucessor, sr. Rubens Borba de Moraes, revelando uma grande agilidade mental e invejável combatividade, a despeito de ser, hoje, um homem de 74 anos. Com 71 feitos estão o sr. Afonso de Taunay, que todos os domingos nos ilustra com seus longos e bem documentados artigos históricos no "Jornal do Comércio", e o sr. Cláudio de Souza, que preside, com dinamismo, o PEN Club do Brasil. Com 71 feitos e a caminho dos 72, está o notável professor Antonio Austregésilo, que continua a publicar seus belos estudos de neurologia e a fazer sua clínica da especialidade. Vem em seguida o sr. Celso Vieira, que colabora assiduamente na "A Noite", e realizou, ainda agora, excelentes estudos sobre Cervantes, a propósito do quarto centenário do autor de "D. Quixote", — e que está com 70 anos, ou, melhor, com quase setenta e um, visto que os completará a 12 de janeiro próximo. Estas notas são oficiais, retiradas de um livro publicado pela própria Academia Brasileira de Letras em 1940, com prefácio de Afrânio Peixoto: "A Academia Brasileira de Le-

78 anos bem vividos é a idade de Eduardo Vieira, nascido na Mouraria, mas que desde 1910 não mais saiu do Brasil. Como ensaiador, já ensinou arte de representar a uma infinidade de "astros" e "estrelas" do nosso palco. É professor aposentado da Escola Dramática, mas ainda ensaia Eva e seus artistas, — bem como amadores, como a senhora Zelma Vieira Lyra, do Clube Ginástico Português, com quem aparece na página à direita.





tras" (Notas e Documentos para a sua História), por Fernão Neves.

CALIXTO CORDEIRO ERA MILIONÁRIO EM 1900

O caricaturista Calixto Cordeiro resolveu parar dentro do tempo. Começou com o estilo do seu traje que há quarenta anos é o mesmo. Anda na rua de fraque, calças estreitas sobre as polainas e "plastron" cobrindo a camisa de peito duro. Suas idéias, entretanto, estão dentro da nossa época e, quando conversa, solta de vez em quando as últimas palavras da gíria carioca.

Calixto nasceu em Niterói, no Canto do Rio, e desde os nove anos começou a desenhar. Seu primeiro desenho foi feito na imaculada camisa de peito duro do padrinho, o que lhe custou uma boa surra e a entrada, como aprendiz de gravador, na Casa da Moeda. Ali recebeu o seu primeiro ordenado: três tostões no fim do mês. Calixto foi se especializando: gravador, xilógrafo, desenhista e, por fim, caricaturista. Em 1895 estreou no jornalismo, fundando com Raul Pederneiras o semanário "O Tagarela", que morreu pouco depois, para reaparecer anos mais tarde. Na sua segunda vida chegou a tirar oitenta mil exemplares, fato que assombrou a cidade. Nessa fase áurea de "O Tagarela", Calixto trabalhava também no jornal "O Dia", de Dunshee de Abranches e ajudou a fundar em 1900 "O Malho". Trabalhou também em "A Tribuna", jornal pertencente ao deputado Luís Bartolomeu. Calixto recorda: — Nesse tempo eu era um verdadeiro milionário. Ganhava um total de dois contos e quatrocentos mil réis. Isso, naquele começo de século, era dinheiro demais. E imagine você o que não fazia eu, solto na via pública e sem coleira!

Os tempos corriam e Calixto Cordeiro, — agora com 70 anos, — sempre ao lado de Raul Pederneiras e, às vezes, de Bas-

73 anos tem o professor de direito e de desenho, jornalista, caricaturista e autor teatral, Raul Pederneiras, que aparece na página à esquerda num flagrante recente e, em baixo, numa fotografia tirada há dois anos. Aposentado nas cátedras, Raul Pederneiras trabalha ainda hoje, ativamente, na redação do "Jornal do Brasil", escrevendo tópicos e comentários.

tos Tigre, ia fundando e "afundando" jornais. Apareceram "O Avanço", "O Quixote" e outros. O último semanário em que trabalhou foi a revista "Fon-Fon". O governo revolucionário de 1930 e suas posteriores leis de opressão impediram que Calixto continuasse com seus calungas. Não podendo fazer crítica à ditadura, resolveu deixar o jornalismo. Continuou como professor do Instituto Ferreira Viana (exerce o magistério desde 1924) e a desenhar para o comércio. Há muitos anos faz os desenhos para os anúncios da Loteria Federal. Calixto foi sempre um espírito democrático e se bateu muito em favor da campanha civilista contra a candidatura do Marechal Hermes, a quem satirizava com caricaturas. Desenhou uma célebre "charge", "O enterro do governo Hermes", e com isso quase ia perdendo a vida. Relembra o entrevistado:

— Meu nome já estava numa lista secreta para ser fuzilado e dado, depois, como desaparecido. Quem me salvou dessa encrenca foi dona Nair de Teffé, que me admirava muito.

Depois de muitas outras reminiscências que, por falta de espaço, não cabem nessa reportagem, Calixto Cordeiro desceu conosco até a rua. E toda vez que passava por nós uma pequena bonita, o veterano Calixto se virava e dizia entusiasmado: — "Maravilhosa... maravilhosa!..."

Com setenta anos, Calixto não sofre da vista e continua a render tributo à beleza...

A CAMINHO DA TERCEIRA APOSENTADORIA

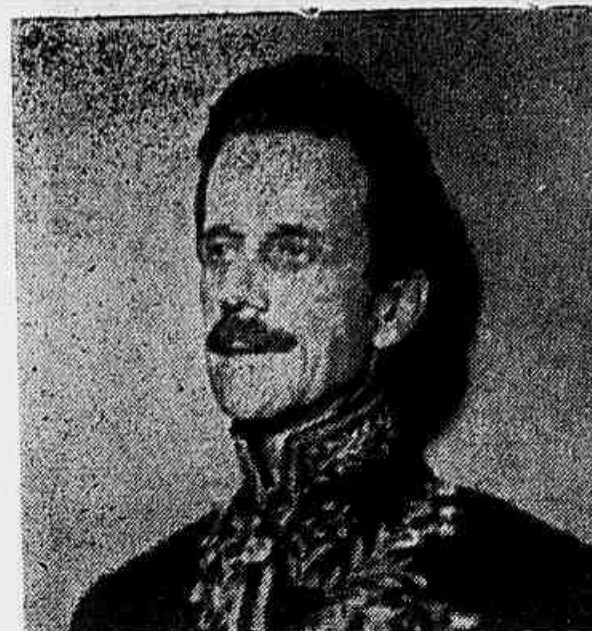
Osmundo Pimentel é um veterano da nossa imprensa. Tem atualmente setenta e cinco anos de idade e cinquenta e três anos consecutivos de jornal. É tão velho na imprensa que se aposentou no "Correio da Manhã" em 1943, com quarenta e três anos de serviço naquele matutino. É redator de "A Noite", há vinte e cinco anos, faltando cinco, apenas, para sua segunda aposentadoria jornalística. Diz o velho Pimentel que se a saúde ajudar, depois dessa nova aposentadoria, vai arranjar um "bico" numa folha qualquer. Não pode passar sem jornal...

— Sou também aposentado do Ministério da Guerra, — diz ele. — O presi-

dente Hermes fez questão de me arranjar um lugar no Arsenal de Guerra e lá trabalhei durante trinta anos, mas sem abandonar os jornais.

Osmundo Pimentel é baiano, veio para o Rio muito jovem e considera-se fluminense honorário, devido aos muitos anos que viveu em Niterói. Quando chegou ao Rio, meteu-se no comércio, especulando na bolsa. Era a época do encilhamento. Foi feliz, chegou a juntar quatrocentos contos, o que naquela tempo era muito dinheiro. Quando houve a reviravolta no mercado, perdeu tudo.

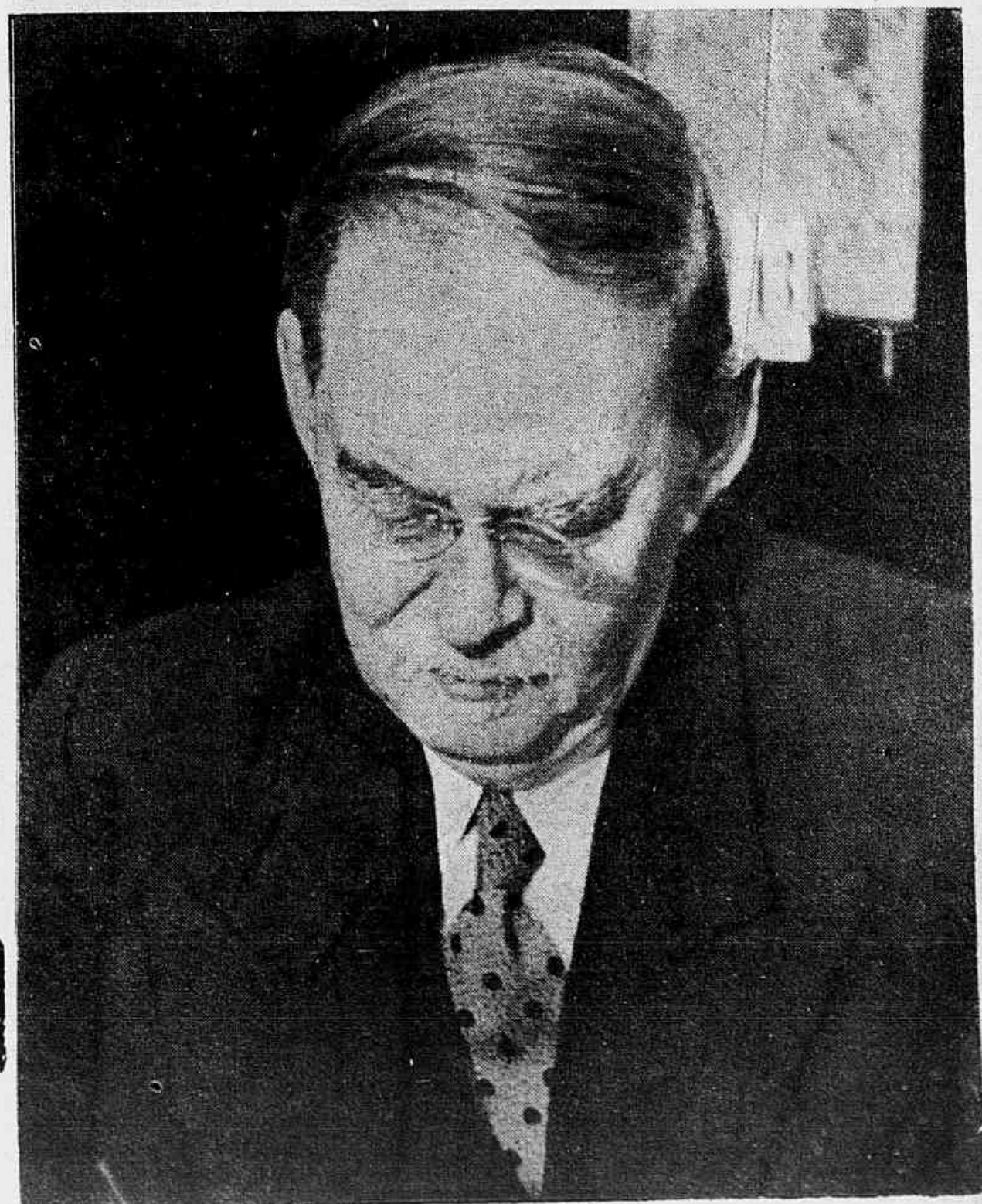
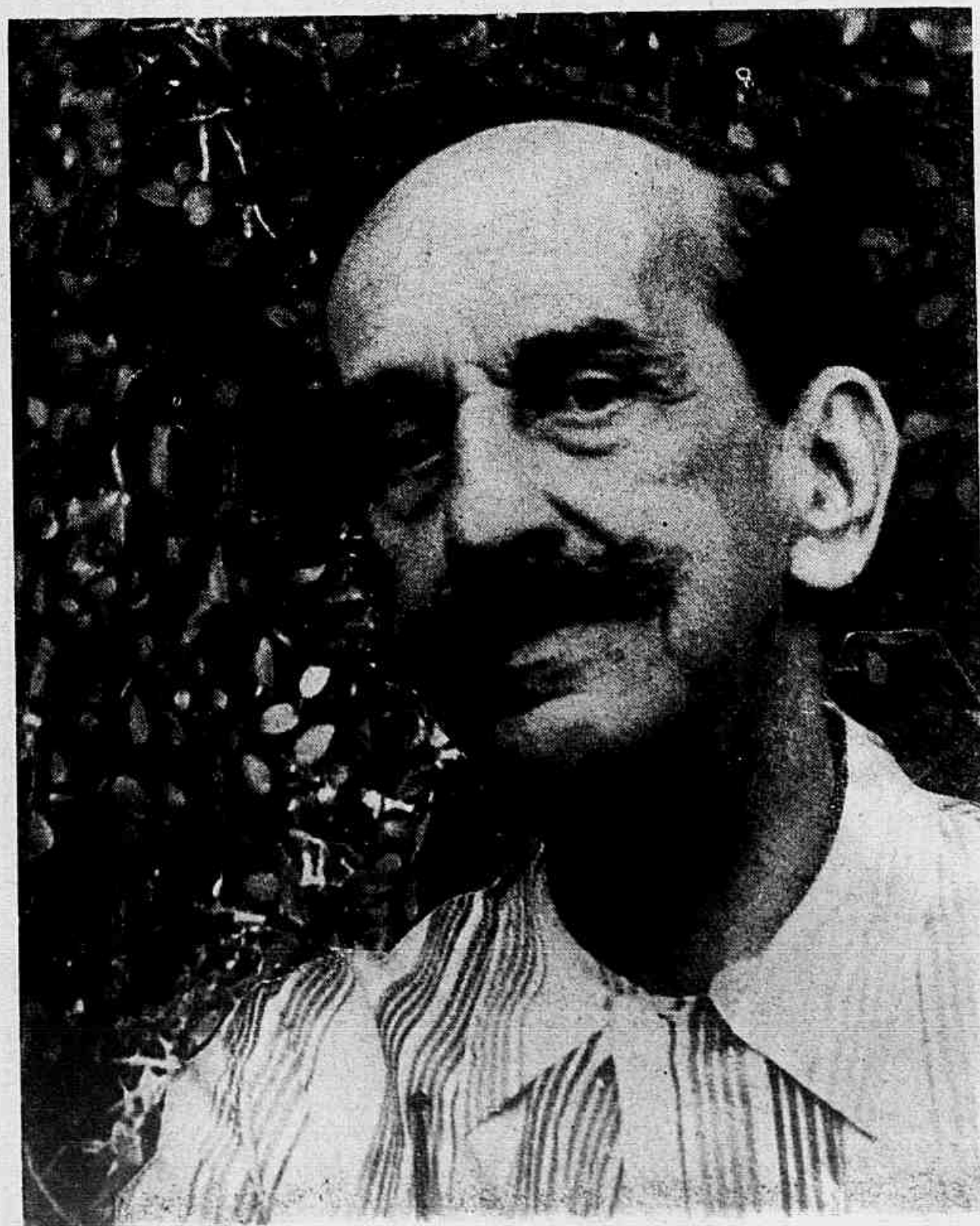
Para esquecer as tristezas, começou sua carreira jornalística. O batismo profissional foi excelente. Iniciou-se ao lado de José do Patrocínio, na "Cidade do Rio". Para Osmundo Pimentel, que se acostumara com uma vida de nababo, os cento e oitenta mil réis que lhe pagava José do Patrocínio, eram uma miséria. "Só com minhas viagens de tilburi gastava o dobro", esclarece-nos. Começou a fazer a secção esportiva do diário e com isso conseguiu mais cinquenta mil réis por mês. No Rio do fim do século XIX só havia dois esportes: "turf" e regatas. Osmundo Pimentel fazia o "turf". Naquela época existiam nada menos de cinco sociedades turfistas com seus respectivos prados. Cada domingo havia "carreiras" em uma das cinco. Eram elas: o antigo Jockey Club, em São Francisco Xavier; o Derby Club, em São Cristóvão; o Hipódromo Nacional, na Rua Afonso Pena; o Turf Club, na Mangueira, e o Prado Vila Isabel, no bairro do mesmo nome, defronte ao antigo Jardim Zoológico. Conta-nos o entrevistado que chegou a conhecer um hipódromo na Praia Formosa, onde se roubava tanto que chegavam ao cúmulo de pintar os cavalos com cor diferente e dar-lhes um nome trocado. O prado foi um dia fechado a tiros, numa tarde chuvosa, quando os "carnes assadas" começaram a correr zai-nos e passar alazões pelo disco da chegada. O nosso entrevistado vai lembrando os velhos tempos. Nunca se arrependeu de ter seguido a profissão de jornalista e de ter abandonado o comércio. Trabalhou em muitos outros jornais, entre os quais "O Dia", cujo diretor era Dunshee de Abranches e em "A Gazeta de Notícias". Em 1906 foi para o "Correio da Manhã", no qual, quaren-

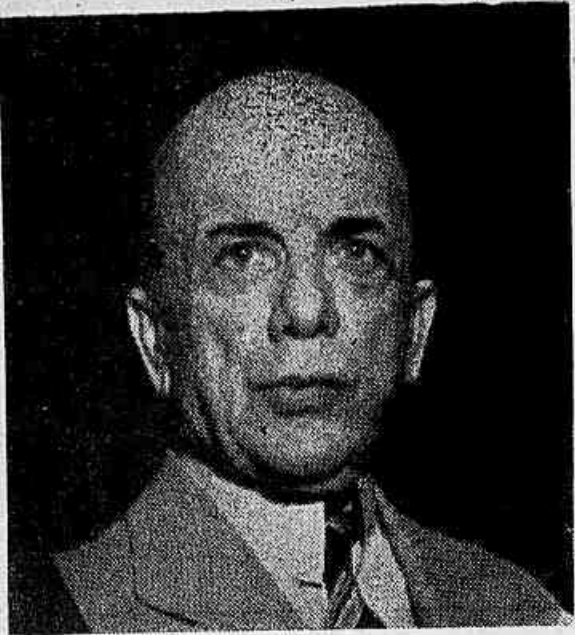


81 anos quase completos, tem o ministro Ataúlfo Nápoles de Paiva, nascido em São João Marcos, no Estado do Rio de Janeiro, em princípios de 1867. Está ainda em plena atividade, presidindo um conselho que controla a distribuição de auxílios às instituições beneficentes.

ta e três anos depois, foi aposentado com todas as honras. Acha Osmundo Pimentel que embora bem garantida por leis trabalhistas, a profissão de jornalista hoje em dia não tem mais o fulgor do começo do século, quando os homens da imprensa ombreavam com os Ministros de Estado quanto às atenções recebidas. "A ABI não faz nada para fortalecer esse prestígio. Não se bate pela causa dos associados como deveria ser da sua obrigação". Osmundo Pimentel foi fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais e seu primeiro presidente. Entre suas recordações profissionais, ele faz questão de mencionar a cena da tentativa de assassinato do presidente Prudente de Moraes pelo anepaçada Marcelino Bispo e da qual ele foi testemunha. A tentativa se consumou na pessoa do marechal Machado Bittencourt que se interpusera entre o criminoso e a vítima escolhida. Sua reportagem sobre o episódio serve até hoje como depoimento para a História. An-

76 anos tem o professor Escragnolle Doria, um dos mais antigos colaboradores da REVISTA DA SEMANA, responsável neste semanário, pela página de assuntos históricos. O professor Escragnolle Doria é o autor do libreto da ópera "Jupira", música de Francisco Braga, com a qual se inaugurou em 1906 o Teatro Municipal.





71 anos tem o acadêmico Claudio de Souza, detentor de um dos maiores êxitos do nosso teatro, "Flores de Sombra", criação de Leopoldo Frois e Apolônia Pinto. Há dez anos, Claudio de Souza consagra o máximo de seu esforço ao Pen Club do Brasil, de que é o fundador e presidente perpétuo.

tes da nossa despedida Osmundo Pimentel acrescentou:

— "Saiba que fui ardoroso florianista e que muito me orgulho de ter pertencido ao décimo primeiro batalhão da Guarda Nacional". Deixamos Osmundo Pimentel, cheio de esperanças e de projetos, tal como era aos vinte anos. Quer conseguir sua terceira aposentadoria e formar como professora mais uma neta.

— "Tenho ainda muita coisa a fazer na vida", foi o que nos disse ao apertar a mão.

JORNALISTA DOS 19 AOS 82 ANOS

Bricio Filho, apesar de ter nascido no Pará, é carioca honorário. Está aqui desde menino, e grande parte de sua mocidade ele a viveu no bairro de São Cristóvão. Aos dezenove anos já era diretor de um jornal, "A Estrela", que vivia dos assinantes daquele bairro. "A Estrela" era vendido a cinquenta réis o exemplar e saía aos domingos. Uma as-

70 anos, recentemente feitos, tem o senhor Raul Fernandes, ministro das Relações Exteriores, no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, e, ainda há pouco, presidente da Conferência Interamericana, em Petrópolis.

sinatura anual custava uma fortuna: dois mil e quinhentos réis. Bricio Filho formou-se em medicina e teve oportunidade de exercer a profissão médica durante a revolta da esquadra contra o governo de Floriano Peixoto, em 1893. O jovem médico chefiou o hospital de sangue do Batalhão Acadêmico, que ficou instalado em Niterói. Sua posição destacada ao lado do governo valeu a indicação de seu nome para deputado, sendo eleito pelo seu Estado natal. Abandonou a medicina e o jornalismo, eleito em seguida, mais duas vezes, pelo Estado de Pernambuco. Naqueles tempos — começo do século — os deputados ganhavam cem mil réis por sessão, "uma verdadeira fortuna", comenta Bricio Filho. Em 1906 fundou "O Século", diário que durou dez anos. Bricio Filho colaborou em diversos jornais, como o "Correio da Manhã", "Jornal do Brasil", "Cidade do Rio" e também na "Revista Ilustrada", de Angelo Agostini, o primeiro semanário de caricaturas aparecido no Rio. Bricio Filho orgulha-se de ser o mais antigo dos nossos turfiistas vivos. Esse esporte foi sempre sua grande paixão. Assistiu pela primeira vez uma corrida de cavalos em 1876, quando tinha doze anos. Apesar de há setenta anos ser um assíduo frequentador de hipódromos, diz que de "corridas de cavalos ninguém entende e é um jogo no qual se perde matematicamente". Há quase vinte anos é o sócio de matrícula número 1 da Associação Brasileira de Imprensa e assina uma crônica turfista diária no "O Globo", sob o pseudônimo de Lagrange. Os jornalistas da velha guarda não se esquecem de um fato pitoresco, vivido pelo decano da imprensa carioca. Quando os velhos "fords" começaram a tomar de assalto a cidade, uma portaria do chefe de polícia proibiu o uso de carruagens, tilburis e semelhantes. Bricio Filho que prezava muito o seu tilburi, não se conformou com a proibição e continuou a andar na sua velha carruagem. O chefe de polícia zangou-se, intimou-o várias vezes e nada. Bricio Filho não a largava. Meses depois, quase à força, ele teve que abandonar o antiquado meio de condução, mas já era conhecido como o homem que possuía o último tilburi da cidade. Quando o entrevistamos na

redação de "O Globo" ele escrevia sua crônica turfista. Pedimos um palpite para o próximo sábado e ele, com sua vasta experiência do ofício, respondeu-nos:

— "Há setenta anos que eu procuro descobrir onde está a "carne assada". Se experiência em "turf" valesse alguma coisa eu estaria rico".

O MAIS ANTIGO DOS NOSSOS REVISTÓGRAFOS

Raul Pederneiras, com setenta e três anos bem vividos, entre vários títulos, carrega este: é o mais antigo dos nossos revistógrafos. Sua primeira revista foi estrelada no começo do século. A peça, escrita de parceria com Vicente Reis, foi levada à cena no Teatro Apolo que funcionava na rua do Lavradio, no mesmo prédio onde está hoje a escola primária Celestino Silva. Em 1908, a companhia Dias Braga estreou no Teatro Recreio outra de suas revistas, "Berliques e Berloques". Mas Raul Pederneiras não foi somente o homem de teatro. Desde rapaz ficou conhecido pelos seus calungas irreverentes, em "O Tagarela", e outras publicações. Durante o governo do Marechal Hermes da Fonseca, fundou um diário revolucionário "A Última Hora", com Luís Peixoto, Olegário Mariano, Casper Líbero (que foi depois para São Paulo e ali criou "A Gazeta") e Andrade Silva. Quando o Marechal Hermes decretou o estado de sítio no Rio de Janeiro, os governistas empastelaram o jornal e Raul Pederneiras só não foi preso porque Ruy Barbosa, seu velho amigo, correu ao seu encontro para avisá-lo das medidas governamentais. Antes de fundar esse jornal, Raul Pederneiras colaborou em muitos outros, como "O País", em 1895, quando era dirigido por Quintino Bocayuva e no "Correio da Manhã", no tempo em que Vicente Piragibe era o secretário da redação. Raul Pederneiras, segundo atestam seus velhos companheiros, foi sempre um dinamo. Escrevia peças, fundava jornais, fugia da polícia e ainda lhe sobrava tempo para ser escritor e professor. Ensinou direito internacional durante trinta e nove anos na Faculdade Nacional de Direito e durante vinte e um anos lecionou desenho na Escola Nacional de Belas Artes.

70 anos é a idade de Calixto Cordelro, que aparece na página à direita, exibindo o primeiro desenho que fez para o jornal "O Mercúrio", por volta do ano de 1900. Professor e caricaturista há muitos anos, Calixto Cordelro continua desenhando, sendo o autor dos anúncios da Loteria Federal espalhados por toda a cidade.

— Com a lei das desacumulações o governo me obrigou a optar. Eu resolvi, então, "apitar" da Escola de Belas Artes.

Como escritor não foi menos extensa sua atuação. Tem em oitava edição o livro "Direito Internacional" e esgotados os livros "Musa travessa" e "Máscara do Riso". Raul Pederneiras tem grande estima pela "REVISTA DA SEMANA", onde colaborou durante quarenta e seis anos, desde o seu primeiro número. E por isso o mais antigo dos nossos colaboradores vivos. Ele nos recorda:

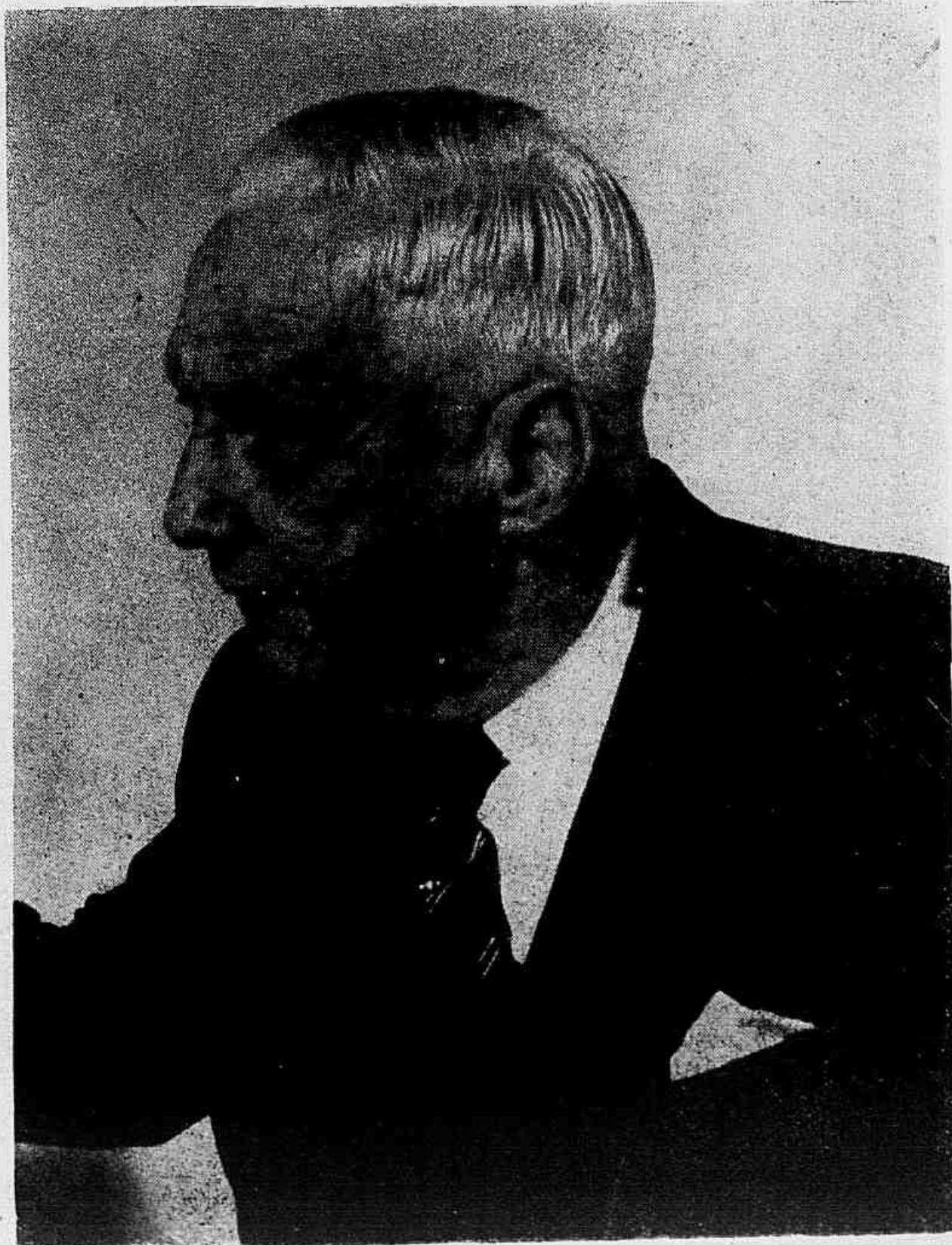
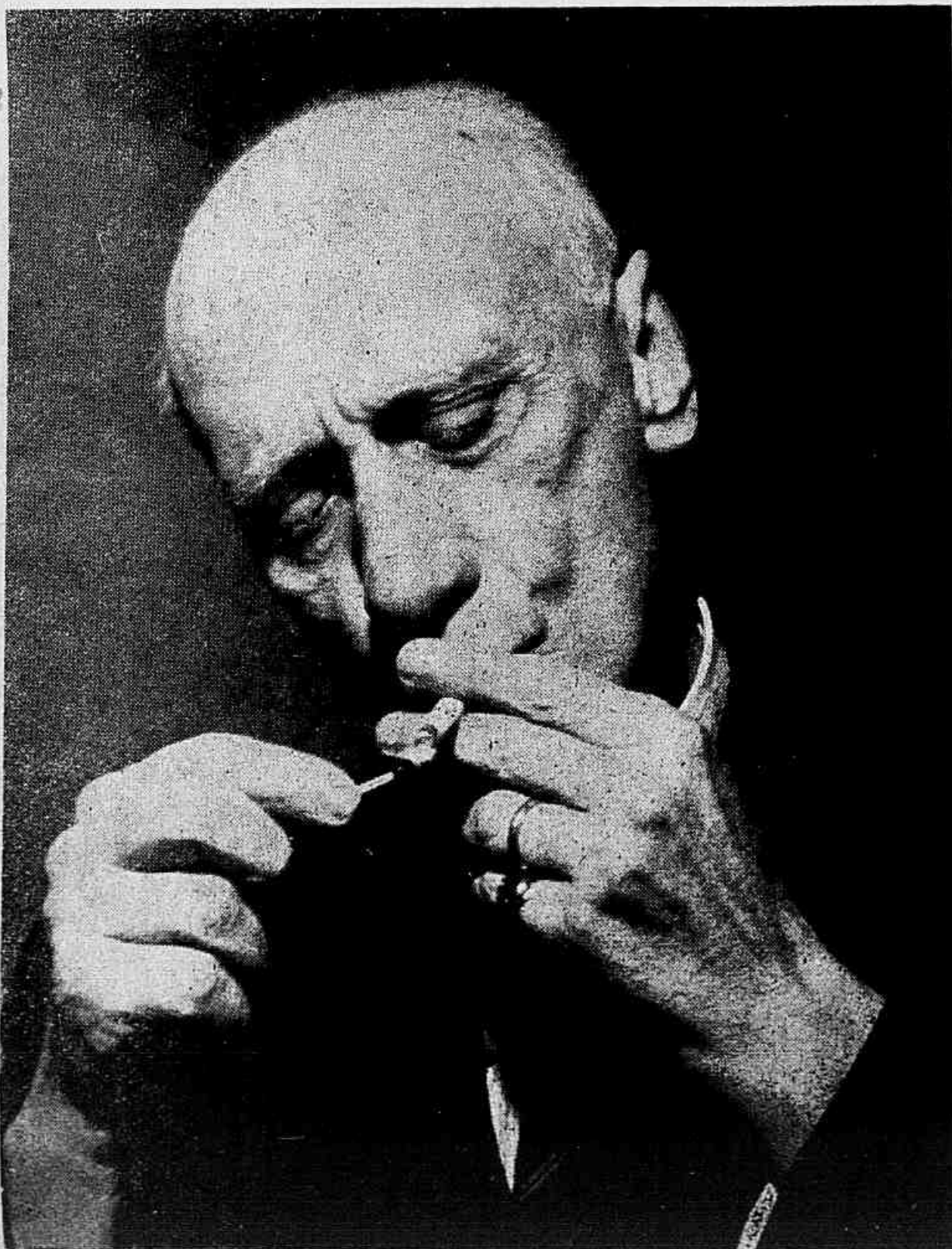
— Ainda me lembro bem de quando o Alvaro de Tefé fundou em 1900 o semanário. Ele trouxera umas inovações gráficas de Paris e assombrou o Rio com a fotogravura. Ninguém sabia o que era isso de fotogravura. O próprio Tefé fundiu o primeiro clichê por esse método e serviu ele mesmo de professor aos seus operários. Continuei colaborando quando a REVISTA foi vendida ao "Jornal do Brasil" e depois, quando passou à propriedade de Aureliano Machado, e, mais tarde, para a do atual diretor. Hoje, como vê, continuo firme aqui no "Jornal do Brasil", escrevendo tópicos e artigos. Não sei parar de trabalhar. Você me pergunta se a vida começa aos setenta... Para mim a vida começa todos os dias.

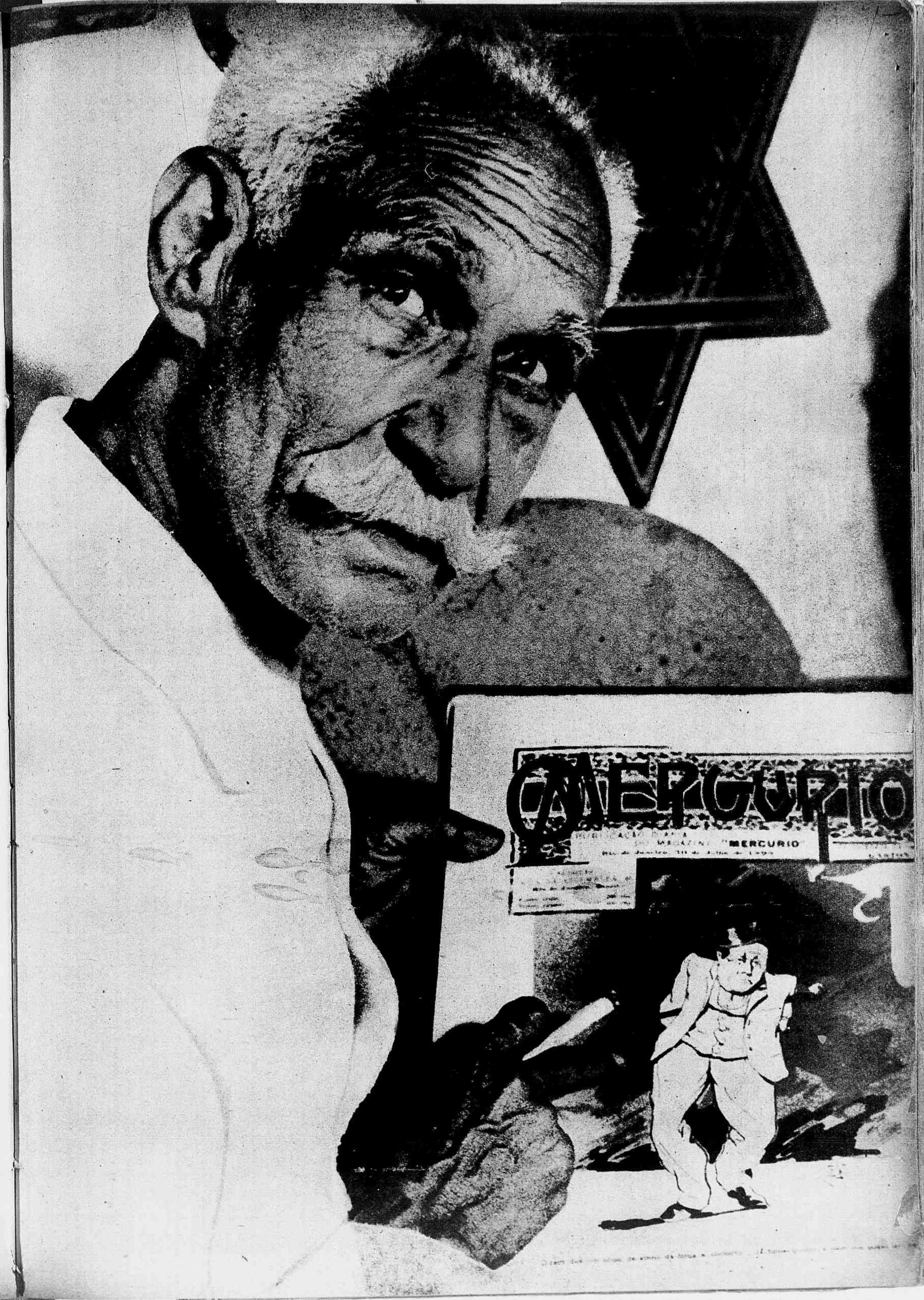
ENTRAR PARA JORNAL? NAO VÊ!

A Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos, mais conhecida como ABCR, é formada na sua maioria por rapazes de menos de trinta anos. Den-

(Cont na pág. 53)

70 anos tem também Cardoso de Menezes, cujas revistas teatrais vêm sendo representadas desde 1906, data da estréia da peça "Casei-me com titia", escrita de parceria com a maestra Chiquinha Gonzaga. Ainda há pouco, fez representar "Fogo no pandeiro", escrita de parceria com J. Maia e levada à cena no Teatro João Caetano.







Em cima: uma cena de conjunto do filme da Tapuia, "O homem que chutou a consciência", — argumento, direção e cenografia de Ruy Costa. Na página à direita: Lourdinha Bittencourt, cantando para os cadetes da Aeronáutica em "Asas do Brasil".

ATIVIDADES DO CINEMA NACIONAL

O cinema nacional está na sua fase de mais intensa atividade, animado pelos grandes sucessos financeiros de "O Ebrio", e de "Este mundo é um pandeiro". Estão prontos para o lançamento vários filmes. Outros estão em andamento. E vários estão em projeto. Entre os prontos estão "O malandro e a granfina", — argumento de Henrique Pongetti, dirigido por Luís de Barros, com Laura Suarez, Claudio Nonelli, Iris del Mar, Silva Filho, Julinha Dias e outros, ao qual já nos referimos, e "Asas do Brasil", argumento de Raul Roulien, dirigido por Moacir Fenelon, com Celso Guimarães, Oscarito, Mary Gonçalves, Paulo Porto, Augusto Agular, Saint Clair Lopes, Alma Flora, Lourdinha Bittencourt e outros elementos. "O malandro e a granfina" é uma produção independente, de Araujo Neto e Claudio Luis, filmada na Brasil Vita Filme. "Asas do Brasil" é uma produção da Atlântida. A Cinédia, de Adhemar Gonzaga, está também reagindo, tendo terminado um filme-musical, "Noites de Copacabana", com a cantora Marlene e o cantor Syl Dutra, irmão de Dick Farney; Vera Nunes, José Olicena e um elenco numeroso, entre os quais algumas das mais lindas "girls-cariocas". Na Cinegráfica São

FILMES QUE ESTÃO PRONTOS PARA SEREM LANÇADOS — PELÍCULAS EM PREPARO — PROJETOS PARA O FUTURO

Luís, Ruy Costa, autor teatral e elemento provado na nossa cinematografia, quer como diretor, quer como argumentista, quer como cenógrafo, acaba de terminar um novo filme, "O homem que chutou a consciência", extraído de sua comédia representada por Jayme Costa no Brasil e por Assis Pacheco em Portugal. Nessa película, surge uma nova e sensacional revelação, — a linda garota Candy Lynn, que é na verdade um encanto. Delorges Caminha faz seu melhor papel no cinema desde "Bonequinha de Seda" e no elenco estão, entre outros valores, Jurema de Magalhães e Almée Lemos. Esse filme é uma produção da Tapuia, nova empresa, dirigida pelo dinamismo de Souza Barros. Na Brasil Vita Filme, está sendo ultimada a filmagem de "Inocência", extraída do

romance do visconde de Taunay, com Maria Delia Costa e Claudio Nonelli nos protagonistas. A direção foi de Luís de Barros, que, no momento, já está trabalhando em "O cavalo número 13", a primeira comédia brasileira da vida turfista, apresentando como protagonistas os popularíssimos comediantes Alvarenga e Ranchinho, juntamente com Manuel Vieira e outros valores. Na Cinédia, Teófilo de Barros Filho acaba de terminar um novo filme de Afonso Campiglia, "Mãe", com Alma Flora, Delorges Caminha e outros, enquanto que Gilda de Abreu está ultimando "Pinguinho de gente", com Vera Nunes, para depois iniciar "Coração materno", em que de novo aparecerá como atriz, ao lado de Vicente Celestino, autor do argumento e intérprete de "O Ebrio". Na Atlântida, está sendo rodado a tódia força, sob a direção de José Carlos Burle, um novo filme de Carnaval, com Grande Othelo, Marion, Oscarito e outros elementos. E, depois desse filme, será feito "O rei do ritmo", uma comédia satírica, de gênero musicado, destacando valores novos no domínio da comichidade. "Os Artistas do Povo", que ora ocupam o Teatro Fenix, estão empenhados em filmar "Agarre seu marido!".

Em baixo: Vera Nunes e José Policena, dois intérpretes de "Noites de Copacabana" (Cinédia), examinando o "script" no intervalo da filmagem; ao centro: Ricardo Lemos e Almée, em uma cena de "O homem que chutou a consciência" (Tapuia); à direita: Candy Lynn e Delorges Caminha, em uma cena desse mesmo filme, extraído de uma peça de Ruy Costa, representada no Brasil e em Portugal.





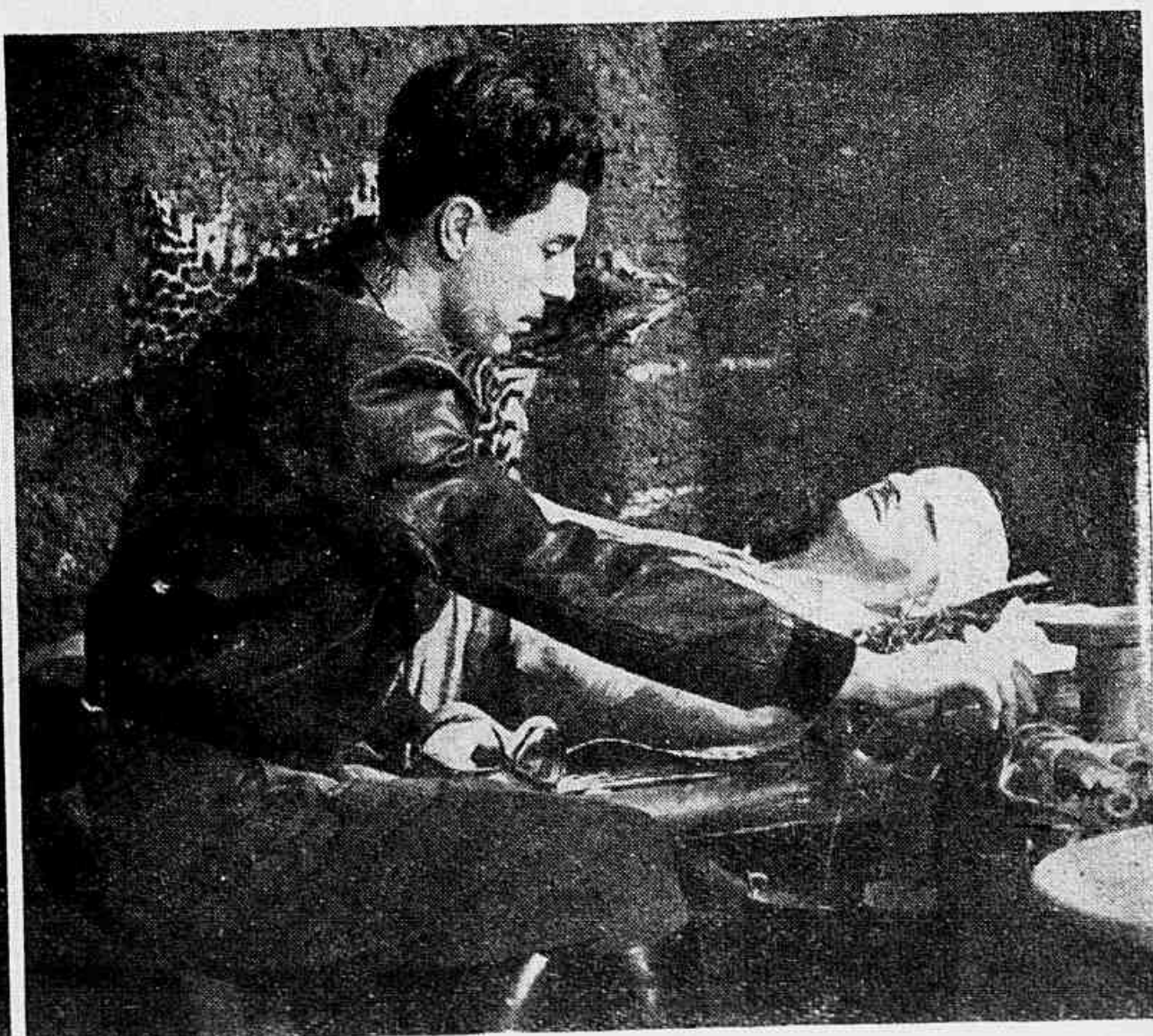




na página a esquerda: Syl Dutra e Marlene, em "Noites de Copacabana". Em cima a esquerda: Syl Dutra (irmão de Dick Farney) em "Noites de Copacabana" (Cinédia) e, a direita, um grupo de "chorus-girls" que aparece na mesma película da Cinédia.



A esquerda: Saint-Clair Lopes e Paulo Porto, em uma cena de "Asas do Brasil" (Atlântida) e, à direita, Candy Lynn e Sandro Palloni, do elenco de "Os Comediantes", em "O homem que chutou a consciência" (Tapula).



Em cima, à esquerda: Violeta Ferraz e Dulce Martins, em uma cena de "Asas do Brasil", a rgumento de Raul Roulien, filmado sob a direção de Moacir Fenelon; à direita: Celso Guimarães, o galã da Rádio Nacional, e Paulo Porto, do rádio-teatro da Tupi, em outra cena de "Asas do Brasil", já uma vez filmada, mas destruída por um incêndio. Todas essas realizações e as que estão em andamento evidenciam o progresso cada vez maior da cinematografia brasileira

NA mór parte do mundo é Novembro consagrado aos Mortos, à ressurreição deles pela memória senão pelas lágrimas dos que um dia fecharam os olhos dos seus.

Os trinta dias de Novembro, mas sobretudo o seu segundo dia, o de Finados, costumam chamar os vivos à lembrança dos eternamente ausentes, embora os progressos de uma civilização bem digna de grifo esteja apagando às pressas, o prazer e o gozo da licença de viver, diante do século atual, já sendo formulada esta pergunta: para que serve existir?

Entretanto nem tudo está perdido. O coração ainda tem muitos fiéis, a ternura ainda é sacrário em muitas almas e pois o undécimo mês do ano, mormente o dia especial de Finados expressivamente se conservam, não só no calendário e nas folhinhas cujo arrancar diário de folhas vai para cada um mostrando o que já se foi de dias vividos, o que resta de horas vincentes.

Novembro é mês primavera e pois, salvo imprevistos, mês de flores pelo inverno trazidas em reclamada espera. E como, segundo Melo Nunes Filho, as flores tanto enfeitam a vida como a morte, parte da messe florida de Novembro vai a necrópoles para adorno tanto a ostentosos mausoléus como as covas singelas, onde a pobreza deixa por último os seus mortos.

Nem se julgue cemitério palavra apenas evocadora de tristeza ou mesmo de terror. Assim, em Hamburgo, um cemitério disposto em plena floresta, com túmulos aqui e ali, mostrava a possibilidade de conduzir a idéia da morte ao seio da poesia.

Que restará do cemitério paisagista hamburguês após a guerra que acaba de pôr o mundo às avessas? Ao invés de esperada paz outra guerra universalizada se anuncia em meio de discórdias sem conta, a ciência desdobrando esforços para servir o mal, para destruir em momentos o que séculos e séculos custaram tanto a dar à humanidade, aligeirando-lhe a já de si penosa passagem sobre a terra.

Por tudo isto Novembro não é mais apenas o mês dos Mortos, pois os próprios vivos estão a contar seus dias ameaçados a toda hora por notícias apavorantes que a voz dos rádios, espalhando em todos os pontos do mundo universo, no qual os mais remotos ignoram o seu possível amanhã, tudo porque um só homem ou grupos de homens resolvem dispôr da sorte do que possa restar da humanidade.

Voltando a Novembro cumpre dizer que há muitos séculos o Brasil, e nele o Rio de Janeiro, conhece a significação especial do undécimo mês do ano no calendário católico tão marcado na história pátria pelas coisas religiosas do Descobrimento a deixar-nos como alto sinal de sucesso histórico aquela Cruz plantada pelos descobridores da armada cabralina a trazê-la nas próprias velas de sua armada de prôa à Índia.

Nunca, jamais, em tempo algum, houve no Rio de Janeiro, deve ter havido Novembro e Finados mais profundamente triste do que a

2 DE NOVEMBRO DE 1894

Desde Setembro do mesmo ano ateiada uma guerra civil entre o porto e a terra carioca, por efeito da revolta da armada nacional pela segunda vez em protesto contra atos governamentais de ofensa à Constituição de 1891, a saber a dissolução do Congresso Nacional e a não eleição presidencial após a renúncia de Deodoro minado de físico e de desilusões, porque mar de rosas em época alguma hão de conhecer governantes.

Quantos ainda sobrevivem a 1894 jamais poderão tirar



Monumento ao Marechal Machado Bittencourt, na praça Marechal Ancora.

da memória a recordação do dia 2 de Novembro daquele 1894.

Por tácito consenso mútuo a cidade amanheceu, viu dia, entardeceu no mais profundo silêncio. Pelo despojar das ruas dir-se-ia cidade deshabitada sem pois visitantes em suas necrópoles desnudas de flores, um ou outro se afoitando a buscá-la.

O próprio tempo escurecido, de céu baixo, largando de vez em quando mais garôa que chuva, panejado de nuvens cinzentas, debruadas de negro.

Nos edifícios públicos de terra bandeiras nacionais a meio páu ocultando nas suas descidas dobras, a divisa Ordem e Progresso, uma e outro tão falhos de significação em momento aflitivo da pátria comum de irmãos divididos, de armas na mão.

Em ronda de proteção a compatriotas e seus interesses achavam-se no porto do Rio de Janeiro, deserto de comércio, vários navios de guerra estrangeiros nos quais também as bandeiras de suas nações pendiam tristemente em honra de Finados, aqui o tricolor da França, ali o azul e branco de Portugal.

*

ESCRAGNOLLE DORIA

NOVEMBRO

Inolvidável para olhos e memória, o 2 de Novembro de 1894 e de vez em quando ainda o recordam quanto no seu transcorrer de horas viram a própria bandeira branca descida quase à flor de água nos silentes navios revoltados de costume presididos pela massa imponente do Aquidaban, o quartel general flutuante do movimento insurrecional, quartel que às vezes se deslocava para saídas espetaculares barra afóra entre sombras da noite cortadas por jatos de luz de holofotes acostumados noturnamente a varrerem céu ou a passarem claridades deslumbrantes sobre determinados pontos suspeitos da vasta baía.

Tal o quadro do transcurso da manhã, dia e noite de 9 de Novembro de 1894, dia e mês consagrados por comemoração de calendário religioso no Império, por feriado oficial na República.

Para esta, desde o dia de sua proclamação em 1889, no Rio de Janeiro, ficou sendo efeméride principal o dia 15 de Novembro de cada ano, indicando fim de quadriênio presidencial e começo de governo de novo presidente da República num Brasil que colonialmente tivera primeiro governador Thomé de Souza em 1549; para boa administração que o recomendando junto à corôa, hoje o recomenda na história pátria.

Descendo a tempos modernos, já frisamos que de quatro em quatro anos o dia 15 de Novembro marcou termo ou convênio de quadriênios presidenciais e, efetivamente, ou com substituições dez quadriênios contou o Brasil republicano de 1889 a 1930, incluído no tempo do primeiro quadriênio o Governo Provisório que com Deodoro por chefe justificava o seu título, por se não eternizar à testa do país.

Todos os períodos presidenciais nossos, civis ou militares, enfrentaram lutas armadas de maior ou menor intensidade, mas nenhum as teve multiplicada como a presidência de Prudente de Moraes chamado o pacificador, após a presidência Floriano.

Herança pesada, entregue com descortesia, sem formalidades oficiais, herança na qual figurou a Campanha de Canudos cujos episódios e crueldades encontraram em Euclides da Cunha o seu documentador histórico a par de um descrevedor de quanto os sertões nordestinos encerram de áspero para a vida sertaneja heróicamente pelo jagunço, de tão fácil presa para o fanatismo religioso como o demonstrou obedecendo cegamente a Antonio Conselheiro.

Finda a luta nos sertões da Bahia, luta ingiória como a de todas as lutas fratricidas, no Rio de Janeiro, a 5 de Novembro de 1897, ocorria no Rio de Janeiro o atentado de 5 de Novembro de 1897, ponto de exaltações partidárias, tomando por alvo principal o presidente da República, Prudente de Moraes, já por pouco não eleito para o cargo pelo Congresso Constituinte de 1891, reunido no palácio de São Cristóvão.

No atentado de Marcelino Bispo, sacrificando a própria, salvou a vida do presidente o ministro da Guerra, Marechal Machado Bittencourt, secundado na defesa pelo general Luis Mendes de Moraes, este gravemente ferido.

Prudente de Moraes desassombradamente presidiria os funerais do seu defensor, na necrópole de São João Batista, negrejante de multidão.

Proclamada a República no Rio de Janeiro, a 15 de Novembro de 1889, seja lembrada para fecho de recordações novembrinas que o ano de 1889 se não encerraria, sem a morte de D. Teresa Cristina, terceira Imperatriz do Brasil, nascida em Nápoles, justo na época de nossa Independência. Curto exílio terminou os dias daquela que, em pátria alheia, já em vida entrava na História com o suave cognome de "Mãe dos Brasileiros", dado por consenso de uma nação.

RUBENS nasceu em 1577 um ano depois da morte de Ticiano. Seu pai vivia nessa época em Slegen, na Alemanha, vindo dum exílio de Colônia, para onde, por sua vez, fora exilado de Antuérpia, nos Países Baixos, sua cidade natal. João Rubens era um professor de leis e um mestre no amor. Enquanto estivera em Colônia, tornara-se conselheiro íntimo do Príncipe Guilherme de Orange e conselheiro ainda mais íntimo da linda esposa do príncipe. Os súditos do Príncipe Guilherme começaram a comentar o escândalo na corte. O ingênuo Príncipe partiu com o exército, para uma campanha militar, deixando o Dr. Rubens prosseguir a campanha romântica em sua casa. O Dr. Rubens era um bonito demônio de língua de azougue e, quando falava fazia o termômetro amoroso de uma mulher subir muitos graus. Ana, a esposa do Príncipe, um belo feixe de reais encantos, fizera-se toda ouvidos às prateadas palavras de amor forçadas pelo seu admirador e amante. Quando o Príncipe Guilherme voltou de suas batalhas encontrou a esposa nos braços do Rubens. Na verdade, Ana estava em estado interessante. Murmurava-se por toda parte que a princesa ia ter um filho do famoso doutor em leis. E agora que Guilherme voltara para a situação de Rubens tornara-se também interessante. Foi aprisionado e condenado à morte. Os lábios que ousaram beijar uma princesa de sangue azul deveriam silenciar para sempre, por uma tal audácia.

Da prisão, João Rubens escreveu ao príncipe uma carta em que pedia desculpas por sua conduta. Lembrava a Guilherme todos os ilustres governadores da história cujas esposas se haviam desviado para os braços de outros homens. Concluiu com este pensamento consolador: "Sua indignação, Senhor, poderia ter sido ainda maior. Afinal, sua esposa foi a amante de João Rubens, um doutor em leis, uma pessoa de categoria equivalente a um barão. Pense um momento; poderia ter sido um açougueiro!"

Arrastado pelo encanto desse libertino dissimulado, o Príncipe perdoou-o e mandou-o para o exílio. O digno doutor arrumou sua bagagem, mudou-se para Slegen, e até o fim de sua vida fechou os olhos às seduições dos amores proibidos.

II

Foi em Slegen que Peter Paul Rubens viu pela primeira vez a luz do dia. Pouco depois do nascimento da criança, o pai morreu. A mãe voltou para Antuérpia com os quatro filhos, e mandou-os para uma excelente escola pública. Peter Paul ignorava o passado de seu pai, mas o germe de Lotário estava em seu sangue. Alto, bem falante, bonito, vivo, aos treze anos tornou-se nagem no palácio da Princesa Margarida de Liene-Aremberg. Ali aprendeu a aspirar o perfume das grandes damas e a espírar com as maneiras de um "gentleman". Aos treze anos já era um cavalheiro cortês do século dezessete. No entanto, Pedro tinha outra vocação mais importante: talento para o pincel. Permaneceu na corte até os vinte anos; a partir daí não precisou manter-se nela por mais tempo. Cortou os laços que o prendiam, arretrou as mangas e ofereceu-se como aprendiz a três artistas flamengos, que logo ultrapassariam em fama e fortuna. Estudou primeiro com Tobias Verhaeght para quem a arte era não tanto um meio pessoal de expressão, quanto um ofício decorativo para consumo comercial. A influência desse homem, ainda que o aprendizado tivesse durado apenas seis meses, permaneceu com Rubens até o fim de sua vida. Para Verhaeght e para todos os seus contemporâneos, com exceção de Rembrandt, a pintura não era uma forma de se trazar a autobiografia da alma de um artista. Era um meio de se executar inteligentes pequenos ensaios coloridos, descrevendo a vida e os costumes da sociedade em que o pintor da corte se movia. Ticiano iniciara a tradição de transformar uma época numa série de retratos individuais de ricos patronos que pagavam altos preços. Paramente, talvez mesmo nunca o artista ousara expressar sua visão própria. Era simplesmente um espelho refletindo o gosto de sua clientela. Aconteceu que Ticiano era um desses espelhos capazes de refletir, de maneira inigualavelmente genial, a cor das coisas que o cercavam. Se algumas vezes o artista procurava refúgio fora de sua própria época, praticamente escapava sempre para a antiguidade clássica. Mas aí também era incapaz de realizar obras pessoais. Com certeza, suas mãos ansiavam por encontrar as raízes de vitalidade existentes na arte clássica. Mas essa vitalidade que brota dos deuses imortais do Olimpo, não produz nenhuma reação na vida pessoal de um artista humano. Não há razão para as lágrimas do homem onde arde o sol de Apolo. Foi nessa atmosfera que Rubens fez seu aprendizado com Verhaeght.

Passou da tutela de Verhaeght para a de Adam van Noort, mais conhecido como um vilão e um bebedor do que como pintor. Era grosseiro e desagradável até a medula dos ossos. Enquanto suas mãos misturavam as tintas, seus lábios estavam úmidos de álcool e seus olhos se turvavam com pensamentos lascivos.

A VIDA DE RUBENS

PETER PAUL RUBENS — (1577-1640)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Não era um mestre apropriado do elegante jovem cortesão, que o deixou pouco depois, oferecendo-se a um terceiro instrutor, Otto van Veen. Esse homem era um conhecedor da cultura clássica. Como Atlas, trouxera em seus ombros as tradições da arte italiana de Roma e Nápoles para o Norte da Europa. Copiou laboriosamente os quadros de Ticiano e Tintoretto e soprou o espírito da Renascença através de rijas narinas. Passou a Rubens uma buforada desse espírito sob a forma de preceitos clássicos e regras extraídas dos livros de texto. Rubens conseguiu libertar-se dessa influência somente depois de vinte anos de árduo trabalho.

Pouco tempo depois de sua estada na casa de Otto van Veen, Rubens se propôs como membro do grêmio de artistas de São Lucas, na Antuérpia.

Foi aceito sem hesitação. Tinha pouco mais de vinte anos, nessa época. Entretanto, por intermédio desse grupo, recebeu a incumbência de realizar algumas decorações cívicas. Três anos depois, fez sua primeira viagem à Itália, estudando cuidadosamente as grandes obras-primas da Renascença.

III

Tinha então vinte e três anos, olhos vivos, andar firme e as maneiras polidamente afetadas de um cortesão. Gostava de distrações de salão e passeios no jardim. Adorava os momentos de convívio social no minuetto, e os sonoros apelos das conversas amáveis. herdara a compleição nórdica, os olhos inteligentes e a boca aristocrática de seu pai. Era quieto e digno, e sempre reservado. Cada palavra que saía de seus lábios passava pela censura de suas próprias restrições. Não tinha o ardor artístico de uma catarata em montanhas selvagens, mas o entusiasmo brando de um regato nas rochas de um jardim. Falava e escrevia grego, latim, francês e italiano, além do flamengo, sua língua natal. E quando falava não tinha intenção de fanfarronice mas apenas um

supremo senso de controle. Nenhuma de suas cartas revela o menor traço de espontaneidade, de sentimentalismo, ou de pretensão. Quando se expressava através da pintura, fazia-o em cores opacas, fantásticamente distribuídas, que encobriam, como máscara sagrada, o espírito do homem.

IV

Na Itália, parou em Veneza. As decorações quentes e luminosas dos venezianos impressionaram-no grandemente. E decidiu tornar-se um virtuoso na mistura de pigmentos. Vincenzo Gonzaga, duque de Mântua, encontrou-o, interessou-se logo por ele, ofereceu-lhe emprego. O duque era um genuíno amante da arte, e contraiu pesadas dívidas acumulando tesouros artísticos. Esvaziou os bolsos e cobriu as paredes de sua casa. Servia refeições exóticas e pratos arrumados de maneiras tão complicadas, que despertavam a admiração de seus convidados. O tempo que levavam em se preparar e em que estariam prontos para comer, daria para encomendar um segundo banquete, uma exata duplicata do primeiro, que já esfriara. O duque contratou Rubens para uma série de retratos dos membros de sua corte. "P. P. R. está tendo um perfeito êxito, nesse gênero" escreveu ele a um amigo. Pedro Paulo teve também um perfeito êxito conseguindo a inteira confiança do duque. Era prudente, muito prudente com lábios finos que comprimiam segredos, que sofriam arditamente para solicitar mais segredos ainda, que pediam informações mas que raramente davam conselhos e sempre estavam prontos a beijar as mãos de uma senhora — especialmente se essa mão se achava adornada de jóias.

Em 1603, três anos depois de haver encontrado o duque, Rubens foi mandado ao rei da Espanha, Filipe III, acompanhando parte dos mensageiros. Tinha a seu cargo uma série de quadros que o duque enviava como presente ao monarca. Toda viagem se faz sob chu-

va. Com a umidade, os quadros se estragaram. Rubens recusou-se a retocá-los. "Não desejo confundir-me com qualquer outro homem, mesmo que seja um grande homem", observou ele. Mas pintou dois quadros originais a fim de substituir os que estavam mais seriamente danificados.

Quando chegou à Espanha, desprezou os quadros dos artistas locais, mas procurou a galeria dos trabalhos italianos importados. Os artistas nativos pintavam as cenas familiares do país — paisagens, animais, retratos de gente humilde. Os olhos de Rubens procuravam, no entanto, os retábulos dos altares da Renascença Italiana. Seu cérebro era como uma casa frequentada pelos fantasmas de Tintoretto, Ticiano e Rafael — espíritos bastante capazes de seduzir, pelo colorido, a imaginação do impressionável moço. Sentiu que devia mergulhar seu pincel no vinho e cobrir as telas com chamejantes pinceladas. Tinha a obsessão de recriar a Venus de um Ticiano ou de um Giorgione, de aprender de novo o segredo que possuíam para reproduzir as cores quentes da carne. Não seria um empreendimento muito arrojado para um pintor do Norte? Recapitular a arte que nascera sob o sol italiano? No entanto, era isso exatamente o que pretendia fazer, e conseguiu quase inteiramente.

Da Espanha voltou a Roma. Fez uma excursão a Milão, onde copiou a última Ceca, de Leonardo, e pintou diversos quadros religiosos para os Jesuítas. Quais foram suas atividades nesse período de sua vida? Por um lado, tinha ambições heróicas. Seria melhor tentar o Juízo Final à maneira de Miguel Angelo, do que qualquer outra coisa. Poderia pintar o mundo inteiro nas telas. Seus poderes de execução, contudo, eram inferiores à sua ambição. Sua composição era defeituosa e sem originalidade. Não era capaz de distribuir uma multidão de figuras em cena. Seu desenho, de modo algum podia ser considerado perfeito. E seu gosto era passível de objeções. Atraído pelo naturalismo exagerado da arte de Miguel Angelo, imitou seus maneirismos mais do que sua maneira. Acentuou a desproporção e as posições lascivas, sem refletir a vitalidade e o poder dinâmico de Miguel Angelo. Era um poeta neófito copiando as imagens sensuais de Byron sem a poesia que transforma esse sensualismo em arte. Encontramos-nos diante do estranho paradoxo do jovem Rubens, como homem o próprio modelo da cortesia e do controle, pintando, nesse período inicial, com extremo abandono e negligência. Pintou uma Assunção do justo que parece "uma chuva de pequenas figuras nuas". Sentia-se fascinado pela carne humana nas telas. Desprezou uma técnica metódica, que agradaria ao espírito, por uma pródiga ostentação de cor, que agradava à vista. Contou com o efeito luminoso das galerias de pintura para dissimular os defeitos de seus quadros. Usou sombras para encobrir os defeitos de suas cores. Pintou uma Madona, numa prancha de lousa, e assim as cores enganariam facilmente e não seriam afetadas pelos reflexos das luzes contrárias. "Não preciso inquietar-me para fazer um trabalho muito perfeito e muito bem acabado, porque ninguém poderá julgá-lo, numa luz tão má", acentuou. E de suspeitar-se que a má luz disfarçasse em Rubens a indiferença e o mau gosto herdados de seu pai. Nos sombrios recantos de seu autorretrato, oculta-se a obsessão de ser completamente pagão, enquanto nos lugares bem iluminados, dançava o minuetto.

V

Em 1618, enquanto vivia em Roma, sua mãe morreu. Rubens fora profundamente ligado a ela e recebeu o golpe com amargura. Permaneceu recluso durante vários meses. Depois, demitiu-se do serviço do Duque de Mântua e estabeleceu-se por si mesmo. Voltou para Antuérpia, indo viver com seu irmão Filipe, secretário do conselho da cidade. Filipe era casado com Maria de Moy, filha de um corregidor político. E Maria tinha uma sobrinha cujos olhos refletiam o céu. Contava dezoito anos e seu nome era Isabela Brandt. Rubens viu-a e apaixonou-se por ela. Casaram-se no ano seguinte. Foi a primeira mulher de alguma real significação em sua vida. Começou a usá-la como modelo em sua arte. Sua figura ampla e suas covinhas risonhas animam vários dos mais belos quadros de Rubens.

Tinha apenas trinta e dois anos nessa época. Porém, como Ticiano, já alcançara sucesso financeiro. O Duque de Mântua lhe dera um salário compensador. Seu irmão Filipe conseguira arranjar-lhe uma série de encomendas dos grãos-burgueses de Antuérpia. Construiu ele próprio uma casa desenhada à maneira de uma mansão italiana. Adquiriu uma grande coleção de tesouros de arte da Itália e preparou-se para viver em grande estilo. Era em tudo um completo classicista — incluindo sua ternura por Venus. Pintava o dia todo. E depois, quando o crepúsculo descia sobre a cidade, montava a cavalo e passeava pelas margens do rio Scheldt, perdido em sonhos. Fixava os olhos nos barcos holandeses que navegavam indolentemente rio abaixo, numa região triste e quieta, de verdes campos, vivendas cinzentas, e ao fundo a torre sombria da



Peter Paul Rubens, o famoso pintor flamengo, nascido na Alemanha.





Na página ao lado — "Paz e guerra" — Detalhe de um quadro de Rubens, pertencente à coleção da National Gallery, de Londres. Ao alto: Quadro executado em parte por Rubens, o mestre, e por Van Dyck, o seu discípulo. Pertencente à National Gallery, de Londres.

velha catedral, agitada pela tempestade. Lentamente a sólida beleza rústica do cenário gravou-se nele, e começou a esquecer os cumes coloridos de Veneza e o lindo céu italiano. Aqui estava uma natureza rude e honesta, que desejaria ser pintada. As nuvens enfumaçadas de Antuérpia, tanto quanto o por de sol italiano, eram dignos de representação em telas. E quem as pintaria melhor do que um filho de Flandres? Suspeita-se que Rubens tenha sido lentamente afastado de seu amor por todas as coisas italianas graças a seus passeios a cavalo pelas margens do rio Scheldt. Em vez de copiar o ouro e o brilho que outros — os próprios italianos — fizeram tão bem, Rubens decidiu reproduzir a beleza simples de seu próprio país. Resolveu colocar-se a frente de uma escola flamenga de pintura. A partir daí cessaria de tentar transplantar seu gênio nórdico para a terra exótica da Itália.

Os membros da escola flamenga de pintura, mestres como Brueghel, Van Bolen e Jordaens, eram peritos no pincel. Pintavam cenas simples da vida da cidade e do país. Importavam-se menos com as borlas e os ornamentos das grandes, do que com os dedos chatos do sapato de um camponês. Consideravam-se não da corte e da grande nobreza, mas da burguesia, das classes médias nascentes, ambiciosas e industriais. A textura de um tijolo numa parede, a menor descrição de um paralelepípedo na rua — tudo isso pintavam com extraordinária técnica. E foram os mestres do processo de claro-escuro. Ao contrário dos italianos, que dependiam de extensas massas de cor, trabalhavam desde o preto até os matizes da mais profunda luminosidade, a escola flamenga começava com valores muito altos e, por sutis gradações, descia a delicadas sugestões e nuances. Quase não davam atenção a efeitos decorativos. Operavam a maior parte das vezes em tons graves.

Em nenhuma época de sua vida, nem mesmo quando se reuniu a escola flamenga, Rubens pôde romper completamente com a tradição veneziana. Foi até o fim, como Ticiano, um supremo colorista. De certa maneira, tornou-se o enfant terrible da escola flamenga. Entretanto, suas obras-primas datam des-

se segundo período de sua arte, em que aprendeu como aplicar os princípios de chiaroscuro — isto é, a distribuição equilibrada de luz e de sombra para produzir uma perfeita harmonia de cores.

Tinha excesso de encomendas. Fez então uma coisa extraordinária. Abriu o que se poderia chamar uma fábrica de quadros, recrutando uma escola de alunos para trabalharem nos pequenos detalhes de seus quadros, depois de haver desenhado o esboço geral. Tornara-se tão popular que se viu obrigado a recusar mais de cem candidatos à sua fábrica. A partir daí, tem havido controvérsias a respeito da autenticidade de muitos dos quadros que trazem o nome de Rubens. Não sabemos quantos foram feitos pela mão do mestre e quantos pelos alunos. Seus alunos não eram de maneira nenhuma novíços na arte. Na realidade, um deles foi o famoso Van Dyck, situado como retratista, próximo a Ticiano e Velázquez. Rubens era um homem de negócios. Quanto a isso, não existem dúvidas. Muitas pessoas se escandalizaram com a fábrica. Entretanto, o gênio de Rubens, diferentemente do de Rembrandt, não consistia na vitalidade de sua expressão pessoal e de sua penetração individualista. Foi principalmente um decorador e um dos pintores de espírito mais objetivo de que se tem conhecimento. Interessava-se francamente pelo aspecto comercial de sua arte. Deixava que os alunos fizessem o grosso do trabalho. Com poucas pinceladas suas, os quadros poderiam alcançar mesmo o preço mais alto. Arte era um negócio, não um impulso divino. Aqueles que procuram o artista romântico, e tudo que se associa ao movimento romântico, devem desviar-se de Rubens, antes que se tornem desiludidos. Muito do valor sensível da vida, muito do valor da verdade apaga-se numa orgia de cor quando os pintores desse período iniciavam seu trabalho. Intelectual e artisticamente, o século dezoete foi talvez o mais cabotino de todos os séculos.

No princípio, os fregueses de Rubens não aceitaram com bastante benevolência pagar largas somas de dinheiro por quadros em que havia apenas um toque

aqui, outro lá, da mão do mestre. Mas logo se conformaram com a idéia. Um deslizar do pincel de Rubens, poucas correções apressadas, e ninguém poderia distinguir os alunos do professor. Dessa maneira, Rubens teve possibilidade de se encarregar de decorações de igrejas em larga escala, quadros de gênero e retratos de família, tudo isso reunido numa febre de produção em massa. Desde que a maioria dos quadros eram pendurados em igrejas e palácios mal iluminados, as manchas não se revelavam aos olhos do leigo. Além de aumentar a conta corrente do proprietário no banco, a fábrica servia a um objetivo social. Empregava meio cento de artistas que se não possuíam iniciativa criadora tinham méritos técnicos, e os conservava constantemente no trabalho, quando, de outra forma poderiam ter morrido de fome. Entretanto, o sistema sufocava toda originalidade da arte dos alunos e encorajava os maneirismos do mestre. A maior parte da produção era agradável à vista pelo colorido, mas não convincente pelo valor. Talvez uma parte dos quadros seja de obras-primas. Isso é especialmente verdadeiro quanto à obra de Van Dyck. Este aluno imitava o mestre com tanto sucesso, que hoje os críticos de arte ficam indecisos para atribuir a qual dos dois devem ser atribuídos muitos dos quadros que aparecem com o nome de Rubens.

Quanto ao leigo, perde-se completamente quando tenta encontrar um Rubens autêntico. A razão disso é revelada pela seguinte carta que enviou a um patrono: "Um Prometeu Algemado no Monte Cáucaso, com uma águia a lhe devorar o fígado: trabalho original de minha própria mão, a águia feita por Snyders (um assistente), 500 florins. Daniel entre muitos leões, tirado do natural; trabalho original, inteiramente de minha mão, 600 florins. Leopardo pintado do natural, com sátiras e ninfas: quadro original de minha mão, exceto uma linda paisagem feita por um artista hábil nesse gênero de trabalho, 600 florins. Um Juízo Final começado por um de meus alunos... Como o presente trabalho não está inteiramente acabado, eu mesmo o retocarei todo, e assim poderá passar por um original,

1200 florins... Um trabalho representando Aquiles disfarçado em mulher, pintado por meu melhor aluno e inteiramente retocado por mim, quadro muito agradável, e cheio de jovens graciosas, 600 florins". E assim por diante...

Rubens era um classicista em sua arte. E tinha uma noção clássica de negócios. Escreveu uma vez: "Para se alcançar um grau de perfeição como pintor, é necessário não somente conhecer-se as estátuas antigas, mas estar-se interiormente imbuído da verdadeira compreensão delas". Indubitavelmente, compreendeu de maneira completa a imagem do bezerro de ouro.

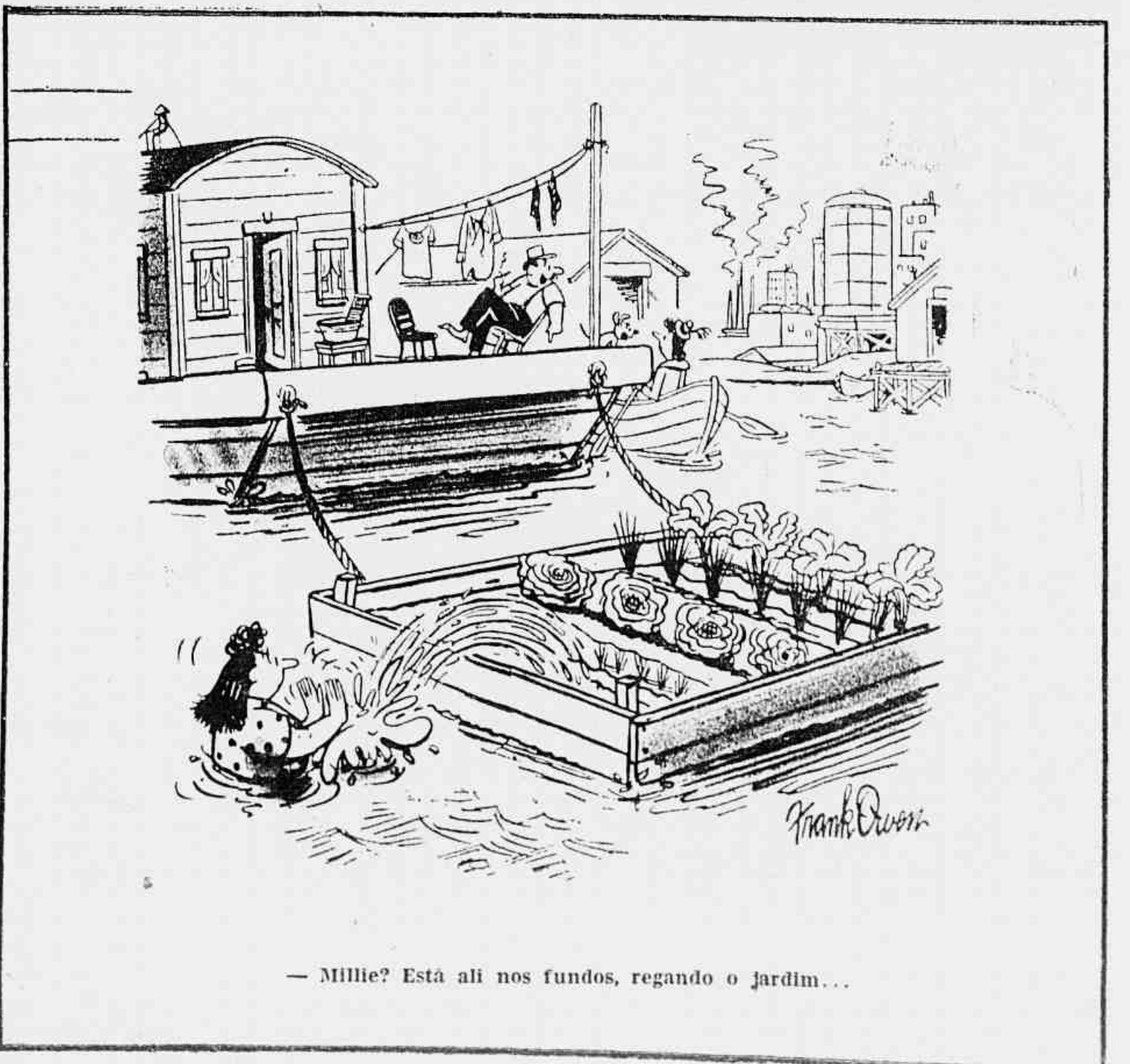
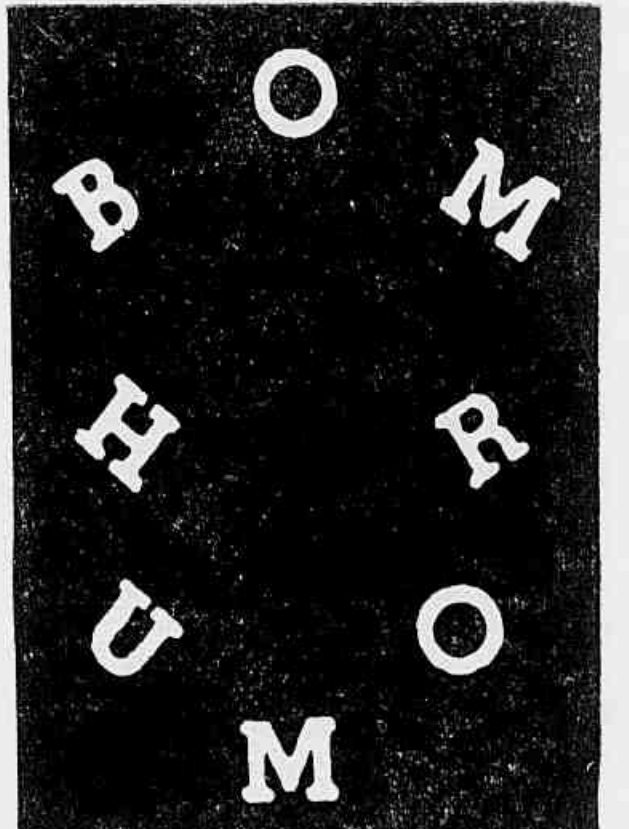
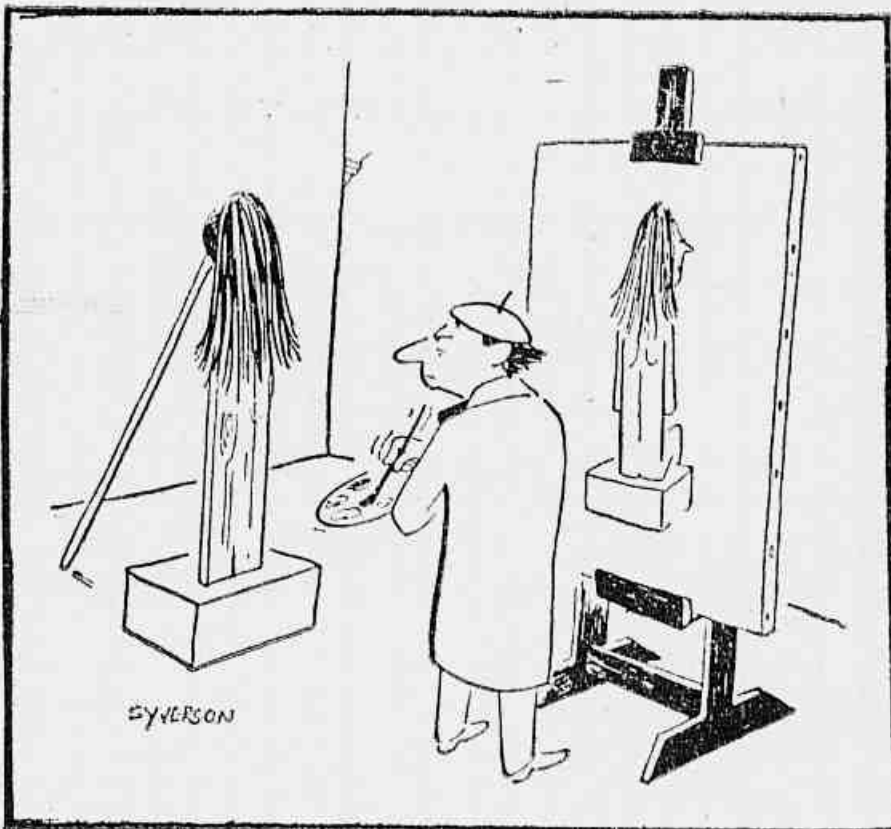
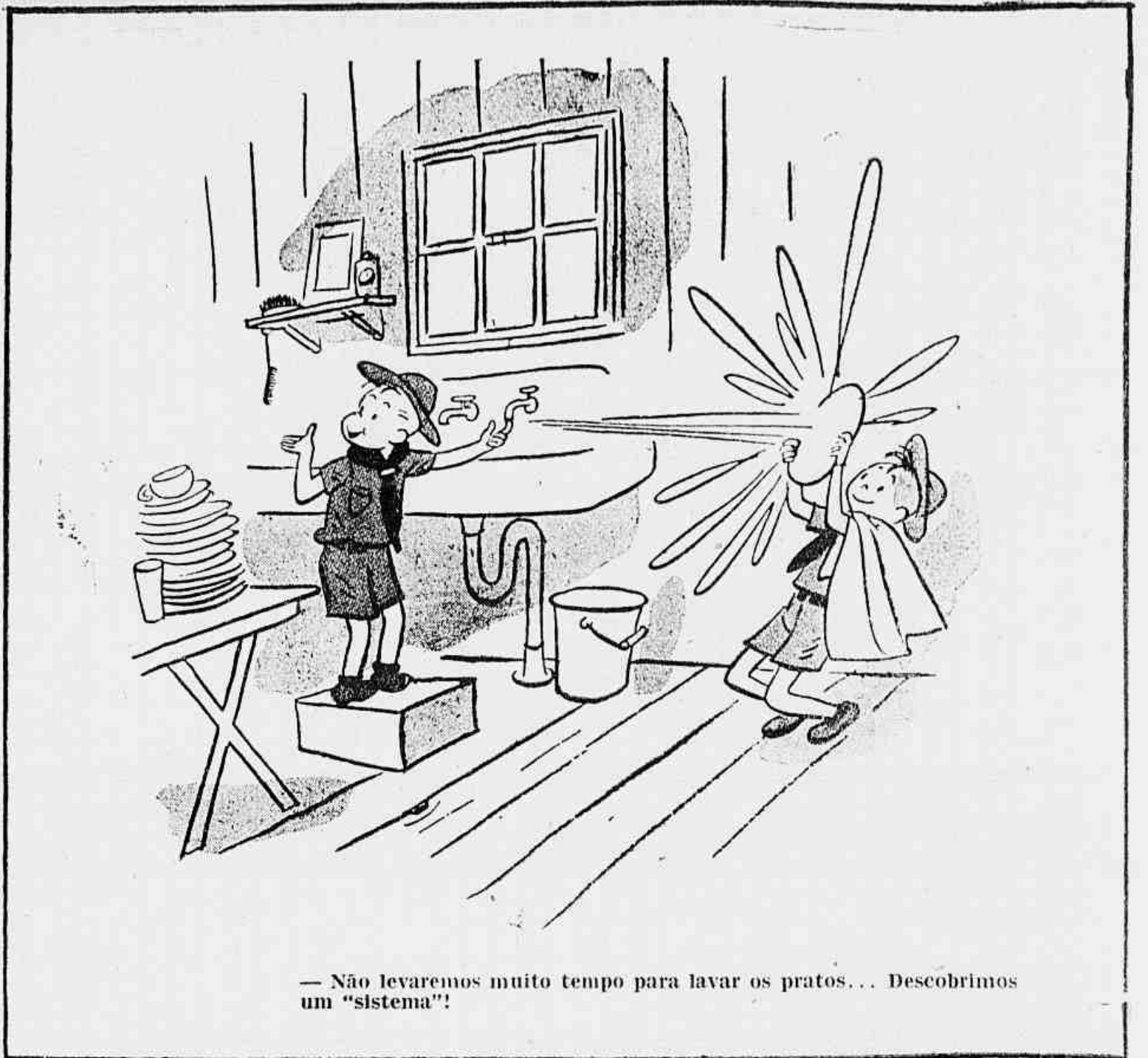
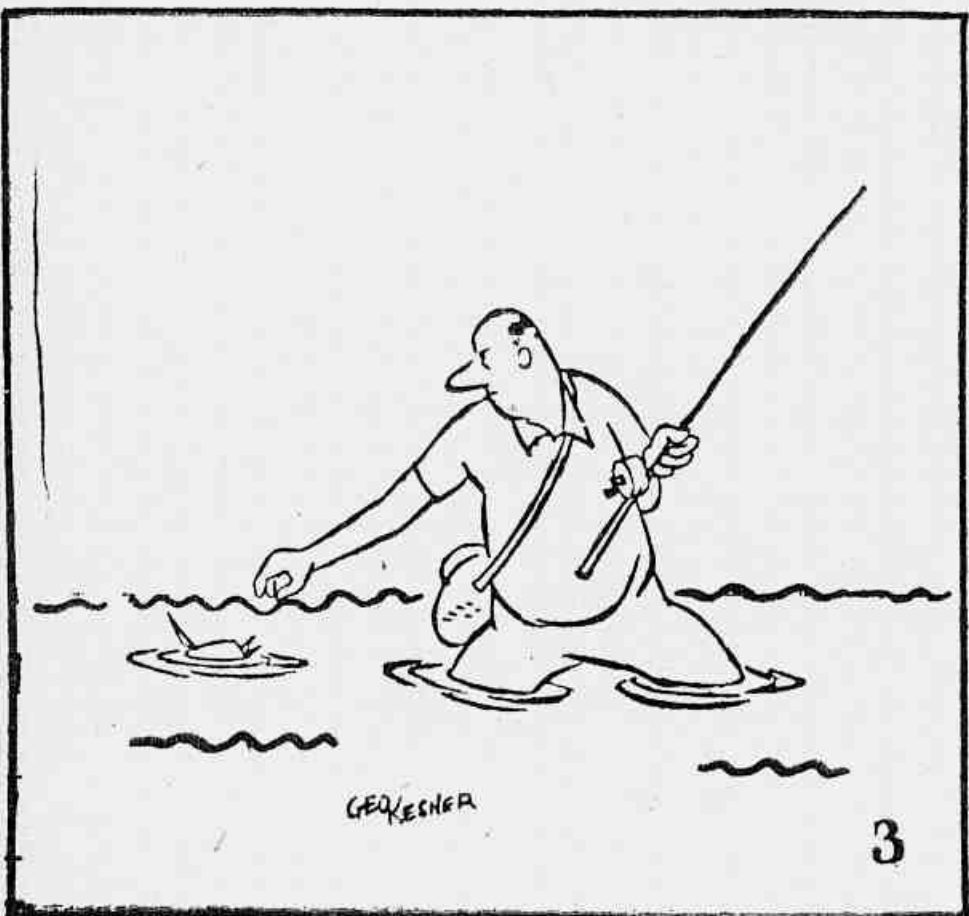
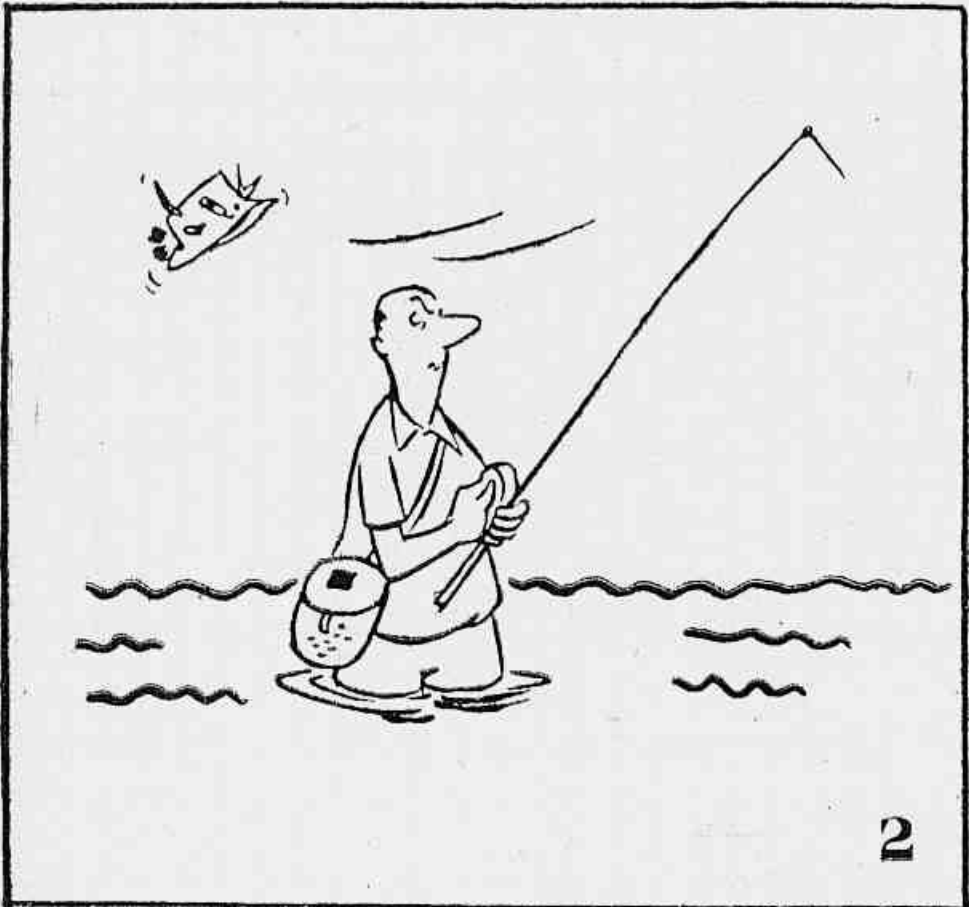
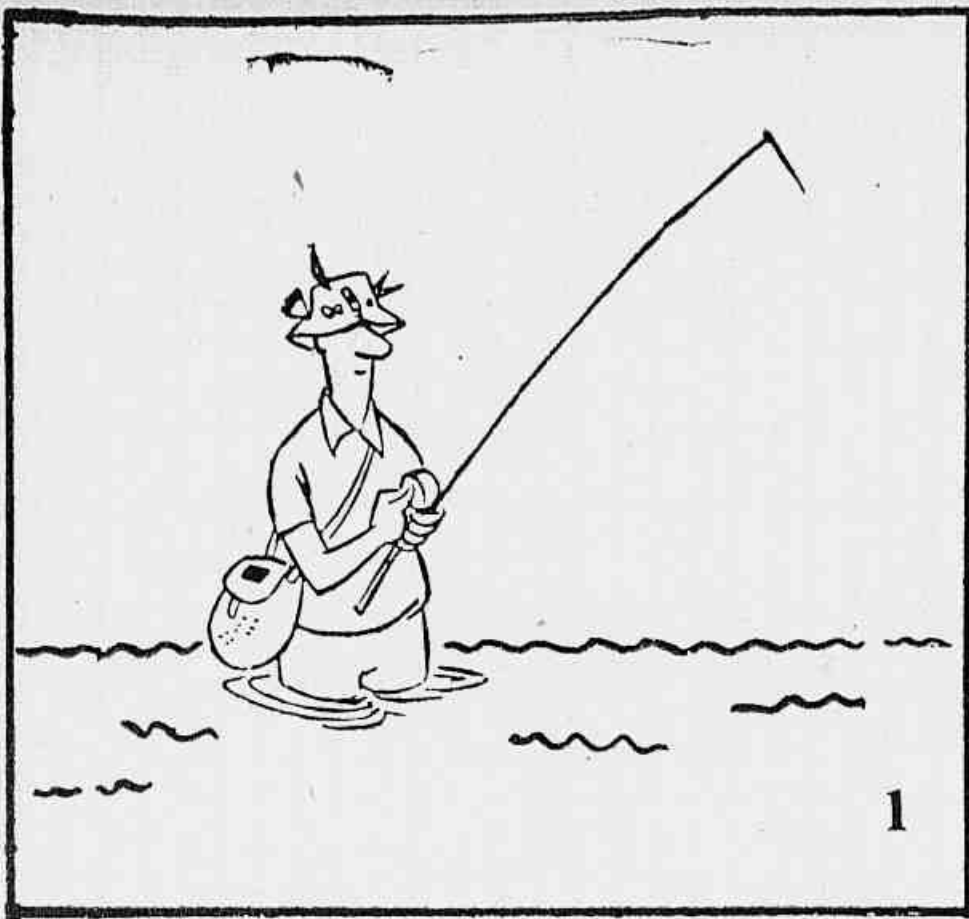
VI

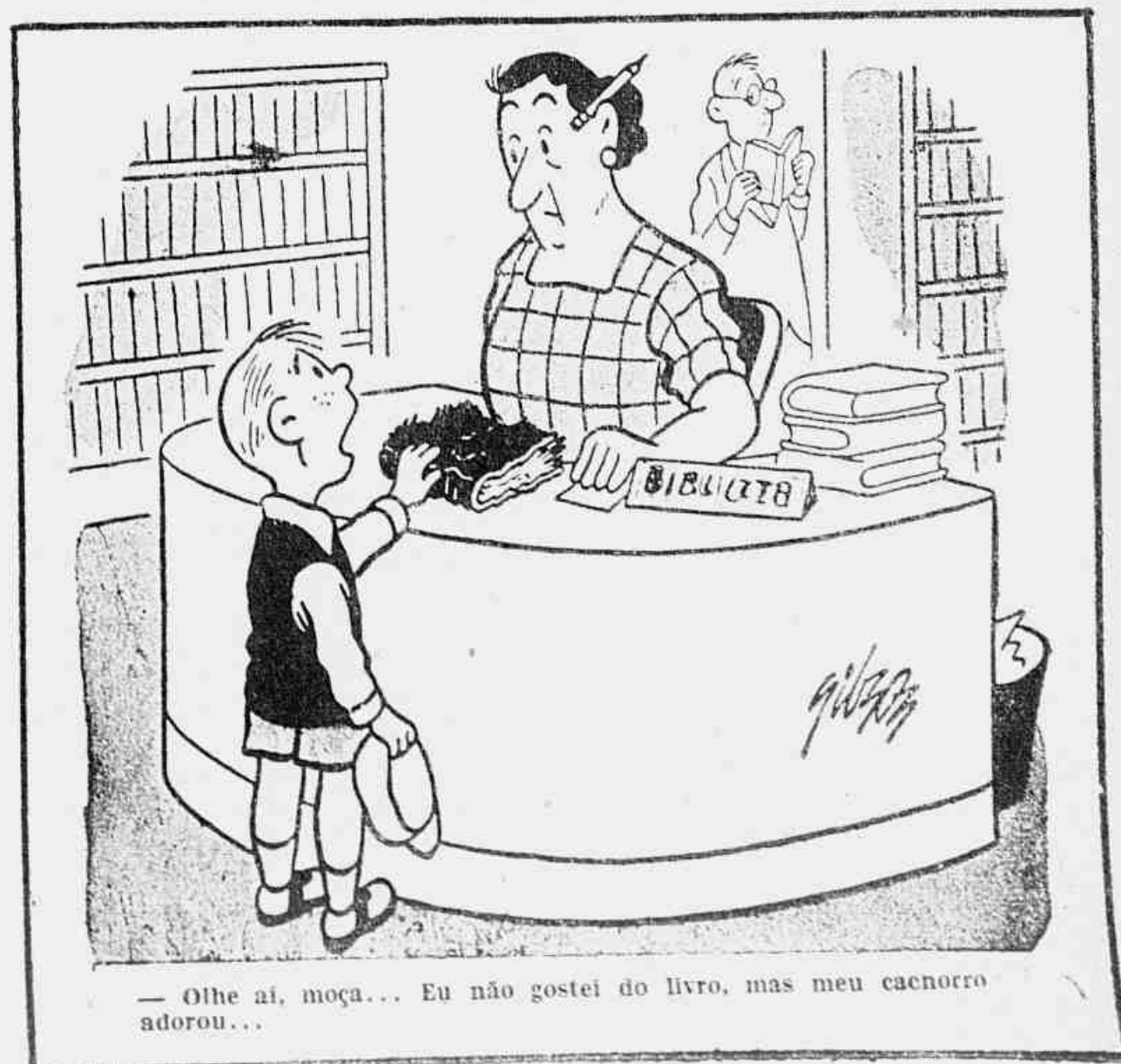
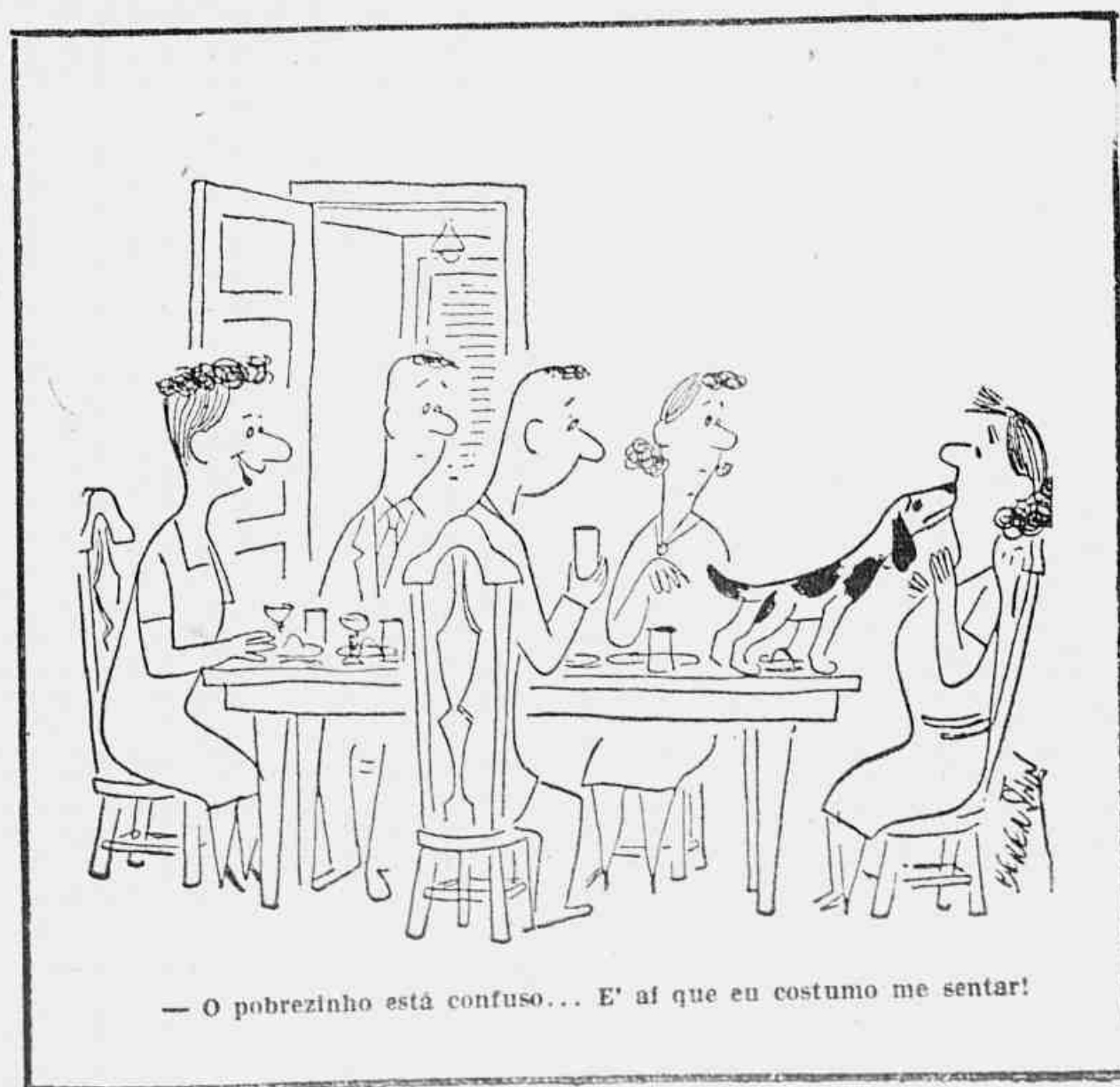
Rubens tinha quarenta e um anos. Fortemente favorável à Espanha, na política, era tanto um diplomata quanto um pintor. Reis e rainhas podiam utilizá-lo. A situação política da Europa, nessa época, era formada de uma mistura de más administrações.

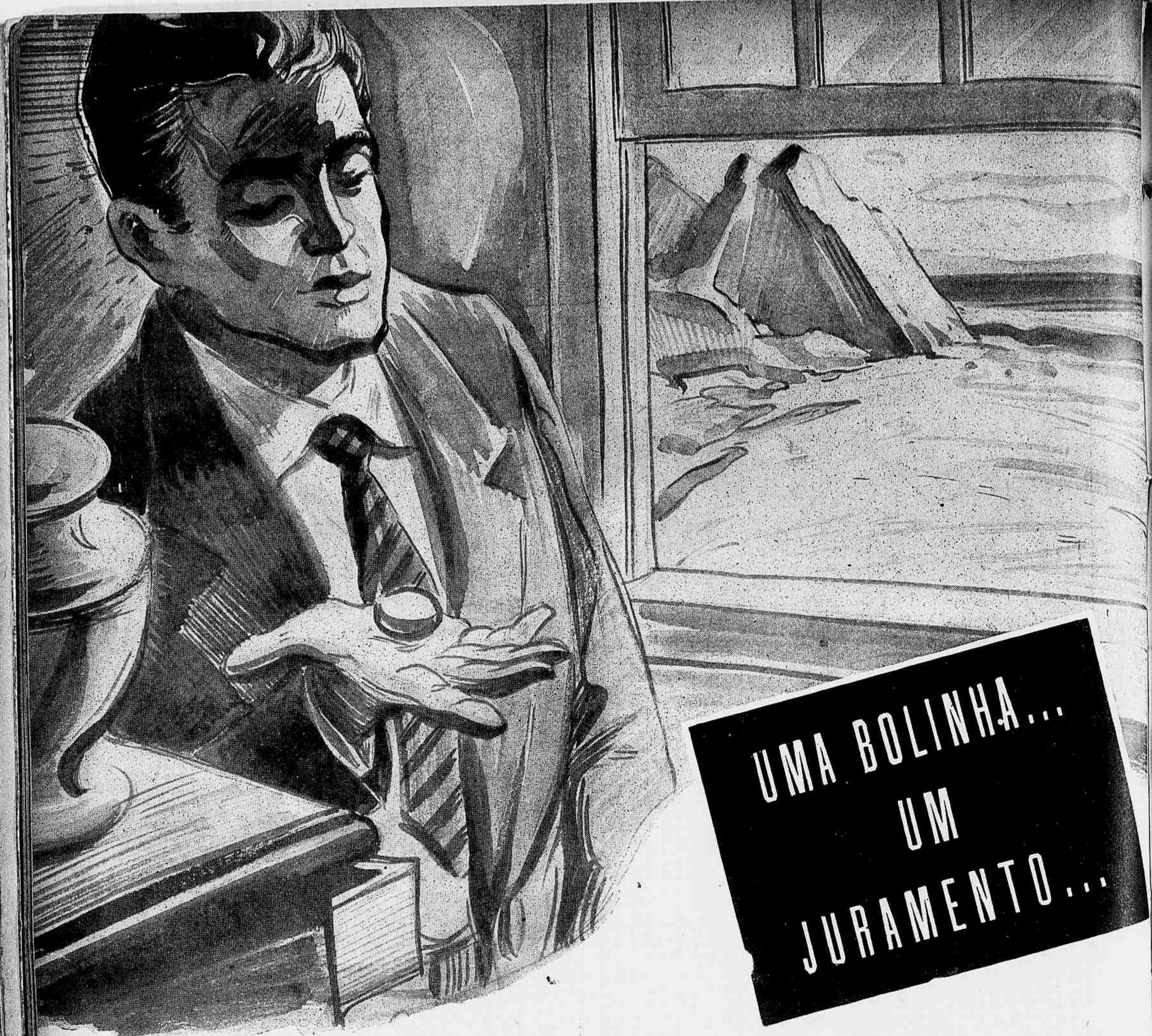
As rainhas jogavam com suas joias, e os reis jogavam com seus povos. O impertinente jogo de poquer que os egocêntricos realistas jogavam ao redor da mesa da Europa era eufemisticamente chamado diplomacia. E Rubens, suficientemente sagaz e talvez suficientemente egocêntrico, para amoldar-se comodamente às câmaras de conselho do Estado. Era um vassalo juramentado da esposa do Lugar Tenente, a Arquiduquesa Isabela. Seus joelhos estavam sempre prontos a se curvar obsequiosamente ao próprio soar de seu nome. O arquiduque tinha dois objetivos políticos: primeiro aniquilar o desejo do povo de independência das Províncias Unidas; e segundo, conseguir a aliança da Inglaterra em suas constantes questões com os outros países europeus.

Mas a Inglaterra nessa época namorava a França. Buckingham, esse nobre e poderoso fanfarrão de fartos bigodes, que Alexandre Dumas incorporara a seu romance, Os Três Mosqueteiros, havia ido à França em missão diplomática, para seu soberano. Entretanto, achou tempo para beijar a rainha francesa, e assim provocar um grande escândalo.

(Cont. na pág. 54)







QUANTA água passou debaixo da ponte!... Passaram tantos anos até regressar a este velho casarão. Meu pai mandou-me estudar na Europa apenas terminado o curso primário. Depois veio a guerra. E agora, após dezesseis anos, com alguns fios precoces de cabelo branco, voltei à nossa velha casa de campo. Como o tempo muda o modo de ver as coisas! Aquela que eu julgava um palácio e de que meu pai se ufava, parece-me um dos muitos pardieiros, que tantas vezes critiquei.

Avizinho-me da janela e olho o mar pouco distante; como aquele rochedo me parecia alto como fabulosa montanha! Depois de tê-lo escalado julgava-me grande alpinista, um herói; e, uma vez em cima detinha-me a contemplar o mar com o aspecto de um conquistador a dominar os monstros marinhos imaginários que se escondiam debaixo daquele rochedo. Agora aquela rocha não me parece mais do que um recife. Feliz meninice! Linda idade de enganar e utopias; nela se crê, espera-se e tudo parece bonito. Belo tempo em que tudo parece difícil, mas em que tudo se supera.

Passo só por esta casa vazia demais e cheia de escombros; sinto-me velho. Abro uma gaveta, um barulho de algo que roda; uma bolinha de ágata colorida,

Conto de **GINO PALMISANO** ★ Ilustração de **A. ZALUAR**

da. Pegó-a, faço saltar na mão; quem terá posto aqui esta bolinha?

★

Naquele tempo quase longínquo, acreditava que as meninas fossem seres como homens que de algo carecessem. O que é que lhes faltaria nem o sabia; sentia mesmo que eram entes de quem era necessário ter grande pena. Talvez, pensava eu, para ocultar aquela inferioridade, deixavam crescer os cabelos e andavam de sáia. Com uma coisa não atinava bem e era como até minha mãe, que dizia aliás ter sido ela mesma menina, conseguia tantas vezes impôr-se à vontade de papai que era um homem. Quantas coisas não entendia naquele tempo! Acreditava que a palavra honestidade fosse certa virtude, por causa da qual o homem não praticava más ações ou atos desleais; que um homem de honra fosse aquele que se desobriga fielmente dos deveres para com o próximo. E enfim pensava que as mulheres (e estava certo que as mulheres nada tinham sem que ver com as meninas) fossem os melhores presentes para os heróis,

pois via em cada homem um herói, após ásperas batalhas.

Por isso o meu espírito épico pouco se conformava em ficar no meio das meninas julgadas muito inferiores a mim que sabia atirar muito bem com estilingue fazendo a pedra pular três vezes na água.

Imagine-se como fiquei desapontado quando vi que o sítio vizinho ao nosso ia ser ocupado por uma senhora, um senhor e uma menina, e não mais abrigaria a conhecida família que tinha três homens, Paulo, Sandro e Valério.

Logo desde o primeiro dia a senhora travou conhecimento com mamãe, o senhor com papai e eu, por sequência lógica, tive que entabular relações com a guria: "Vão brincar, fiquem amigos e sejam bonzinhos" — disseram-nos nossas mães. Bem se vê que a antipatia nunca é unilateral, tanto assim que também Arlete não fazia questão de ficar comigo. Quando após muita insistência de nossas mães decidimo-nos a brincar, olhávamo-nos sempre com desconfiança, sempre um pouco encabulados. A bomba estourou quando um dia Arlete atirou seus brinquedos em cima

de uma banqueta onde os meus também estavam.

— Tira essa droga daí, — disse eu.
— Não — respondeu ela secamente.
— Olhe que jogo fora tudo, ouviu? Comigo não se brinca!

— Eu só quero ver! — respondeu ela.
Foi uma verdadeira provocação. Como é que aquele menino gorado ousava provocar-me? Num relâmpago todos os brinquedos dela foram parar no chão. Como acabou, nem se pode imaginar: tapas, socos, berreiros. Aquele menino de sáia não era tão fraco assim. Nossas mães acudiram: "Foi culpa do meu". "Não, da minha", "Como meninos bonzinhos, dêem-se um beijinho e façam as pazes".

Ah, não! Isto também não! Como? Eu, que teria querido continuar a brigar mais, pois que a minha reação imediata depois do tapa recebido, Arlete respondeu no mesmo tom, e por isso como homem leal, devia reconhecer ter mais recebido do que dado, agora devia dar um beijo nela?... Mas como muitas vezes acontece, querendo eu não, sempre se faz a vontade de nossos pais.

Os seus lábios úmidos roçaram levemente na minha bochecha e os meus tremendo depois do beijo dela, se aplicaram na covinha que lhe ficava entre a

(Cont. na pág. 55)



IOLE Benati é intérprete de música de câmara. Desde menina que revelou pendor para esse gênero. Hoje, com vinte e seis anos de idade, o curso completo de piano e enorme cabedal clássico, figura entre os mais destacados sopranos ligeiros do país. Seu ingresso no "broadcasting" deu-se por intermédio da Rádio Nacional. Nessa emissora, não só demonstrou seus dotes vocais, como ainda mostrou suas qualidades de exímia pianista, executando páginas de Beethoven, Liszt e Mozart, seus autores preferidos. Desligando-se da PRE-8, ingressou na PRE-3. Deu recitais na Roquete Pinto. Cantou na Rádio Ministério da Educação. Empreendeu diversas "tournées" artísticas. Participou de festas de caridade. Excursionou ao Paraná, a convite do Conservatório Musical de São Paulo. Iole Benati é paulista, embora resida no Rio. Apaixonada das praias cariocas, não se furta à natação. Seu tempo disponível emprega-o na leitura de livros relacionados com a música. Principalmente os de biografia. Além da leitura, seu divertimento predileto é o cinema. Prefere os filmes de Ingrid Bergman, Martha Eggerth e Clark Gable. Seus programas nas emissoras cariocas têm sido bem recebidos pelo público, dada a virtuosidade de sua arte. No momento a jovem artista estuda diversas propostas, inclusive uma oriunda do estrangeiro.



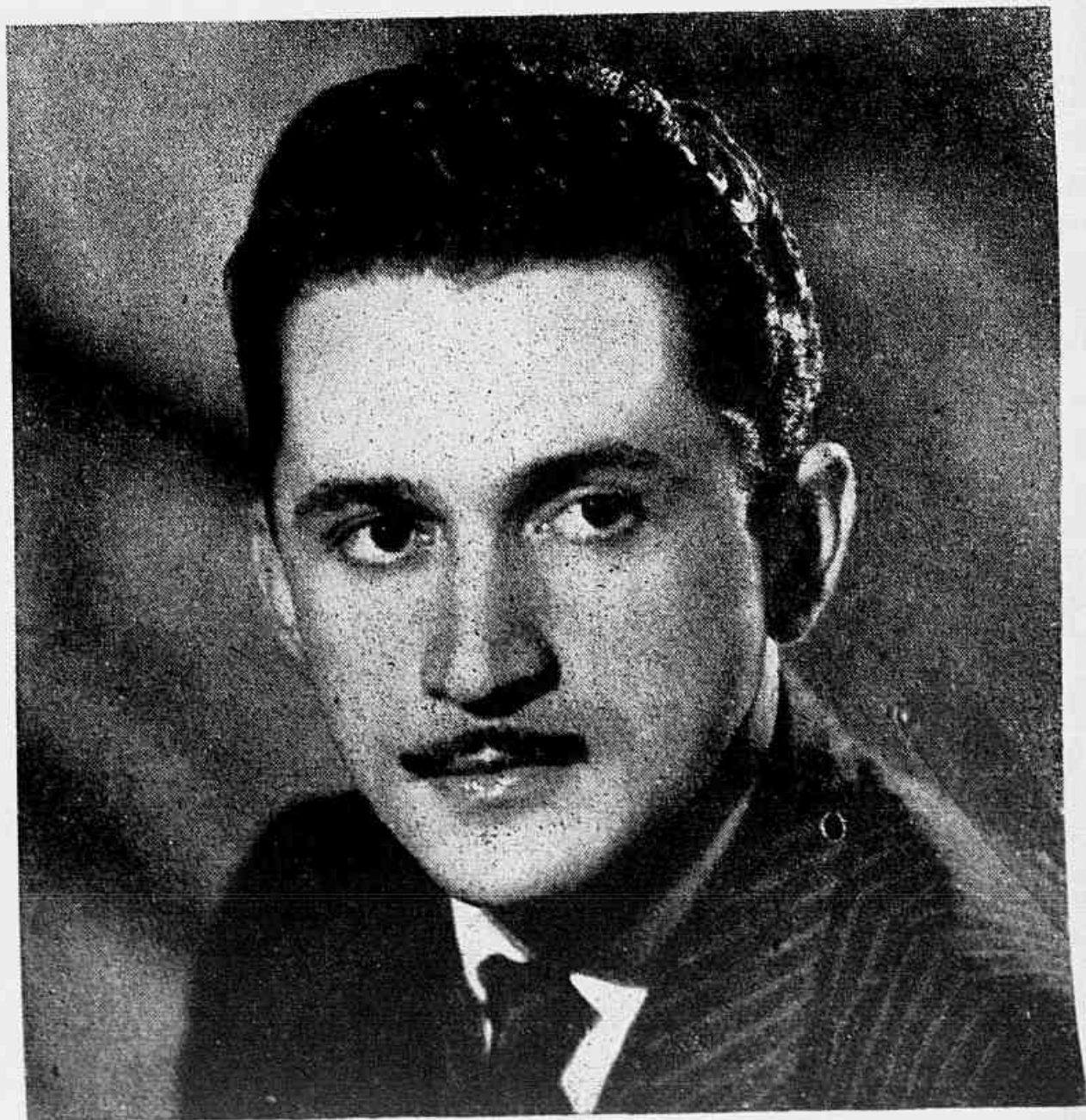
CLAUDIO Nonelli, galã cinematográfico, cantor de música clássica e professor de canto e dicção, é uma das vozes bonitas com que pode contar o rádio brasileiro. Lançado nos programas líricos da Rádio Jornal do Brasil, mais tarde veio a tomar parte nas audições da Tupi, alcançando grande sucesso. Figurou em diversos "shows" dos cassinos Ahu, Pampulha, Quitandinha e outros. Visitou alguns Estados, cantando ao microfone das estações locais. No cinema, apareceu como galã de "O malandro e a granfina". Trabalha em "Inocência", película extraída do romance de Afonso Taunay. Claudio Nonelli, no decorrer deste mês estreará ao microfone da Rádio Inconfidência, numa breve temporada. Depois, apresentar-se-á aos ouvintes da Rádio Cultura de Campos, daí seguirá para Buenos Aires, afim de cumprir vantajoso contrato. Também excursionará ao Uruguai. O jovem artista, cuja atuação em nosso meio musical, é das mais intensas; pertence ao quadro docente do Conservatório Brasileiro de Música, onde conta com avultado número de alunos. Possui a medalha de ouro, conquistada em renhido concurso. Sua atuação no meio artístico é sempre recebida com agrado pelo público e elogiado pela crítica. Como astro de cinema, acredita no cinema brasileiro, assistindo as produções nossas. É habitué do teatro, sendo fan ardoroso de Dulcina e Odilon. Espírito superior, desconhece o que seja azar. Possui seleta biblioteca musical e variadíssima coleção de discos clássicos. Vive completamente para a arte, por isso não exerce nenhuma atividade fora de seu gênero.

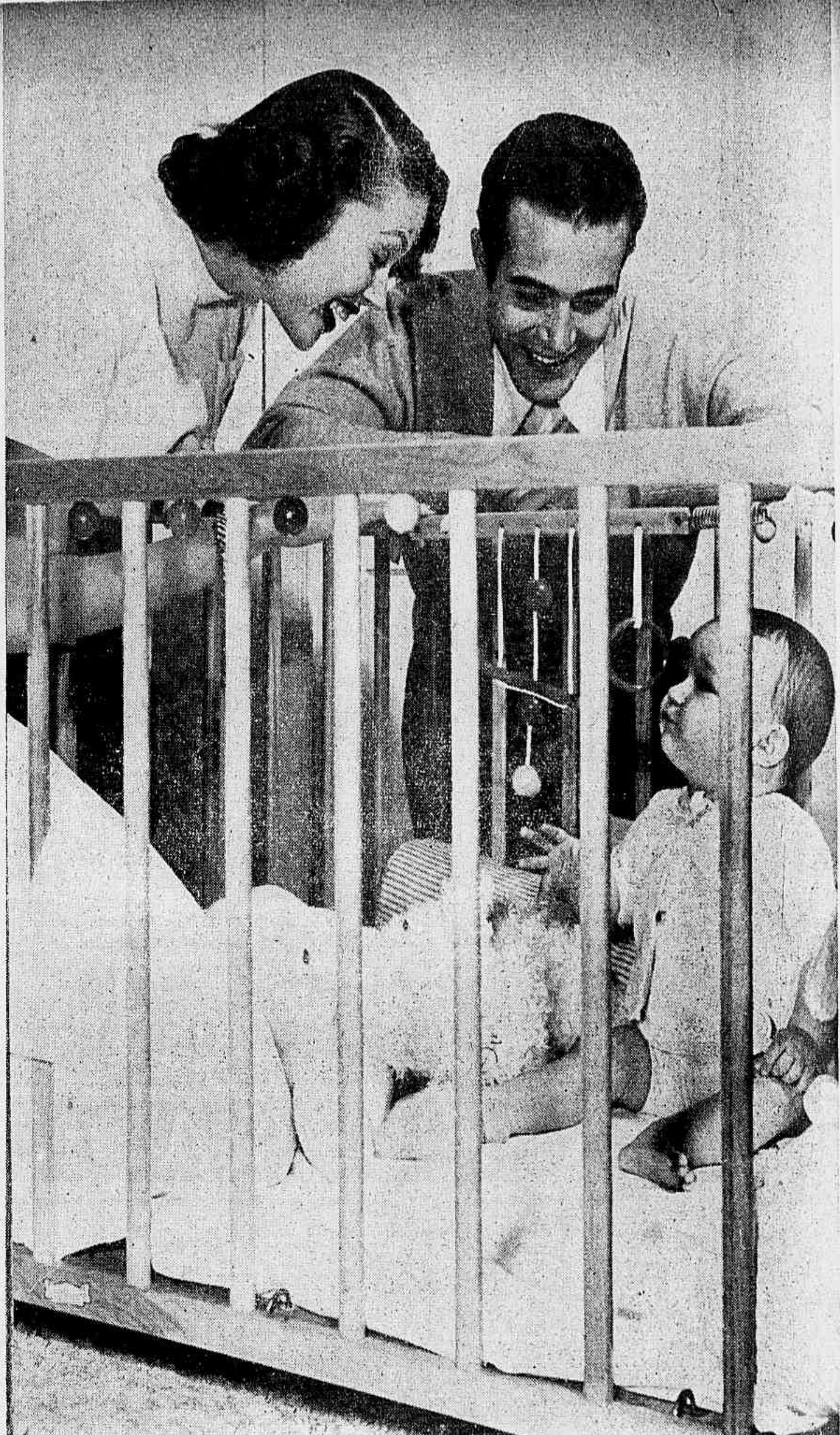
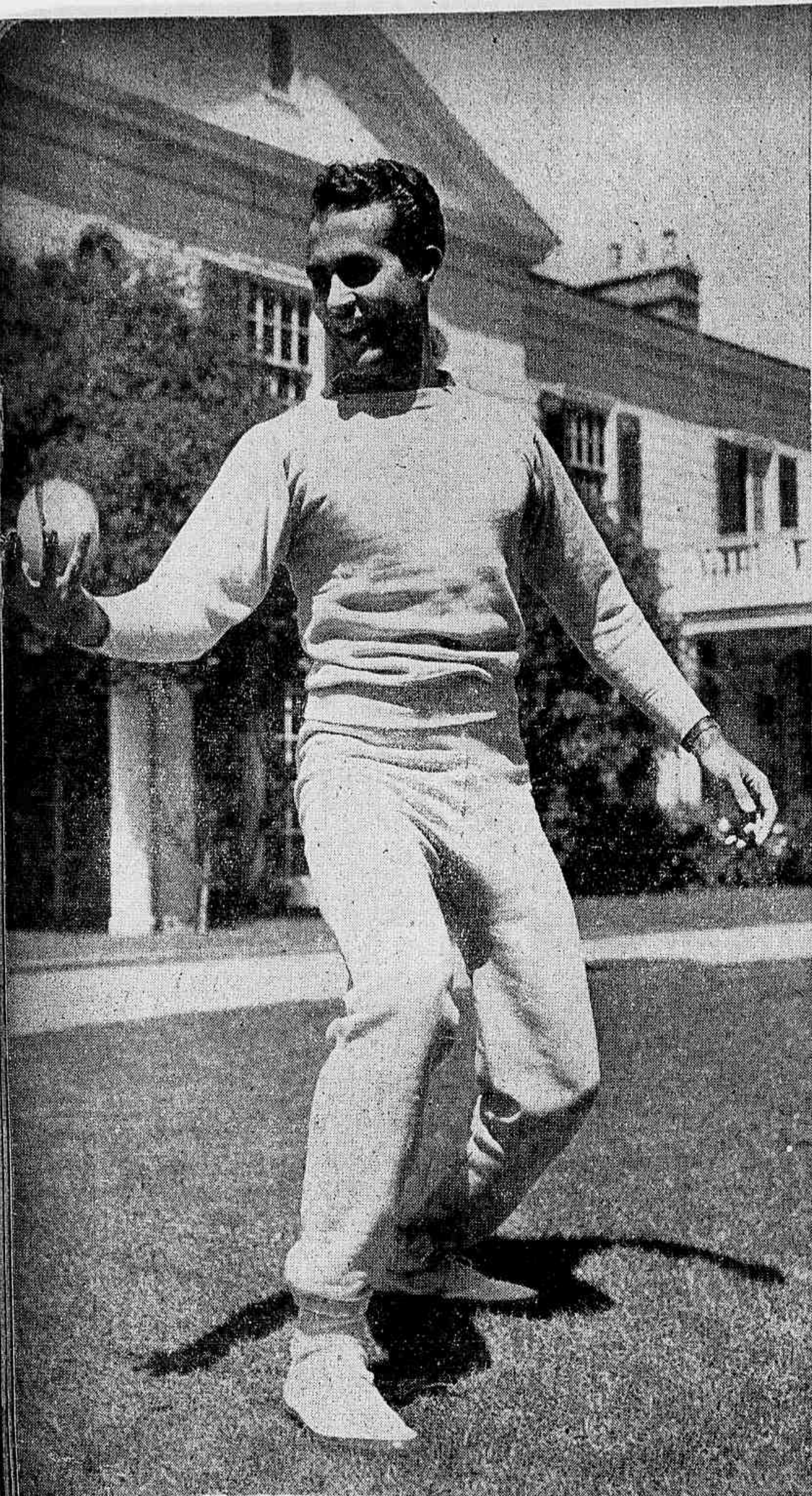
GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

DENTRE as boas intérpretes de música popular brasileira, figura Dilena Cunha. Artista exclusiva da Rádio Nacional, sobram-lhe qualidades para subir no "broadcasting" nacional, tal a beleza de sua voz e a graciosidade de seu porte. Consciente da responsabilidade com o grande público, procura selecionar os números que formam seu repertório, limitando-se a cantar aqueles que encontram aceitação favorável. Dilena Cunha rivaliza com as maiores do gênero, embora não possa ser considerada uma veterana, como Emilinha Borba, Odete Amaral, Linda Batista e tantas outras. Sua atuação nos principais programas da PRE-8, como "Um milhão de melodias", "Programa Cesar de Alencar" e tantos outros, colocam-na na lista das estrelas de primeira grandeza. Muito jovem, é uma figura que impressiona à primeira vista e chama a atenção dos que sabem separar o joio do trigo. Fora do meio radiofônico dedica-se ao lar. É atenciosa para com os fans, respondendo-lhes as cartas e atendendo-lhes os telefonemas. Gosta de cinema, acompanha as histórias seriadas da PRE-8 e considera o rádio um excelente meio. Não gosta de passar debaixo de escadas, nem simpatiza com o número treze. É fan de todos os seus colegas de emissora e admiradora de Carmen Miranda. Aprecia o teatro, dando preferência à comédia. Por isso, é fan de Alda Garrido e de Totó.

JOAÕ de Assis Meira Filho ou melhor o Meira Filho, como é mais conhecido, nasceu na Paraíba, a vinte e quatro de outubro de 1921. Nesse Estado tornou-se locutor aos dezesseis anos de idade, comandando os programas da Rádio Tabajara. Mais tarde, indo estudar na Bahia, ingressou no quadro de "speakers" da Rádio Sociedade local, onde permaneceu pelo espaço de quatro anos. Em 1943, veio para o Rio. Aqui, Arnaldo Sampaio chamou-o para a Rádio Transmissora Brasileira, lançando-o em "Poetira de Estrelas". Trabalhou ainda no "Corrêa Vasques", "Serrador", "Viagem Maravilhosa" e outros programas da PRE-3. Com a guerra, Meira Filho foi servir ao Exército, afastando-se do microfone. Terminada esta, fez concurso para a Rádio Nacional, sem ser aproveitado. Tentou, então, a Rádio Globo. Nesse prefixo, apresenta ao lado de Luis de Carvalho, o popular "Chá das Três". Atua nos programas de Sagramor de Scuveiro e nos jornais falados. Tem feito papéis secundários em algumas novelas, inclusive em "Fogo Morto". Gosta de escrever programas, idealiza atrações, elabora crônicas e faz comentários. Sóbrio na arte de dizer ao microfone é, ainda, despido de vaidades, tratando a todos com urbanidade. Meira Filho torce por um clube carioca, pratica a natação, aprecia os bons espetáculos teatrais, frequenta o cinema e é fan das histórias em quadrinhos. É solteiro, reservista de primeira categoria, maior de idade e bom colega.





Em cima: Ricardo Montalban, que foi o toureiro de "Santa", fazendo exercícios no pátio de sua casa, — e ao lado do berço de sua filhinha Laura, juntamente com sua esposa, Georgiana Young Montalban, irmã de Loretta Young. Em baixo: em três flagrantes de uma sequência de dança, juntamente com a encantadora Cyd Charisse, que aparece com Esther Williams e Ricardo Montalban em "Festa Brava" (Fiesta).



O TOUREIRO DE "SANTA" CONQUISTOU HOLLYWOOD

CUNHADO DE LORETTA YOUNG, RICARDO MONTALBAN APAIXONOU-SE PELA SUA ESPOSA DE HOJE, QUANDO A VIU COMO INTÉRPRETE DE "A VIDA DE ALEXANDER GRAHAM BELL" — GALÃ DE DOIS FILMES COM ESTHER WILLIAMS.

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood).

HOLLYWOOD — outubro — Ricardo Montalban, a nova sensação mexicana, é mesmo um rapaz fadado ao triunfo. Suas qualidades físicas como intelectuais, são raras, e sua versatilidade é quase incrível. O primeiro grande sucesso de Ricardo, pelo menos no Brasil, foi naquele toureiro másculo e galante de "Santa", o filme mexicano que bateu recordes de permanência em cartaz no Rio. E o toureiro foi mesmo uma revelação. Aquela sua pose, aquela distinção, aliadas às suas habilidades de intérprete, fizeram o sucesso. E quando Hollywood precisou de um tipo latino, moreno, simpático, robusto e sentimental, que toureasse e soubesse dançar bem, viu logo onde podia encontrá-lo.

Assim, em "Festa Brava" (Fiesta), aparece Ricardo Montalban em todo o seu resplendor de mexicano típico, cheio de calor e malícia.

Ricardo, pessoalmente, tem a mesma simpatia de todos os seus patrícios, a mesma gentileza, o mesmo trato cativante, tradicional entre os filhos do México. E conversar com ele já deixa de ser serviço para ser pura satisfação.

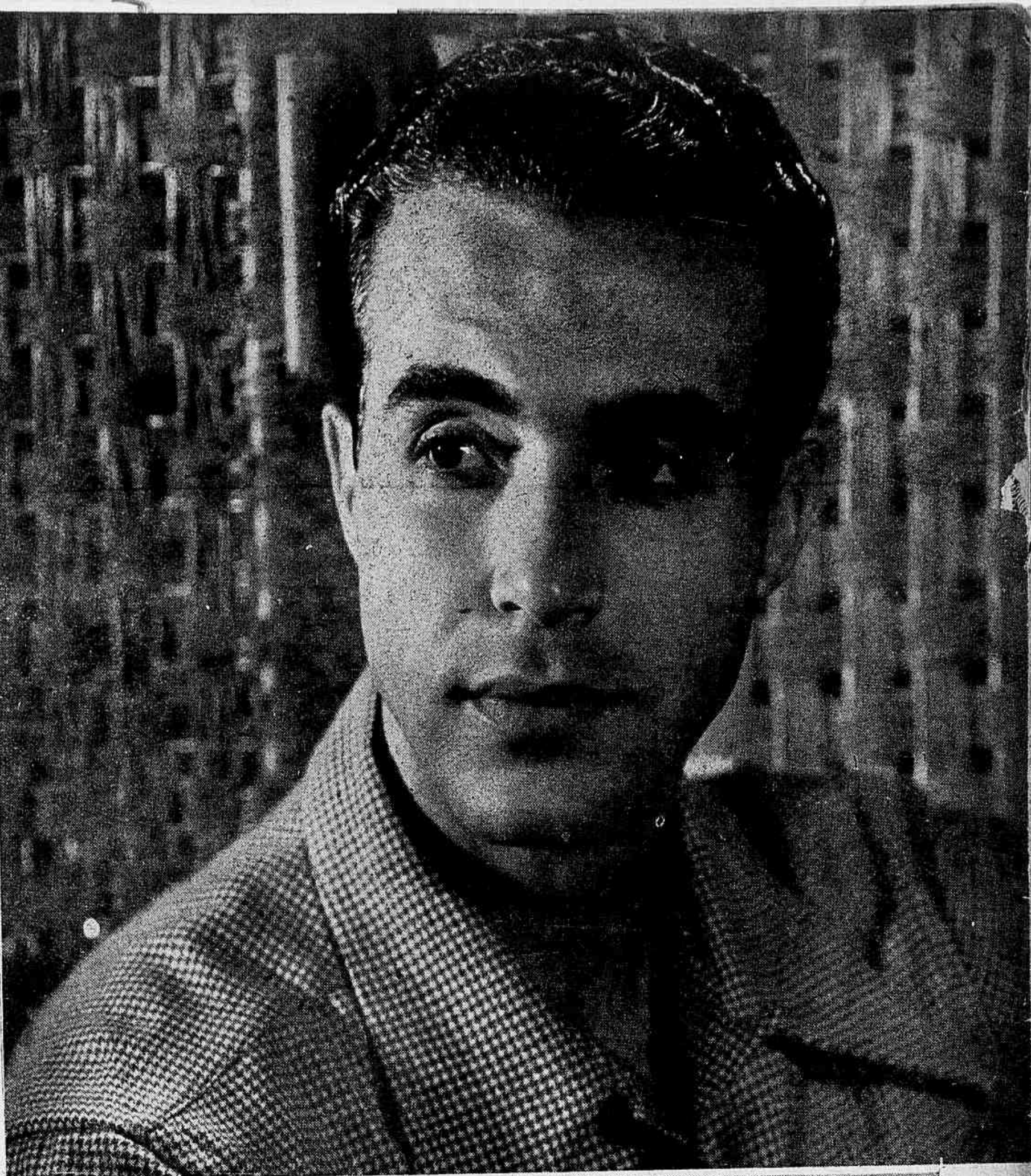
— Meu interesse pela arte dramática vem de longe. Data dos meus saudosos dezesseis anos, quando vim morar em Los Angeles, onde fiz o curso secundário e me iniciei no palco, na própria escola. Depois voltei ao México, onde continuei a representar e a tomar parte nas touradas de amadores, esporte do meu coração, que eu praticava desde menino. Mais tarde voltei à Califórnia, indo logo em seguida para Nova York, onde passei alguns anos, fazendo pequenos papéis na Broadway. Quando trabalhava na peça "Our Betters", recebi um telegrama da família avisando-me da doença da minha querida mãe. Larguei tudo em Nova York e parti para o lar, disposto a regressar dentro de poucas semanas. Mas lá fiquei dois anos inteiros, e foi quando ingressei no cinema do meu país. Tomei parte já em vinte e quatro películas mexicanas, e reconheço que tenho sido bem sucedido.

Aqui, um parêntese. Ricardo Montalban acha apenas que tem sido bem sucedido. Mas não é isso exatamente. Ele tem sido um pouco mais do que bem sucedido. É simplesmente um ídolo em seu país natal, onde desfruta de uma popularidade verdadeiramente sem par. E essa popularidade não fica limitada ao território mexicano. Nada disso, estende-se pela América do Sul a fora, não tivesse ele feito aquele toureiro... E também na América do Norte seu cartaz não é menor, haja visto o apelo da Metro para o seu concurso, para trabalhar com Esther Williams, e logo a seguir a sua indicação para um segundo filme com a mesma Esther, já em adiantada filmagem, "On An Island With You".

No seu primeiro filme americano, "Festa Brava", Ricardo toca piano, violão, canta, toureia, dança vários ritmos, todos quentes, e ainda faz cenas românticas, em que ele se sai muito bem, como os brasileiros já viram em "Santa". Agora uma coisa: Ricardo não sabia tocar piano. Não sabia! Por que agora ele sabe? Estudou cinco meses a fio, caprichosamente, horas e horas, para que pudesse interpretar fielmente as peças que toca na película. E ninguém pode dizer que ele não tenha tocado bem... Ele é, francamente, dos sete instrumentos. É um homem a quem não se pode perguntar "que apito você toca?", porque ele toca o que for preciso, conforme as circunstâncias. E outra grande prova da sua versatilidade se verificou em "On An Island With You", quando

(Cont. na pág. 50)

Em cima: um estudo fotográfico de Ricardo Montalban, o jovem e vitorioso ator mexicano que vem de conquistar Hollywood. Em baixo: um flagrante do toureiro de "Santa" falando a Luís Serrano, correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e "A CENA" em Hollywood.



Seu Tomaz

AQUELA manhã acnava-se repleto o "Cais do Porto". Um navio sueco, já atrasado, atracaria a qualquer momento. Muitas pessoas, das que o aguardavam, cansadas pela longa espera, improvisaram cadeiras; outras, mais afortunadas, deixaram-se ficar na comodidade de seus automóveis.

Enquanto isso, não muito distante, no Armazem 4, um grupo maltrapilho, miserável, a escória da sociedade, enfim, destoava pelo contraste da burguesia enriquecida que, ao lado, ostentava custosos carros e formosas mulheres cheias de joias.

Um dos maltrapilhos, apontando à pequena multidão bem vestida, disse aos companheiros:

— Isso não está direito! Aposto que esse pessoal come do bom e do melhor! Nunca senti fome! Nunca teve aborrecimentos! Nós não sonhamos com carros! Bastar-nos-ia um prato de comida diariamente! Não está de acôrdo comigo, seu Tomaz? — terminou perguntando.

Seu Tomaz vinha a ser, pelo jeito, o líder desses ex-homens. A ele talvez recorressem nos piores momentos, pensei comigo. Interessado, não me afastei do estranho grupo. Não me arrependi. Ouvi emocionante história.

A pergunta feita, seu Tomaz não respondeu. Estava distante dos companheiros, com os olhos fixos num cidadão de aspecto saudável, que conversava com outro, rindo gostosamente. Este, por sua vez, sentindo o olhar, encarou seu Tomaz, procurando lembrar-se...

Nisto observei o cavalheiro que, deixando de rir, cumprimentou o amigo e depressa afastou-se. Seu Tomaz, sorrindo, murmurou: "pobre idiota, pensou que eu fosse comprometê-lo". Os do grupo espantaram-se. Seu Tomaz, então, contou:

"Fomos colegas de cadeia. Esse homem que vocês viram, gordo e bem vestido e eu, estivemos no mesmo cubículo durante 10 anos".

Em volta de seu Tomaz, formou-se um círculo. Todos queriam ouvi-lo. Aproximei-me bastante. Nada queria perder. E ele continuou...

"Há 30 anos atrás, era eu caixeiro e guarda-livros de um armazem de importação e exportação. Ficava na rua da Misericórdia. Não mudou nada essa rua. E' hoje exatamente como naqueles tempos: suja e feia.

Quando as carroças descarregavam no armazem sacos e sacos de mercadoria, mulheres em farrapos, crianças esfaimadas, assistiam gulosas àquela imensa provisão de sacos. Quando alguma cebola ou outra qualquer coisa ia ao chão, o que acontecia muitas vezes, era um "Deus nos acuda!" Atiravam-se uns em cima dos outros, cada qual mais desejoso de possuir os despojos da batalha inglória.

E, como isso se dava constantemente, vivia eu com o coração amargurado, imaginando de que forma ser-me-ia possível mitigar tanta fome. O armazem sempre cheio. Eu o guarda-livros. Logo, pensei certa vez: dando um jeito nos livros, desviarei alguns sacos para os pobres, sem causar suspeitas. Do vigia fiz meu cúmplice.

Dessa maneira, um dia um saco de arroz, noutro um fardo de charque, e assim por diante.

Um compadre do vigia aderiu também à campanha filantrópica. Foi incumbido de apanhar a mercadoria e de fazer a distribuição. Isso durou uns seis meses. Porém, como sempre acontece, quando a facilidade é grande, vem o abuso.

Nas vésperas do Natal de 19..., recebeu o armazem um inesperado carregamento de bacalhau. "Os meus pobres comemorarão o Natal", foi o meu pensamento íntimo. A noite houve farta distribuição. No dia seguinte fiquei estarelecido com a chegada da carroça para levar o bacalhau entregue por engano.

No dia seguinte fiquei estarelecido com a chegada da carroça para levar o bacalhau entregue por engano.

O carregador reclamou. O patrão possesso berrava

"que a caixa havia de aparecer"; que não podia ser outro senão o semvergonha do vigia; que ele, conceituado comerciante português não poderia admitir ladrões no estabelecimento.

— Seu Tomaz, faça o favor! Quantas caixas o sr. recebeu ontem?

— Sessenta.

— Como é que só tem cinquenta e nove?

— Não compreendo. Chame o vigia.

Enquanto foram buscar o vigia, que morava perto, matutava eu na forma de livrar o pobre da encrenca em que o metera. A solução não vinha.

Os outros empregados entreolhavam-se desconfiados.

Do meu lado, desejava que tudo fosse pelos ares; que algo acontecesse, capaz de pôr fim àquela situação.

Nesse interim, chegou o vigia. Macambúzio, sabendo de antemão o que o esperava, procurou-me com os olhos pedindo auxílio, implorando apoio... Corajosamente coloquei-me ao seu lado. Agradeceu-me com um simulacro de sorriso.

— Dormiste a noite toda? — perguntou o patrão.

— Não senhor.

— Então abriste a porta ao teu cúmplice, pois o bacalhau não voa!

— Não sei de nada.

— A tua cara revela que tens culpa no cartório!

E, unindo gestos às palavras, pegou-o pelos braços, sacudindo-o violentamente.

— Fala, miserável! Foste tu o ladrão?! Fala antes que te quebre a cara, negro indecente!

Como o vigia teimava no silêncio, o patrão cumpriu o que prometera. Atirou-o ao chão, aos socos e pisou-o. Rapazes, o que senti dentro de mim é indescritível. De repente tudo tornou-se vermelho. Agarrei uma tranca de abrir caixotes e avancei...

O patrão calu com a cabeça partida.

Durante 9 anos, não houve um dia de visitas, em que o meu fiel cúmplice não me viesse trazer, junto ao conforto de sua sincera amizade, alguns massos de cigarros... Um dia — (e algumas lágrimas teimosas umedeceram as faces rudes de seu Tomaz) — ele não apareceu... seu coração deixara de pulsar.

Nesta altura, seu Tomaz, tentando disfarçar a emoção que o dominara, encheu o cachimbo.

— "Os dez anos de cadeia não foram duros. Fui tudo. Trabalhei em vários ofícios: sapateiro, marceneiro, alfaiate. Fiz milhares de uniformes para os meus companheiros e para os futuros candidatos, inclusive um, bem talhado, para o cavalheiro elegante que vocês viram há pouco. Esse tipo foi a coisa mais suja de meus tempos de cadeia.

Esse falso cavalheiro, por dinheiro, seria capaz de vender a pele do próprio pai para fazer pandeiros.

Veio à minha cela alguns meses depois de minha chegada. Trazia as mãos brancas, bem tratadas. Parecia um rapaz fino, de boa família, como é costume dizer-se. Nos primeiros dias de reclusão ou ele caminhava de um lado ao outro do cubículo ou chorava como se fosse uma criança. Coisas dos nervos.

Tentei entabular conversa, mas nada consegui, até o momento em que ele veio a mim: "tenho que sair daqui! Caso contrário, enlouqueço!" Tranquillei-o.

Daí em diante ficamos amigos. Perguntou-me o motivo de minha condenação; contou-me o "porque" da sua. Roubara, porém, sem motivo altruístico.

Caixa de um banco, sua vida transcorria normalmente entre o trabalho e os suaves braços de uma viúvina, até a vinda de um primo rico do interior, com bastante dinheiro para conhecer o Rio e divertir-se.

Para ele, pequeno funcionário bancário, a vida noturna, conhecida mais por referências, consistia em farras e mulheres volúveis.

Levou o primo aos teatros e aos cabarés



Esses, bem instalados e com tantas mulheres de sotaque francês, pois no começo do século o Rio atraía grande quantidade de mulheres francesas e polonesas, enfeitaram os rapazes.

Beberam muito, iniciando vida boêmia.

Enamorou-se de uma francesinha, relegando à saudade a viúvina dos tempos calmos. A francesinha não lhe dava folga.

Tôdas as noites ia ao cabaré, onde seu primo encontrara também um pouco de amor venal... A baderna era diária. O trabalho aborrecia-o. Uma tarde seu primo foi ao banco pedir dinheiro emprestado, pois o que trouxera esvaíra-se nas noitadas. Como ele não tivesse, aconselhou-o a mexer na caixa o que não constituiria perigo, porquanto, tendo telegrafado ao pai solicitando dinheiro, logo que este chegasse, eles repariam o do banco. Tudo estaria bem sem interrupção das noites agradáveis. E começou a queda. Faltava dinheiro: recorria à caixa. A francesinha gostava de luxo; o dinheiro fácil; estava tudo bem.

Mas, "não há bem que sempre dure", no fim do ano fez-se o balanço. O desfalque fôra grande: cem contos. Dez anos de cadeia."

Seu Tomaz reencheu o cachimbo. Mal acabara de acendê-lo, os seus companheiros pediram a continuação da história.

E ele continuou... "Passados os primeiros meses foi ele trabalhar na oficina de cartografia. Nos dias de visita, enquanto eu recebia o meu bom amigo vigia, visitava-o uma sua irmã. Nesses dias nossa cela ficava cheia de presentes. A irmã levava-lhe um enorme pacote com cigarros, doces, frutas, etc. Aconselhei-o, brincando, que se estabelecesse comercialmente.



Levando a coisa a sério, pôs-se a vender o que lhe vinha às mãos, aos nossos companheiros de prisão.

Diziam que estava na trilha da fortuna; que de lá sairia com o suficiente para iniciar um negócio. Deu-lhe a psicose da venda. Chegou a vender sua ração de comida, alegando sofrer do estômago. Só falava em dinheiro. Isso durou até minha soltura.

Ao sair fui encarregado de procurar seus amigos de tempos idos que, dizia ele, poderiam ajudá-lo quando de seu livramento, que se daria dois meses após o meu. Todos os seus "amigos" me receberam mal. Não queriam saber de ladrão debochado; que se ele tivesse a ousadia de procurá-los, seria escorraçado.

Sua própria irmã, amedrontada, pediu-me para dizer-lhe que não viesse; ela iria vê-lo. Estava casada e seu marido não admitia amizades com ele, não o querendo ver de jeito nenhum.

Acabrunhado, por ter tido também decepções, pois não encontrara trabalho devido à minha condição de ex-condenado, quase sem dinheiro, fui eu à cadeia dar conta ao meu "colega" do que sucedera. Contei-lhe tudo, inclusive minha desdita. Que quando procurara trabalho, os empregadores, ao saberem de minha vida pregressa, de meu crime de morte, não me aceitavam; que não se condoiam de minha sorte; que às alegações de que eu matara num instante de revolta, para defender um homem bom, retrucavam que eu poderia ter outro ataque de revolta e matá-los; que os ex-sentenciados nunca serão bons; que serão, sempre, até a morte, réprobos da sociedade.

Quando terminei ele estava branco de raiva.

— "Não faz mal, Tomaz. Eles nos pagarão. Espera-me no dia de minha saída que haveremos de dar um jeito na vida" — foram suas palavras.

Quando saiu, segundo sua vontade, alugamos um quarto infecto numa "cabeça de porco" na parte sórdida da cidade.

Iniciamos um negócio de compra e venda de objetos usados. Nos primeiros tempos foi difícil. Não tínhamos prática. Com o tempo já eu enfrontado na coisa, gritava com desembaraço chamando a freguesia. Mas, não servia para mim. Meu coração sofria às vezes que criaturas desgraçadas ofereciam "cacarecos" por alguns níqueis. Alguns níqueis para matar a fome, para enganar o estômago é melhor, pois não se mata fome de séculos com níqueis.

Quando esses pobres diabos vinham a mim, em lugar de comprar eu os mandava de volta com dinheiro e com os objetos. Não podia, portanto, prosperar.

Com meu sócio, não. O negócio corria bem. Ele era duro como ferro. Não conhecia a piedade. Assim, acumulamos objetos de todas as qualidades, num porão alugado para tal fim.

Um ano depois veio ele com esta:

— "Tomaz, vamos liquidar isto. Dou-te tua parte e vou trabalhar em outro ramo. Este não me serve. Vou emprestar dinheiro a juros".

Assim disse, assim fez. Dois anos ainda moramos jun-

tos. Formou-se na porta de nossa casa uma eterna fila... Uns pediam emprestado a altos juros; outros pagavam; outros, ainda, imploravam um pouco de paciência. Ele, coração de pedra, não cedia às lamúrias.

As cenas eram emocionantes.

Passado algum tempo começou a emprestar a pequenos comerciantes atrapalhados. Não podiam pagar, e ele levava-os, impiedosamente, à falência.

Um dia nos separamos. Contudo, continuei acompanhando sua ascensão à classe burguesa. Uniu-se a uma mulher rica. Teve uma filha, hoje casada com um "político eminente". Seu genro facilitou-lhe bons "negócios". Alcançou, finalmente, seus objetivos: "ser rico; ser considerado, honrado".

"Como vocês sabem, — finalizou o filosófico seu Tomaz — "roubar um pedaço de pão para matar a fome de uma criança faminta é grave crime que a sociedade exige, para sua segurança, que seja punido exemplarmente: agora, enriquecer a custa do sacrifício do povo, desnutrindo-o, levando-o à tuberculose e a tantos outros males, não é crime, para essa mesma e hipócrita sociedade, é golpe. A burguesia admira os homens de ação. Acolhe-os de braços abertos em seu seio.

A honradez aumenta ou diminui com a maior ou menor quantidade de dinheiro, meus amigos, para essa admirável sociedade que, nesse momento, saúda, feliz, esse navio que vem entrando."

OS SEIS MUSEUS DO LOUVRE

DE CIDADELA E PALÁCIO DOS REIS DA FRANÇA AO MAIS FAMOSO MUSEU DO MUNDO — O EDIFÍCIO DO LOUVRE É O MAIOR DO GLOBO — A CRIAÇÃO DO MUSEU — SEIS MUSEUS E 200.000 OBJETOS ARTÍSTICOS E HISTÓRICOS — DA AURORA DA CIVILIZAÇÃO AO SÉCULO DE TELEVISÃO E AVIAÇÃO — HAVERÁ QUEM POSSA DIZER QUE VIU TÔDAS AS MARAVILHAS DO GRANDE MUSEU FRANCÊS? — A MECA DOS TURISTAS QUE VÃO A PARIS.

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa — Fotos da Keystone Press Agency)



"Monsieur" Georges Salles, funcionário do Louvre desde 1924, acumula hoje os cargos de diretor do Louvre e diretor-geral dos museus franceses. Atrás dele uma belíssima tapeçaria do Século XVIII.

PARIS — novembro (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Enquadrado entre o velho Sena, a histórica rua de Rivoli, tendo em sua frente o Jardim das Tulherias e ao fundo a medieval igreja de Saint Germain L'Auxerrois, eleva-se em forma de ferradura, o mais famoso e um dos maiores museus do globo: o Museu do Louvre.

Cidadela em 1200, o rei Felipe Augusto, que a construiu, ali guardava os seus tesouros, os arquivos, as carroças e suas mulheres; palácio semi-gótico e semi-renascença até Luís XIV, o edifício do Louvre passou por várias outras metamorfoses. No decorrer dos séculos, reis, imperadores e arquitetos mudaram-lhe a feição, destruindo e reconstruindo essa vasta fortaleza que, depois de anos de abandono e mil-e-uma transformações, estacionou definitivamente, na forma que hoje representa: dividida em dois gigantescos braços, um acompanhando a rua de Rivoli, outro, o velho e majestoso Sena.

Hoje, nesse antigo palácio dos reis da França se acham instalados seis museus, a Biblioteca das Artes Decorativas, o Ministério das Finanças e a Loteria Nacional.

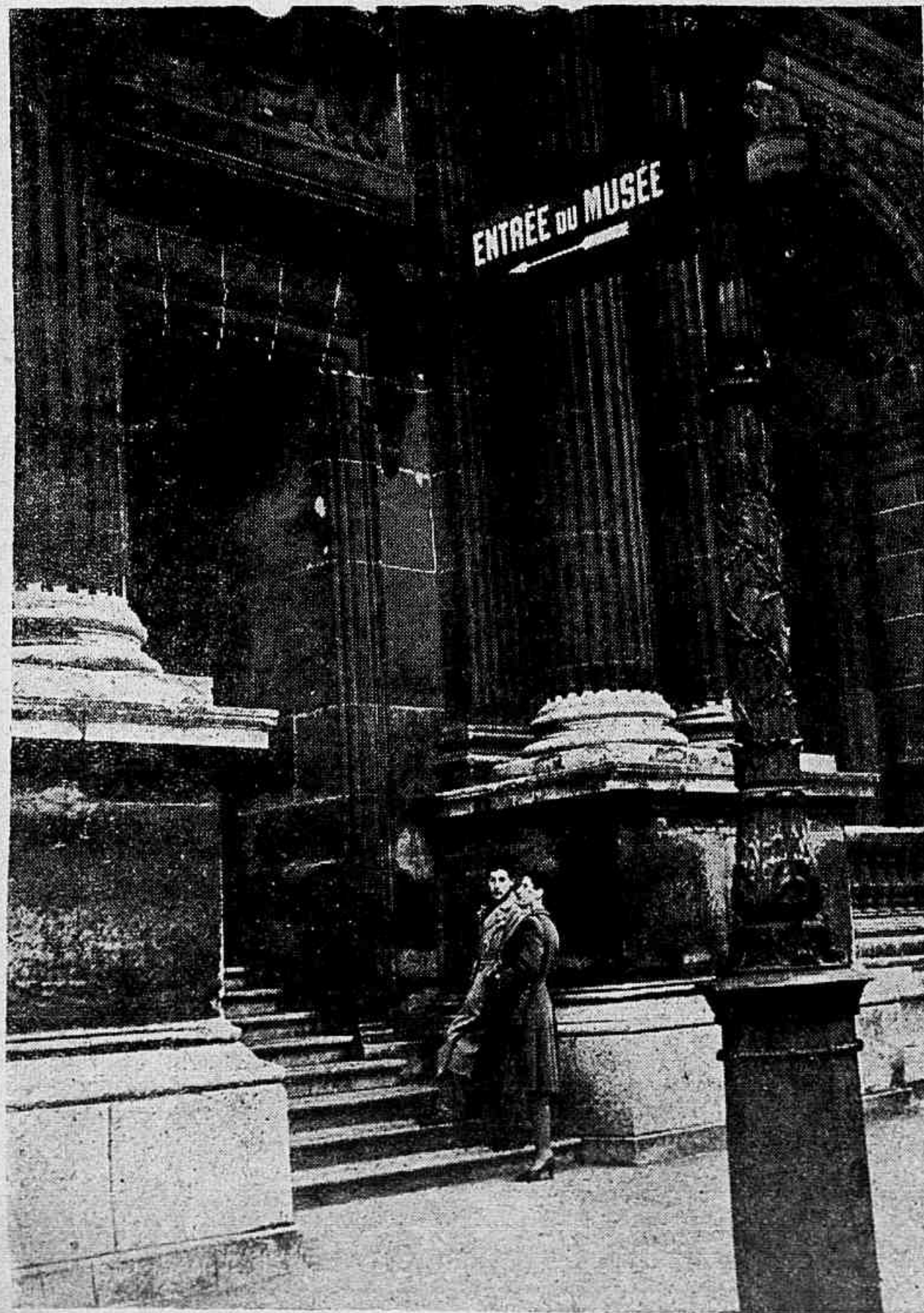
Ao centro dos dois braços do Louvre, elevam-se dois monumentos históricos, os quais evocam alguns dos mais significativos episódios do glorioso passado da França: a estátua de Lafayette e o Arco de Triunfo do Carroussel. Este último foi erigido em 1806, a-fim-de celebrar as vi-

tórias obtidas por Napoleão nas suas famosas campanhas. Oito soberbas colunas de mármore o sustentam e seis baixo-relevos representam as maiores conquistas do grande corso. As colunas de mármore são ornamentadas com várias estátuas de soldados de diversos regimentos dos exércitos napoleônicos.

Quanto ao Jardim das Tulherias, é o ornamento número 1 do Louvre. É um verdadeiro Eden botânico, onde, em todos os cantos, aparecem inúmeros monumentos de homens célebres, episódios da história, cenas bíblicas e mitológicas, onde uma grande fonte jorra com violência.

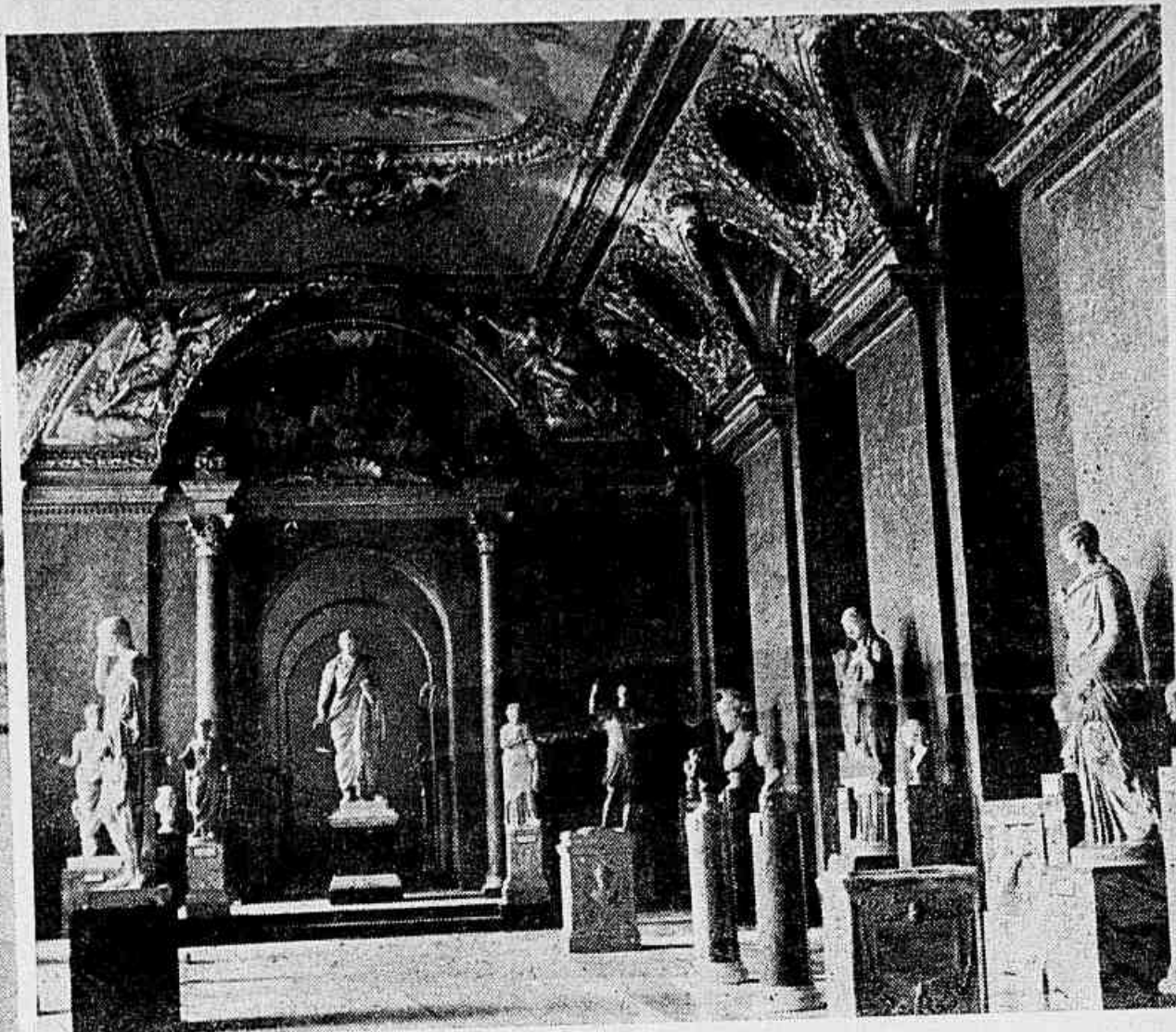
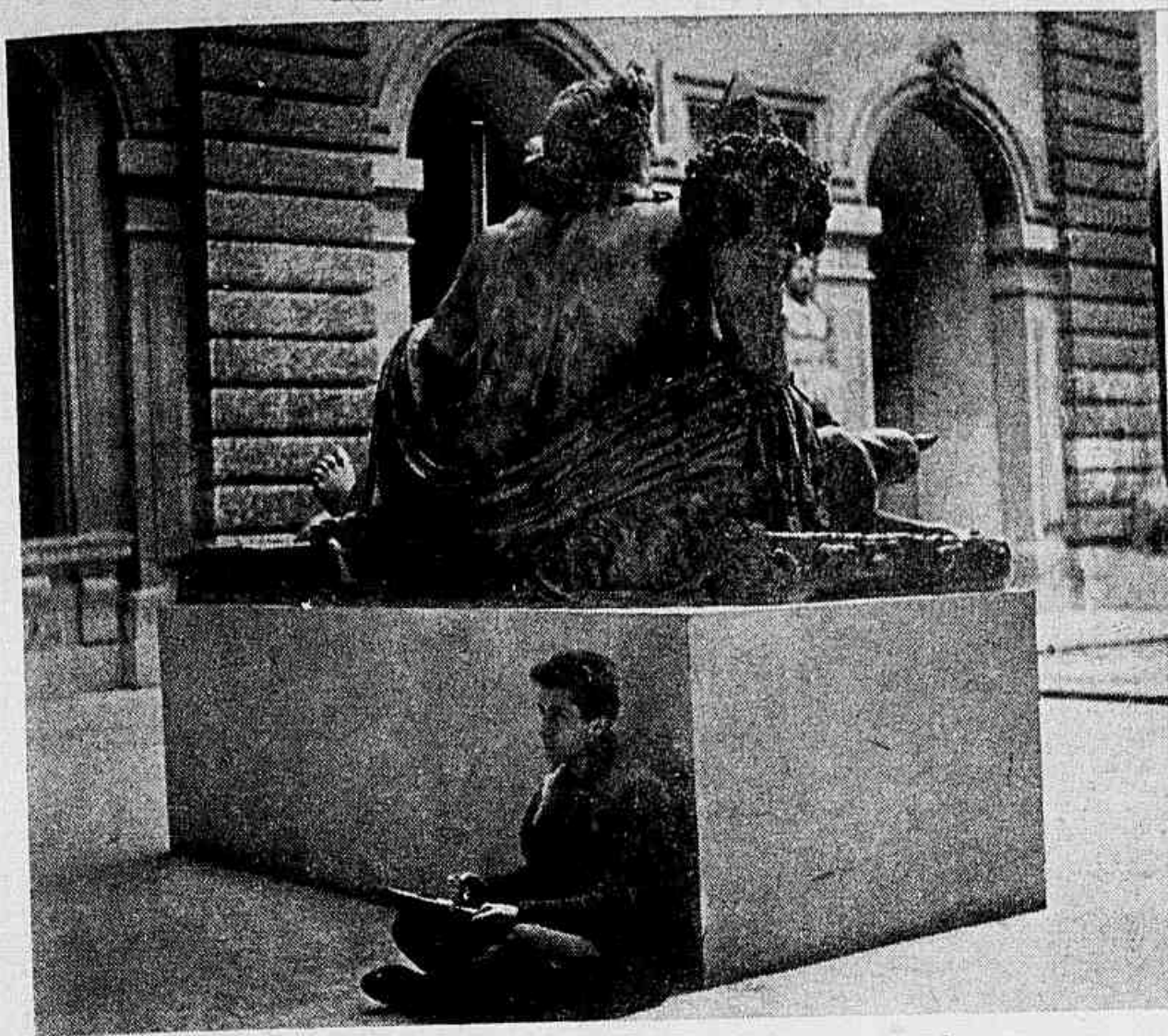
Vem, por fim, a grande visão que se descortina em seu redor. As portas douradas da entrada principal do Jardim e, portanto, do Louvre, dão para a mais linda praça do mundo; a Place de la Concorde. Daí se avista o inigualável espetáculo que os Champs-Élysées, o Arco do Triunfo, o Sena e tantos palácios, cujas torres aparecem em todos os cantos, oferecem ao visitante. Foi nessa área que se desenrolaram os maiores e mais belos momentos da história francesa.

Em baixo: A entrada para o maravilhoso palácio do Louvre é feita por essa porta. (Lá, como se vê, usa-se colocar uma taboleta indicadora para facilidade dos visitantes). A seguir, um quadro mais importante, iluminado por luz fluorescente para chamar a atenção. À direita: Alguns visitantes do Louvre admirando a estátua simbólica do rio Tibre, descoberta em Roma no Século XIV, que é um dos maiores tesouros do museu. Observe-se ao fundo os pedaços de bases e capitéis de colunas gregas, e no centro um maravilhoso grupo de azulejos, de inestimável valor.









Em cima: Sentado no chão, encostado à magnífica estátua do Tibre, o jovem estudante de pintura Jean Bords, ganha prática fazendo estudos das grandes obras. A seguir, a belíssima Sala de Augusto, dedicada ao imperador romano, cuja estátua está ao fundo. As outras são todas de membros da sua família. Observe-se a beleza do teto, ornamentado em relevo e ricamente pintado, contrastando com a simplicidade das paredes, o que contribui para o realce do material exibido.

A CRIAÇÃO DO MUSEU DO LOUVRE

A idéia de se abrir um museu público no palácio do Louvre nasceu sob o reinado de Luís XVI, mas foi a Convenção que a realizou, em 1793, depois da morte daquele infeliz monarca. Já ali se achavam várias coleções de quadros e outras obras de arte. Francisco I ali reuniu doze quadros de grandes pintores e algumas reliquias históricas. Sob o reinado de Luís XIII, novas coleções de arte vieram enriquecer os objetos de arte ali deposita-

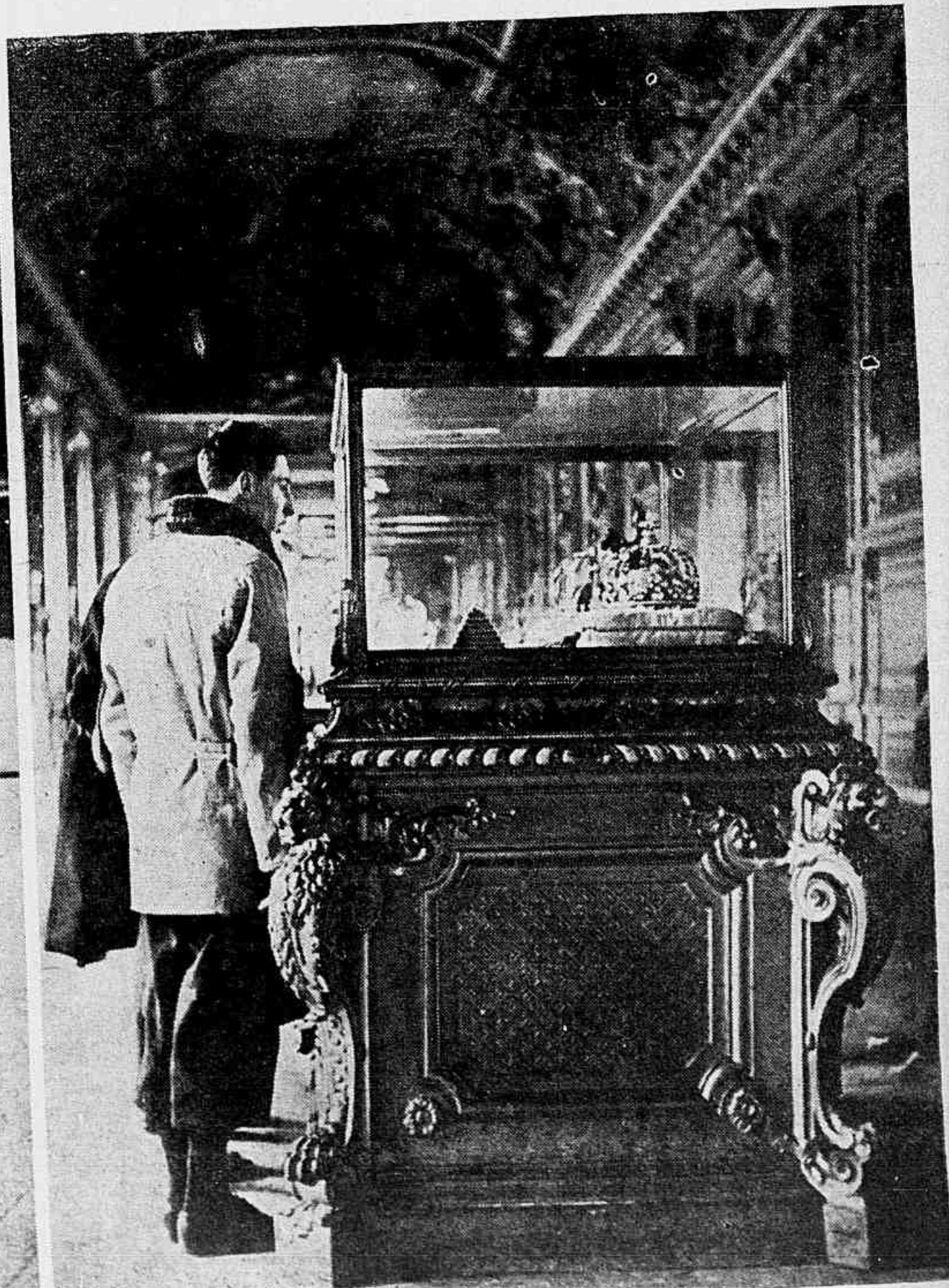
dos e, por ocasião da morte de Luís XIV, já se achavam dois mil e quinhentos quadros notáveis no Louvre e no palácio de Versalhes. Bonaparte, vencedor de tantos países, impôs aos vencidos a entrega de seus tesouros artísticos e históricos. E graças a essa pilhagem, o Museu do Louvre se tornou o maior e mais rico do mundo. Mas depois da sua irremediável derrota, em 1815, as nações vencedoras recuperaram grande parte do que foram obrigadas a ceder ao ex-imperador

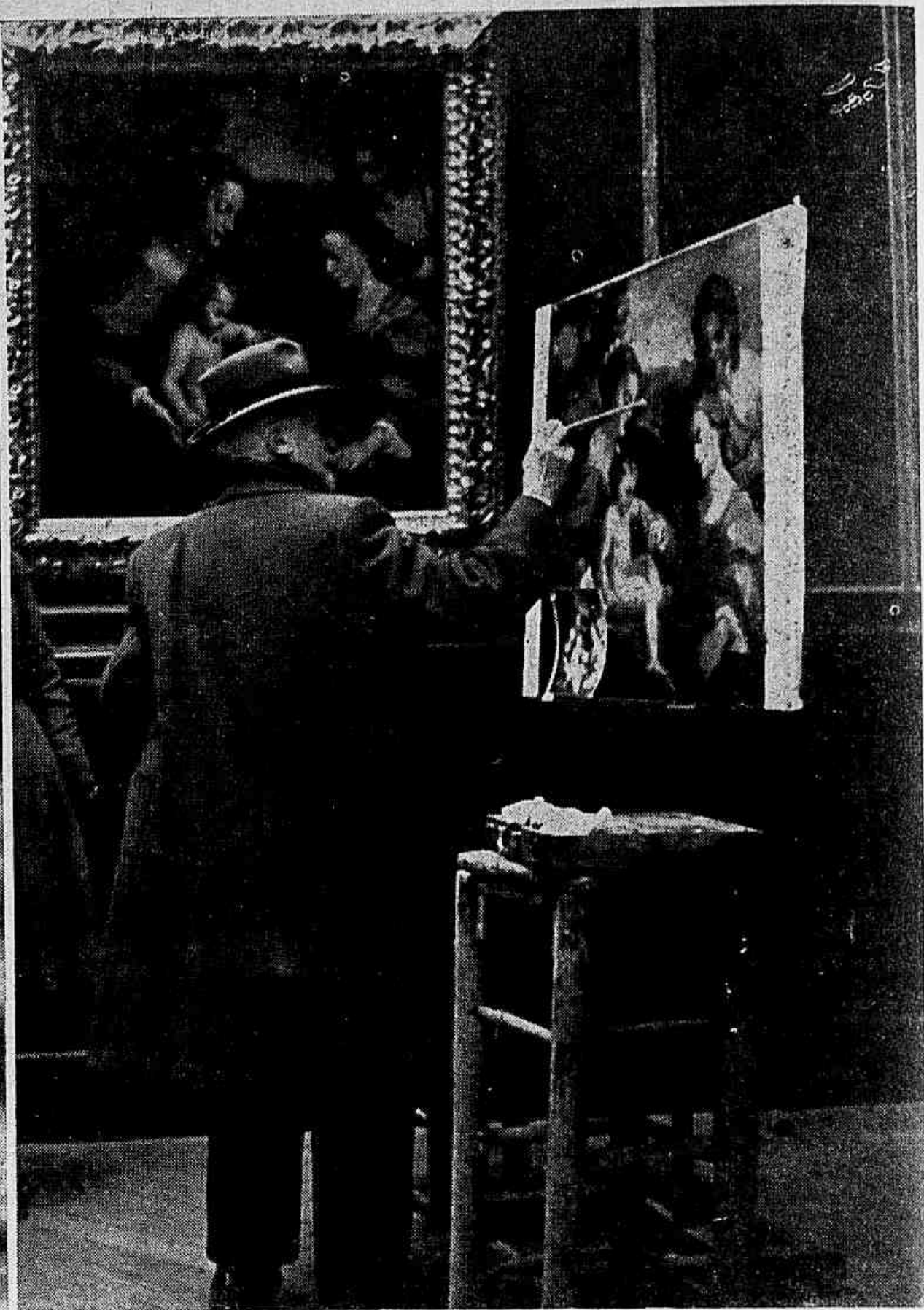
Com a transferência de vários outros museus parisienses para o Louvre, sob o reinado de Luiz XVIII, Charles X e Luiz Felipe, esse famoso museu se tornou um dos maiores do globo. O seu catálogo atual atinge ao número de 200.000 de objetos:

OS SEIS MUSEUS

O Louvre contém atualmente os seguintes seis museus: Antiguidades Greco-romanas; Antiguidades Egípcias; An-

A esquerda: este jovem casal escolheu a quietude da Sala Romana para um beijo (e não podia fazer melhor escolha!), e a romana, sobre o seu pedestal, parece estar discretamente virada, afim de não perturbar o amor. Em baixo: nenhum visitante do Louvre pode deixar de admirar a mais famosa pintura do mundo, a "Mona Lisa", de Da Vinci, exibida sobre um fundo de veludo vermelho escuro e sempre vigiada por um guarda especial, para que não seja novamente roubada. A seguir, visitantes apreciando tesouros históricos de França, num mostruário fechado; a coroa e o anel de Napoleão e a coroa do rei Luís XIV.





Em cima: Um jovem casal examinando um antigo sarcófago romano com uma simples e expressiva escultura animal. A seguir: O Museu do Louvre é o paraíso dos copistas, que vendem muitas vezes por excelentes preços as suas reproduções dos grandes mestres, quando boas. Este, já bem idoso, é habilíssimo em seu ofício, sendo de chamar a atenção a aparente confiança e facilidade com que trabalha.

Antiguidades Orientais; Pintura; Escultura; Objetos de Arte.

Haverá quem possa dizer que conhece perfeitamente o Museu do Louvre? Duvido. Os próprios funcionários, que ali trabalham há muitos anos, vivendo enclaustrados entre as paredes que reúnem objetos de arte e reliquias históricas de todos os tempos e de todas as partes da terra, não conhecem todo o museu. Impossível conhecê-

lo todo. Para examinar as coisas de uma sala, apenas leva semanas, e o Louvre tem tantas salas, e é tão grande, tão grande...

Resta, pois, ver as suas riquezas de relance, assim como eu as vi, durante muitas visitas. E vi tão pouco...

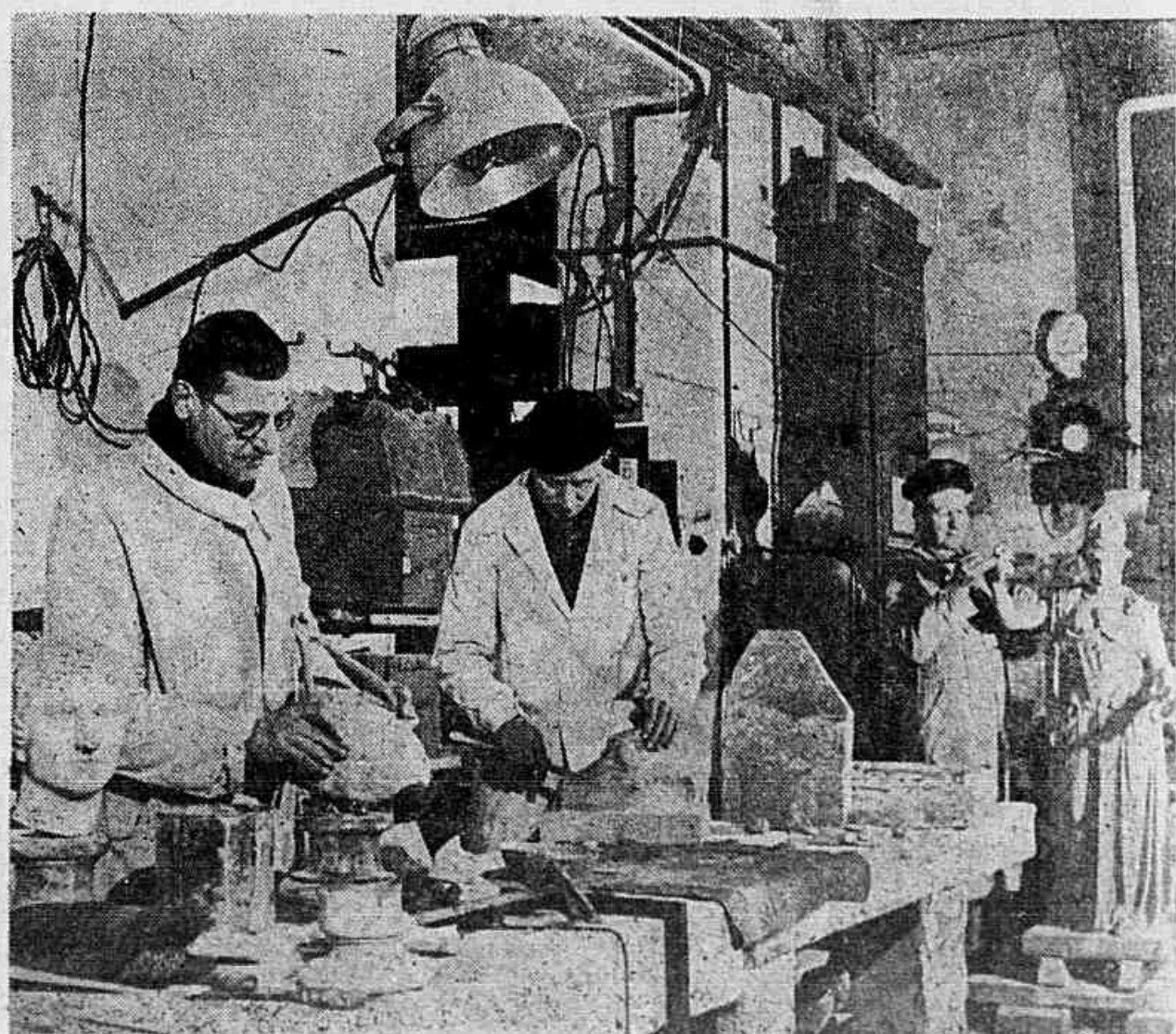
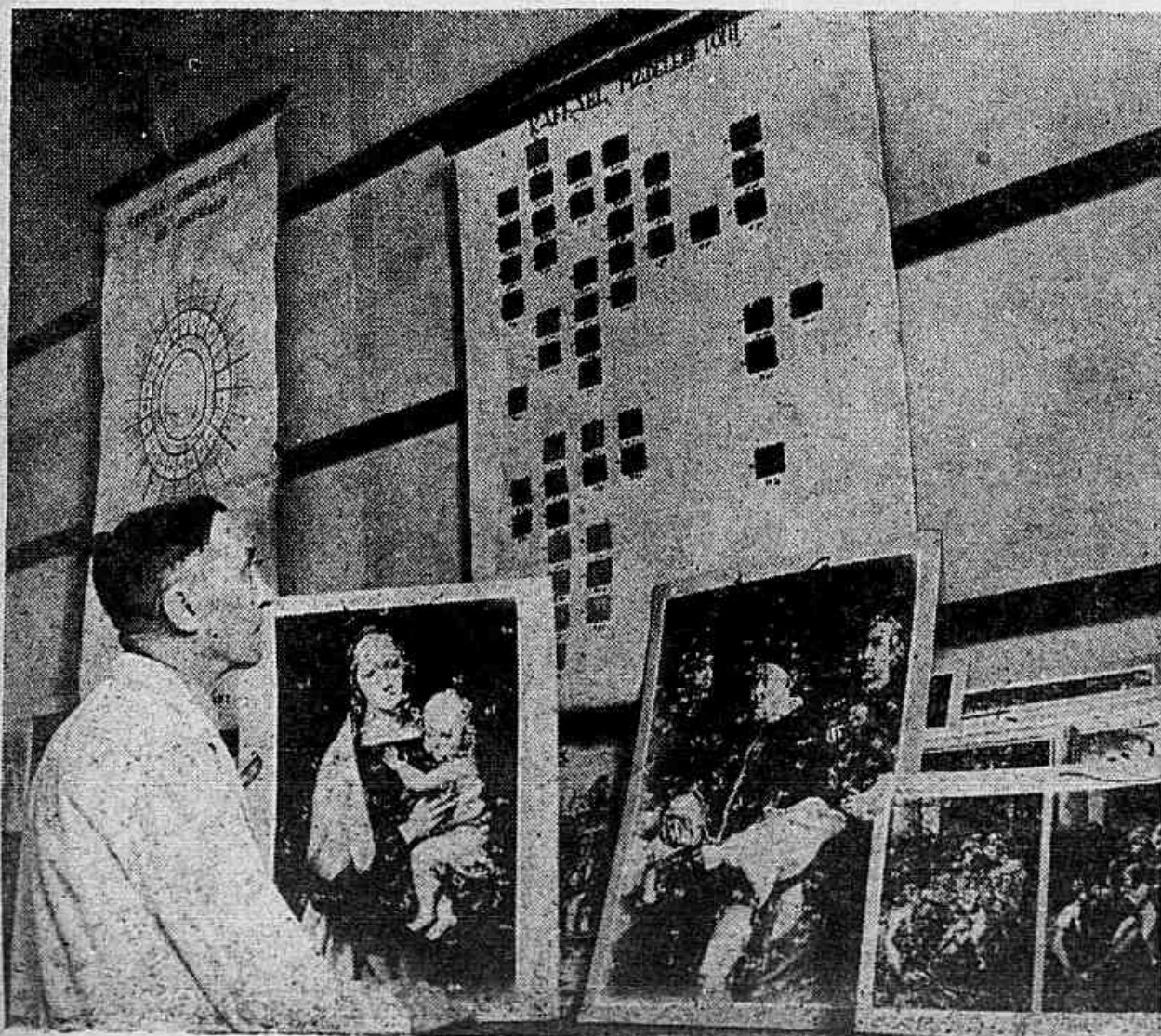
ANTIGUIDADES GREGAS E ROMANAS

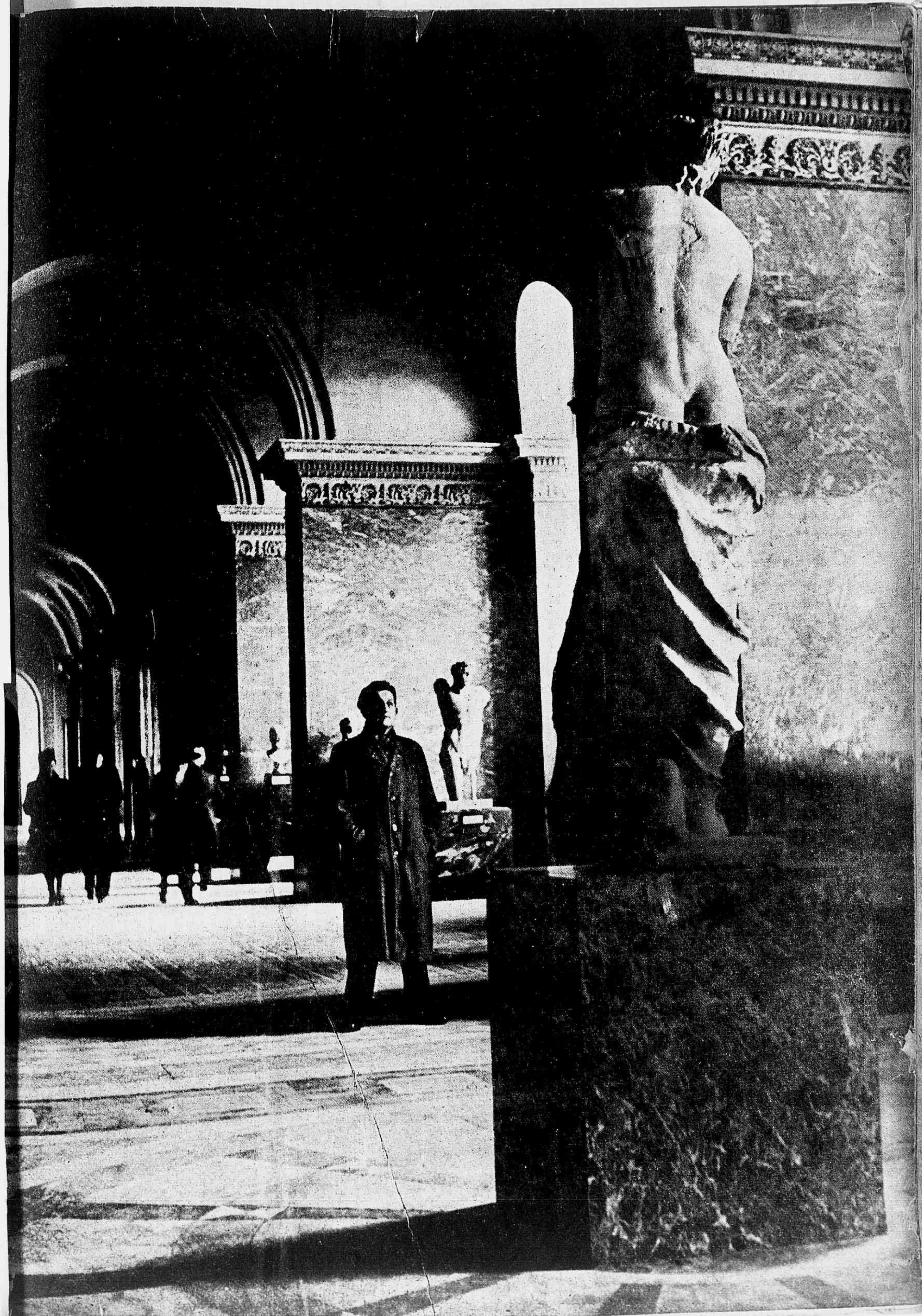
Ao passar o portal da primeira sala onde se acham expostas as antiguidades gregas e romanas, você mergu-

lha no passado que dista dos nossos dias alguns milhares de anos. Você nasce a uns quinhentos anos antes de Jesus e andando de sala em sala, vai envelhecendo séculos e séculos, convivendo com guerreiros que exibem suas armas, plebeus que se gabam de suas vestes antigas, reis, rainhas, filósofos, estátuas, bustos, damas famosas, das quais a mais imponente é, sem dúvida, a mais célebre de todos os tempos: Venus, — Venus de Milo.

(Cont. na pág. 56)

Em baixo: na restauração das obras de arte faz-se um mapa das cores básicas empregadas pelo artista, recebendo cada cor um número de referência. Os números são então lançados sobre uma reprodução fotográfica da tela antes e depois da restauração, afim de serem mantidas as cores originais. Aqui vemos o sr. Destaville, um perito no assunto, comparando as cores da "Madeleine", de Rafael. A seguir, técnicos do Louvre em atividade na restauração de esculturas gregas e assírias, vendo-se no fundo uma "Minerva" recebendo os últimos retoques. A direita: um visitante impressionado pela perfeição de linhas da mais perfeita mulher de todos os tempos, a "Venus de Milo", um dos mais valiosos tesouros do Louvre.





A porta aberta



Conto de **SAKI**

MINHA tia descerá num instante, sr. Nuttel — disse a moça. Aparentava ter quinze anos e ser muito senhora de si. — Enquanto isso poderemos conversar um pouco.

Framtom Nuttel esforçou-se por encontrar um assunto que pudesse interessar a jovem até que a tia chegasse. Na verdade, porém, acreditava cada vez menos que visitas de cerimônia a uma porção de pessoas que lhe eram totalmente estranhas, fossem muito eficientes para ajudar a cura de nervos que estava tentando fazer naquela cidadezinha do interior.

Quando iniciara os preparativos para emigrar para aquele sossegado recanto, sua irmã lhe dissera:

— Já sei o que vais fazer. Vais te enterrar num daqueles casarões e passar os dias sem ver nem falar com ninguém, e com isso o teu sistema nervoso ficará ainda pior. Mas deixa por minha conta: vou te dar cartas de apresentação para os meus conhecidos. Lembro-me que havia lá gente bem interessante.

Agora, Framtom esforçava-se por adivinhar se a sra. Sappleton, a quem trouxera uma das

cartas, estaria incluída naquela classificação.

— O senhor conhece alguém aqui? — perguntou a sobrinha da sra. Sappleton, após um polido silêncio.

— Absolutamente ninguém — respondeu Framtom. — Minha irmã passou uma temporada aqui, como a sra. sabe, há uns quatro anos, e deu-me cartas de apresentação para alguns dos seus conhecidos...

— Ah! Então o sr. não sabe o que aconteceu à minha tia?

— De sua tia, senhorita, só sei o nome e o endereço — respondeu Framtom que naquele pre-

ciso momento procurava descobrir se a sra. Sappleton era solteira, casada ou viúva. Havia na sala um certo quê indefinível que sugeria presença masculina.

— Ah! A grande tragédia da minha tia ocorreu justamente há três anos — continuou a jovem. — Quer dizer que foi depois da partida de sua irmã.

— A grande tragédia de sua tia?! — indagou Framtom. Parecia-lhe estranho que num lugar tão tranquilo se verificassem grandes tragédias.

— O senhor deve ter achado esquisito que nós mantenhemos completamente aberta esta porta com um tempo como o de hoje — disse a moça baixinho, indicando a ampla porta-janela que dava para o jardim.

— Hum! O tempo não está lá muito bom — retorquiu Framtom. — Mas, desculpe-me, que é que essa porta tem a ver com a tragédia da sra. sua tia?

— Foi através dessa porta que, faz hoje justamente três anos, seu marido e seus dois jovens irmãos saíram para caçar. Nunca mais voltaram! Ao atravessar a charneca em direção ao bosque onde costumavam caçar, foram engulidos por um daqueles traiçoeiros poços de areia movediça. Foi logo depois das chuvas. Na várzea havia terrenos que, embora em outras épocas fossem firmes, enguliam a gente num instante. E o pior é que os corpos nunca foram encontrados! O choque foi terrível para a minha pobre tia!...

Nessa altura, a voz da moça perdera o tom de cerimônia e tornara-se balbuciante, embargada pela emoção. Com um suspiro continuou:

— E a coitada vive agora na ilusão de que algum dia eles voltarão, com o cachorro que os acompanhava, e que entrarão por essa porta como sempre faziam. E' por isso que fica aberta o dia todo, até anoitecer. Pobre tia! Ela sempre me conta como foi que eles saíram: — seu marido com a capa branca no braço e seu irmão menor, Ronnie, cantando "Bertie, por que é que você pula tanto?", só para brincar com ela, porque sabia que essa canção a irritava. E o sr. quer saber de uma coisa? As vezes, quando estou sozinha nesta sala, em tardes como esta, fico quase com a impressão de que de um momento para outro eles vão entrar mesmo, por essa porta e...

Calou-se repentinamente, sacudida por um estremecimento. Foi um grande alívio para Framtom, quando, momentos depois, a sra. Sappleton penetrou na sala desfazendo-se em desculpas por ter demorado tanto em aparecer.

— Espero que Vera tenha sabido entretê-lo — disse ela.

— Oh! sim, soube me entreter muito bem.

— Espero que o sr. não se incomode com essa porta aberta — prosseguiu a sra. Sappleton, sentando-se. — Meu marido e meus irmãos voltarão de um

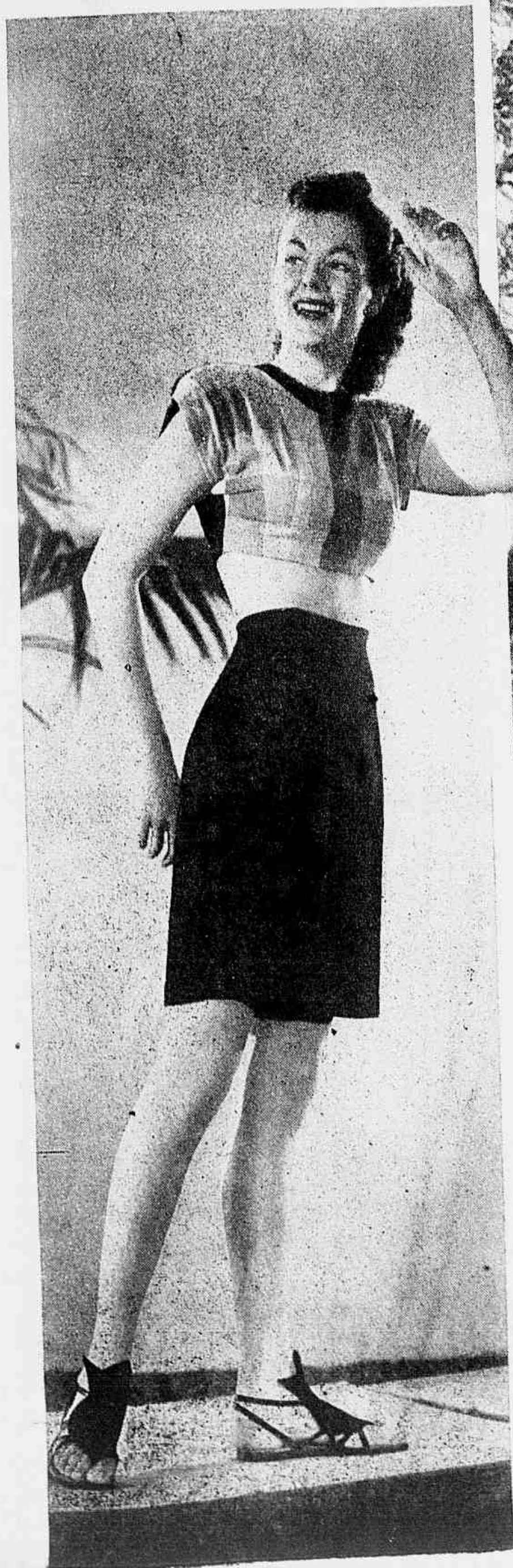
(Cont. na pág. 50)

Ilustração de **ORLANDO MATTOS**

BARBARA HALE

A encantadora "estrelinha" da RKO Radio, deixa aqui para as nossas leitoras, duas graciosas sugestões para a estação do sol.

O primeiro, em baixo, é um conjunto composto de "short" de linho preto, de corte inteiramente novo, e bolero preto atrás, e em grandes quadros de cores diferentes na frente. Sandália preta de feltro muito original. O segundo, ao alto, é um vestidinho de algodão com babado "godet" bastante franzido ao redor do decote e formando manga, blusa e saia franzidas. Bolso também franzido.



A inveja, o despeito, a maledicência, são os seus maiores inimigos! São eles os responsáveis pelo isolamento em que você vive, e pelo malestar que você diz sentir na presença de outras pessoas. E' que é duro para você assistir ao sucesso de um amigo, quer seja esse sucesso financeiro, artístico ou social. Um "não-conformismo" tomou conta de você e faz com que você se revolte contra o êxito que outros possam alcançar. E essa sua revolta você não sabe esconder; deixa que transpareça nos seus gestos, nas suas atitudes e nas suas palavras. E' lógico que dentro de pouco tempo todos se afastam de você; porque sabem que nunca poderão contar com um amigo sincero a quem possam confiar seus sucessos, seus sonhos, suas esperanças... O invejoso, o despeitado, o maledicente, é, acima de tudo, uma criatura infeliz. Infeliz, porque não tem amigos, infeliz porque sofre com a felicidade alheia, infeliz porque se julga incompreendido,

NOS BASTIDORES FEMININOS

infeliz, enfim, porque carrega consigo nada mais, nada menos do que um tremendo complexo de inferioridade! Sim, isso mesmo, "complexo de inferioridade"! Porque só se sentindo inferior, é que uma pessoa pode ser despeitada ou invejosa. Observem que o objeto da inveja ou despeito é sempre superior ao invejoso e ao despeitado... Superior em inteligência, superior em beleza física, superior enfim, em qualquer outra coisa que possa provocar no outro, cuja mentalidade não está educada e preparada convenientemente, um sentimento de rejeição que o leva a odiar, a difamar e a invejar! Si cada um pudesse compreender que há sempre em cada um de nós, pelo menos alguma coisa de aproveitável, e si pudesse cada um descobrir aquilo que de mais aproveitável possui e en-

tão procurar esmerar-se afim de se tornar também "superior" em alguma coisa, talvez diminuísse um pouco o número dos que possuem o "complexo de inferioridade", e, conseqüentemente, passariam a olhar os outros com maior simpatia e com maior simpatia também seriam olhados. Uma pessoa, seja, por exemplo, pode vir a ser admirada pela sua inteligência, pelas suas virtudes, pelo seu espírito... Também, aquela que é apenas bonita pode vir a ser admirada apenas pela sua beleza... Não é preciso reunir tudo ao mesmo tempo; basta uma qualidade que o ponha em destaque e que possa alimentar a sua vaidade, livrando-o também dos três inimigos citados. Um simples par de olhos bonitos poderá transformar uma criatura invejosa numa pessoa alegre e feliz, porque sente que possui algo digno de atenção. Procure você também, e estou certa de que encontrará qualidades que a ponham em relevo e a tornem bem mais feliz!

KITTY

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

A MORTE DE AGRIPINA

Quando o centurião mandado por Nero para assassinar sua própria mãe, Agripina, desfechou-lhe uma bastonada na cabeça, ela replicou, num último esforço:

— Centurião, golpeia não minha cabeça, mas o meu ventre, porque ele é que é culpado de ter dado a vida a Nero!

O PODER DA MARECHALA

Fazia-se o interrogatório de Eleonori Dori, — marechala d'Ancre, — esposa de Concino del Concini, ministro de Maria de Medicis e marechal d'Ancre, durante um processo por feitiçaria. Os juízes perguntaram-lhe, então, de que filtro se servia ela para cativar o coração da rainha Maria de Medicis.

— Servi-me apenas, — respondeu a marechala, — do poder que têm as mulheres inteligentes sobre as tolas...

ENTRE DAR E ACEITAR...

Sophie Arnould, a famosa cantora francesa (nascida em 1744 e falecida em 1813), mulher de grande beleza e de grande espírito, tinha pouco mais de sessenta anos, quando alguém, querendo ser lisonjeiro, lhe disse:

— Sabe que lhe dão quarenta anos?

— Podem dar, — replicou a cantora, — mas a questão é que eu não aceito...

INSEPULTA...

A princesa Cristina de Belgioioso, nascida em 1808 e morta em 1871, — escritora milanesa, militante política do Ressurgimento Italiano, por quem Alfred de Musset teve uma grande paixão, — era tão pálida, mas tão pálida, que Henri Heine, vendo-a, teve esta observação:

— A princesa se esqueceu de se fazer sepultar...

Ao saber dessa frase, ela observou:

— Heine tem razão. O que ele não sabe é que eu morri de tédio...

Mas não disse se foi de ler o "Intermezzo" ou não...

UM VERSO DE SARAH BERNHARDT

Sarah Bernhardt era um pouco esquecida e, em suas frequentes distrações, esquecia-se de linhas dos papéis que representava, mas, ajudada pela sua presteza genial, saía-se das dificuldades, improvisando as falas com uma habilidade maravilhosa. Um dia, porém, era dada uma peça em verso, "L'Aiglon", de Rostand. No terceiro ato, ela no papel do duque de Reichstadt, um travesti que ficou famoso, devia dizer ao imperador da Austria:

"Ne frappez pas la table avec colere.

Vous avez fait tomber la glaive consulaire!

Mas, em vez disso, começou, distraidamente, a dizer:

"Ne frappez pas la table avec violence..."

De súbito, parou, verificando que não podia prosseguir sem uma rima em "ence". Mas, como se nada tivesse havido, continuou logo:

"Vous avez fait tomber la sabre d'ordonnance"...

E, assim, fez, talvez, o seu único alexandrino...

A VIDA IDEAL...

A duquesa de Berry (Maria Luisa d'Orleans), filha do regente de França, Felipe de Orleans, — bela, orgulhosa e extravagante, — viveu uma vida dissipada e morreu aos vinte e quatro anos. Quando lhe diziam que devia moderar-se, porque os excessos podiam abreviar-lhe a vida, ela replicou:

— A vida deve ser assim: curta e boa.

DOR SINCERA...

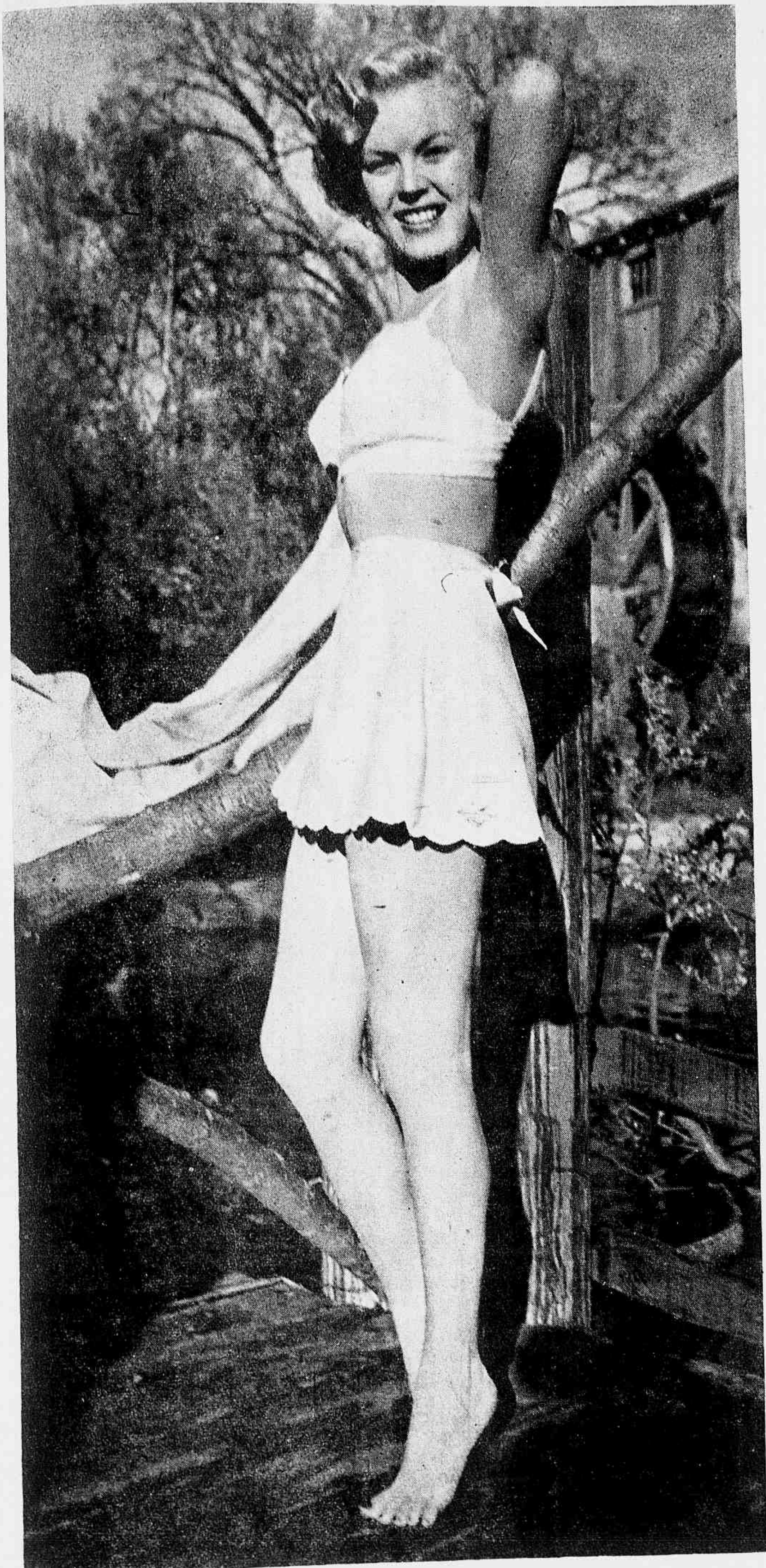
Harriet Beecher Stowe, autora de "A Cabana de Pai Thomaz", livro que agitou o povo americano, dando o primeiro golpe de morte no escravagismo, escrevia a uma sua amiga, Mrs. Howard:

"Sua filha Annie parece estar sentida comigo porque no meu livro deixei que Eva morresse. Mas, palavra de honra, não foi possível fazê-la viver. Eu, pessoalmente, fiquei tão abalada que durante duas semanas inteiras não tive ânimo para pegar na pena."

(Seleção de L. B.)



"MAILLOTS" MODERNOS



J EANNE Crain e June Haver, são as duas encantadoras estrêlas da 20th Century Fox, que aqui vemos exibindo êstes moderníssimos "maillots" que sugerimos às nossas leitoras para a próxima temporada de verão. O primeiro, de Miss Crain, é de fustão amarelo canário, com enfeites em branco. O segundo, de Miss Haver, é também em fustão, porém, inteiramente branco. Ambos muito originais e de fácil execução.

A PERSONALIDADE da Semana

VERA JANACOPULOS



Lembro-me com extraordinária nitidez do meu primeiro encontro com Vera Janacopulos. Era num sábado de inverno na Bélgica. Eu passava o week-end na casa de campo de amigos. Quando desci para o jantar, anunciaram-me que Vera Janacopulos chegara e passaria esses dois dias conosco. Fiquei tão comovida que perdi a fala e tão nervosa que meu coração começou a

pular. Não era brincadeira para uma menina de treze anos, aproximar-se de uma das mais célebres artistas do mundo que, além disso, era tão linda que plateias inteiras lhe davam seu coração logo que surgia no palco.

Tinha ainda diante dos olhos o teatro repleto da véspera, cheio desta expectativa total que poucos artistas conseguem provocar. Com efeito, Vera Janacopulos não possuía somente a admiração dos músicos e a gratidão dos estudantes que enchiam as galerias, mas conseguia até comover os snobs para os quais o concerto é geralmente um simples dever mundano. Sua voz quente, seu sentido das nuances, sua interpretação compreensiva, sua personalidade e sua beleza aliavam-se de tal forma que conquistaram a Europa inteira. Um crítico parisiense escreveu uma vez que Vera Janacopulos possui o dom de dar vida a tudo que toca e era mesmo a vida, no seu sentido mais amplo, que emanava desta mulher de traços regulares, ao sorriso doce, aos cabelos pretos cortados por uma meche branca, quando interpretava Mahler, Strauss, Schubert, Debussy, Moussorgsky. Eu ficara principalmente impressionada pelas etapas da vida de uma mulher. "Du Ring an meinem Finger..." "Er, der herrlichste von allen..." "Ich kann es nicht fassen, nicht glauben..." todas as fases do amor exprimidas pelo gênio de Schumann e o de Heine, que nos fazia compreender. E era esta mulher, que a crítica europeia consagrara como "a maior cantora de música de câmara do mundo", que ia ver de perto!

Admirei seu vestido roxo, e seu sorriso um pouco melancólico e nada disse. Perguntaram-me a razão do meu silêncio e pretextei uma dor de cabeça — "Feche os olhos", disse Vera Janacopulos, que se levantara e se aproximara da minha poltrona. E deu-me uma massagem na testa com suas mãos frescas. Tive a impressão que seus dedos também cantavam e teria gostado de prolongar para sempre a doçura que me enchia.

Lembrei este primeiro contacto, conversando com Vera Janacopulos. "Foi meu primeiro contacto com o Brasil!", acrescentei.

"Mas no Brasil menosprezam geralmente a cantora de música de câmara", observou docemente. "Muitos ainda imaginam que quem possui uma grande voz escolhe o único lugar de honra: a ópera! Para a maioria, quem não se dedica à ópera não pode ser uma verdadeira cantora!"

Confessou não gostar de uma expressão musical já caduca. "Além disso, como é possível exigir a uma mulher que tenha uma bela voz, seja linda e saiba representar?... Tive um único contacto com a ópera. De Falla insistiu para que criasse sua "Vida breve". Fui visitar Signoret e Plooff. Foi a este último, que conseguira transformar amadores em grandes atores (Michel Simon, por exemplo), que fizesse repentinamente de mim uma atriz. Tornei-me nervosa. Repetia meu papel diante do espelho. Era um verdadeiro pesadelo! Um dia recebi um telegrama, anunciando que o teatro de Madrid falira. Que alívio! Foi o dia mais alegre da minha vida! Eis meu único contacto com a ópera!

Vera Janacopulos, que criou as obras dos maiores compositores modernos, que foi chamada para criar as próprias obras, por Stravinsky e Poulenc, entre outros, e que, ao mesmo tempo, divulgou pela canção a alma dos povos mais diversos, contou-me seu primeiro encontro com Mengelberg.

— Tremia porque Mengelberg era o pavor de todos os artistas. Gritei um algarismo que não compreendi aos músicos, que começaram a tocar o Motete de Mozart, no meio. Conhecia-o tão bem que não me importei com isso. Poderia tê-lo cantado às avessas! Mengelberg não me interrompeu uma única vez e quando acabei gritei: "Está bem! Está bem!" Vi que estava mesmo bem quando o regente mais temido da Europa veio pessoalmente buscar-me nos bastidores no dia do concerto!"

E estou a me perguntar se as cantoras que Vera Janacopulos está formando no Rio se dão conta de tudo que sua professora representa, como artista e como mulher, se os brasileiros sabem o que fez pelo Brasil durante suas peregrinações pelo mundo e se adivinham com que respeito e amor seu nome é pronunciado em toda parte pelos que nunca se esquecerão de que ela os elevou acima de si mesmos.

YVONNE JEAN



AINDA SOBRE A EXPULSÃO

Uma senhora procurou-me desolada e narrou-me o seguinte fato que passo a historiar:

"Meu filho, de nove anos de idade (fixem bem a idade) cometeu na escola uma teimosia e uma macriação de criança. Não estou procurando desculpar a sua ação e reconheço que houve um mal feito; o que me espanta e me surpreende é a violência da repressão. Cometeu, como dizia, uma ação reprovável, recusando-se a cumprir uma ordem que lhe fora dada. A professora do menino levou o fato e a criança ao conhecimento e presença da diretora. Esta, horrorizada pela falta venial do garoto, conduziu-o de classe em classe, exibindo-o aos colegas, e repetindo à sociedade o relato da falta.

Não satisfeita, ainda, com esta insistência disciplinar e humilhante, mandou-me a criança para casa, expulsando-a, definitivamente.

Não fui chamada para tomar conhecimento do fato, não se concedeu ao réu uma advertência, prevenindo a repetição da falta. Não. Houve, apenas, a expulsão, simples e seca, privando a criança da escola, ao fim do ano, quando os exames se aproximam, inutilizando portanto a promoção do meu filho.

Que acha a senhora deste caso e que devo fazer?"

Procurei saber onde se passara o fato (e não convém citar o nome da escola) e em que série estava o petiz. Tomei conhecimento da veracidade do depoimento, e me horrorizei, mais ainda do que a diretora, pela inconsequência da sua repressão. Vamos, pois, analisar pormenorizadamente o fato:

a) Uma criança de nove anos comete uma teimosia e uma macriação. Ambos os atos revelam apenas que o indivíduo está ainda inadaptado para a vida social; mas a pouca idade nos diz, também, que é o momento de agir e não de renunciar à correção do caráter, afastando o ser em formação do ambiente escolar.

b) A criança foi conduzida de sala em sala, vexatariamente, expondo-se a sua culpa diante dos condiscípulos.

Atitude imprudente e errada da educadora, fixando na mente infantil mais a falta que a correção necessária.

c) O menino foi expulso.

Observe-se, então, o exagero da repressão do tamanho da falta. Uma espécie de lei primitiva de cortar a mão ao que rouba e matar aquele que infringe um tabu tribal. Se a expulsão for aplicada a torto e direito, a propósito de qualquer macriação infantil, que recurso reservaremos para as grandes faltas que forem cometidas?

Não tenho a menor dúvida de que a escola, quando adota a expulsão arbitrariamente, está apenas usando um processo sumário de eximir-se dos seus deveres — que são educar e preparar o indivíduo para a vida social.

d) O menino foi afastado, definitivamente, da escola, em vésperas de exame, sendo um aluno promovível.

Neste caso infringiu-se um grave prejuízo à vida escolar da criança, impedindo-a que realizasse as provas finais e alcançasse uma possível promoção à série superior.

Pela análise dos fatos acima referidos, podemos concluir do absurdo de situação e o que mais lastimável, quanto são frequentes estes fatos.

Na hora presente de confusão social é preciso que os educadores tomem consciência dos seus deveres e não fujam a eles com as desculpas fáceis de ordens administrativas.

Já é tempo que os educadores abram livros pedagógicos e leiam um pouco, num perpassar de olhos, que seja, sobre o que se passa com a criança ou adolescente, e como se deve reagir frente às jam. É preciso que deixem da cômoda posição de situações de oposição ou outras quaisquer que se elogiar aos bonzinhos, que não precisam ser conque encontram dificuldades no ambiente, nisto, formados, e tratem de orientar eficazmente aos sim, está a sua função.

Só me falta repetir aqui a resposta que daria à infeliz mãe, se ela dispusesse de dose maior de conformação filosófica:

— Não queira que seu filho volte a esta escola; ele não saberá formá-lo eficientemente.

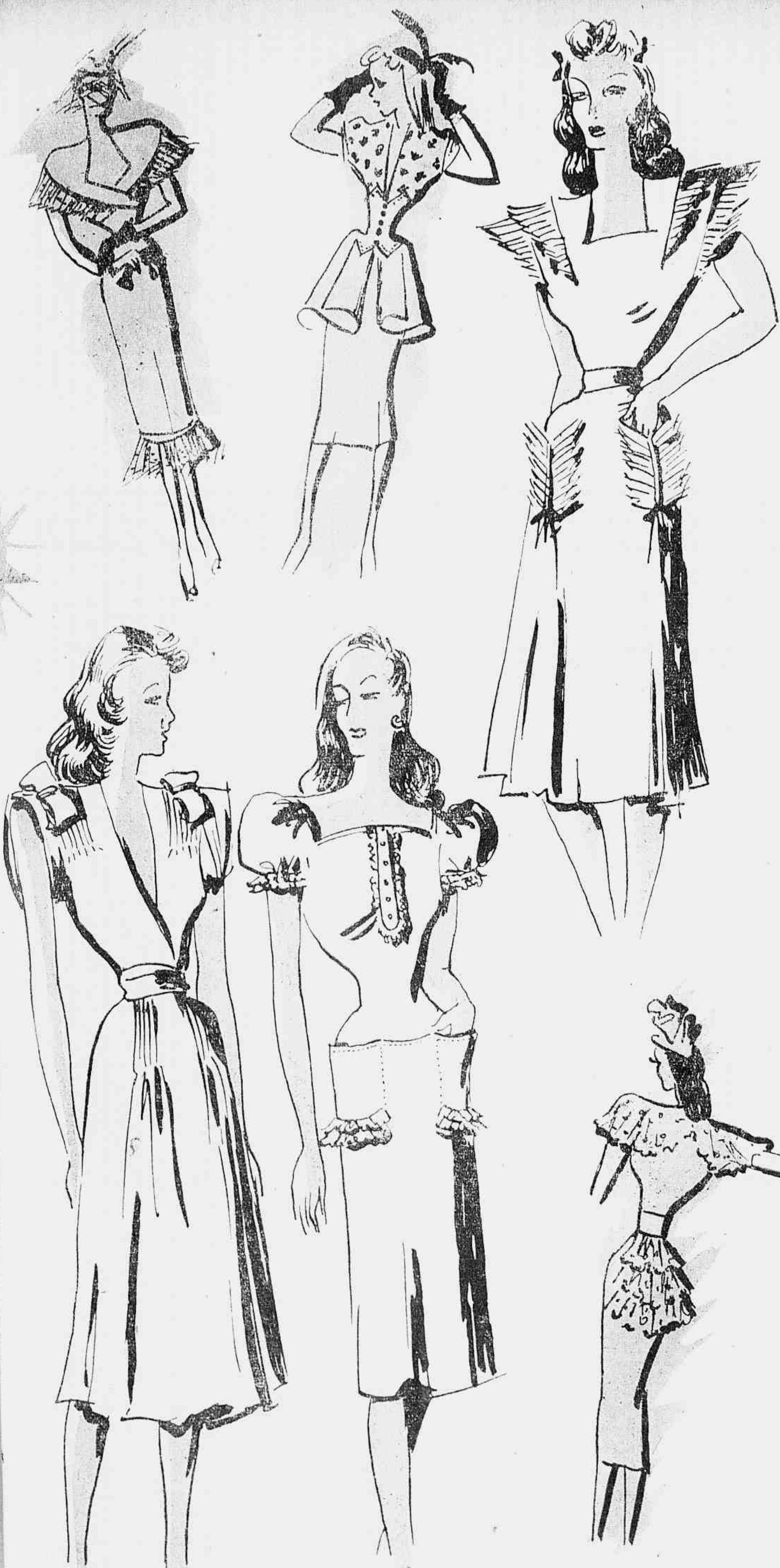
ZOIA DE LAET



Ao alto: 3 PEQUENOS MODELOS — 1 — Para os dias quentes, modelo simples guarnecido de renda. 2 — Em tecido estampado com largo cinturão em tecido unido. 3 — "Duas-pezas" com saia reta. Casaco abotoado na frente. Mangas "kimono" em tecido estampado. Em baixo, da esquerda para a direita: 1 — Modelo de linho branco, sem mangas. Decote redondo e ao seu redor, bordado inglês. O mesmo bordado sobre os quadris. Saia franzida.

2 — Babado de bordado branco franzido ao longo da blusa, e formando bolsos na saia. O mesmo na barra da saia. 3 — Modelo simples com renda ao redor do decote. Fita de veludo enfiada na mesma.

VESTIDOS BRANCOS



A GORA no verão, você gostará de reunir em sua casa, alguns dos seus amigos que estiveram com você pela manhã, jogando peteca ou "volley" na praia, ou simplesmente conversando entre uma e outra "caída" na água.

Estou certa de que si os amigos são realmente agradáveis, você e o seu marido ficarão pesados de ter que os deixar. É claro que você não terá tempo de fazer um grande almoço, mas poderá fazer alguns pratos ligeiros e gostosos, de aparência apetitosa, e que poderão ser comidos na varanda ou no jardim, dando a tudo um cunho de simplicidade e de camaradagem. Deixe que os seus amigos fiquem à vontade, mesmo de "short" ou de roupão, isso não terá importância alguma, nem quebrará tradicionais regras de etiqueta...

Não será, como já disse, um almoço ao redor de uma mesa: será mais uma oportunidade de prosseguir na palestra e a refeição far-se-á ao ar livre. Experimente e verá que agradável domingo você terá. Os pratos deverão ser ligeiros quanto os trajes, podendo o menu ser mais ou menos o seguinte:

RODELAS DE PAO COM QUEIJO

Corte rodelas de miolo de um pão de fôrma de 4 cm. de diâmetro, e 1 de espessura. Amasse 250 gramas de queijo do reino com manteiga, 1 colher de café, de mostarda, e 1 de molho inglês. Faça bolinhos do tamanho de avelãs, coloque em cima das rodelas de avelãs, e leve ao forno só para tostar. Sirva logo.

BIFES COM PRESUNTO

Corte os bifes de alcatra, tempere de sal e leve a fritar na manteiga até ficarem dourados e deite em 2 travessas. Corte cubos de miolo de pão de 1cm. que encha 3 chicaras; torra no forno e regue com manteiga derretida. Cozinhe 5 ovos e parta em pedacinhos, assim como 100 grs. de presunto. Misture tudo e coloque ao redor dos bifes. Aumente o molho da frigideira com 1 cálice de água e outro de vinho e derrame sobre os bifes. Guarneça o prato com agrião.

PUDIM DE CHOCOLATE COM LEITE

250 grs. de chocolate ralado, 250 grs. de açúcar, 1/2 litro de leite, 10 gemas e 2 claras. Dissolva o chocolate no leite, junte as gemas e as claras, não batidas. Junte tudo, despeje em fôrma untada e leve a assar em banho-Maria.

SORVETE DE MORANGOS

Tire os cabos de 2 kls. de morangos, esmigalhe-os bem e deixe-os de infusão em 60 grs. de açúcar. Depois passe pela peneira e junte 1/2 litro de leite frio. Não vai ao fogo. Fica melhor juntando 1/2 litro de creme de leite.

Ao alto: 3 PEQUENOS MODELOS — 1 — Modelo simples. Babado plissado na blusa e na saia. 2 — Costuma ligeira. "Basque" de feitiço original. 3 — Peterine de renda. Atrás,

três babados da mesma renda. Em baixo, da esquerda para a direita: 1 — Vestido de seda lavável, guarnecido de pregas e dois laços sobre os ombros. 2 — Vestido de linho claro. As mangas "bouffants". Dois babados de renda guarnecem a blusa e os bolsos. 3 — Vestido de seda de feitiço simples. Bolsos e ombros com "ruches" plissados.

PARA O VERÃO

MURO DAS lamentações

A FORÇA DO PENSAMENTO

NOSSO pensamento tem uma força muito maior do que comumente imaginamos. Até bem pouco tempo a ciência médica negava essa força, ou pelo menos, diminuía-lhe a importância, pretendendo que o pensamento não passava de uma atividade do nosso corpo físico, pelo qual era absolutamente dominado. Mas a medicina evoluiu, e hoje se confessa psico-somática — isto é, estudiosa não só dos fenômenos físicos como também dos psíquicos. Eis palavras de Metalnikof, um dos grandes sábios contemporâneos, em seu livro "A luta contra a Morte":

"Em geral, não levamos suficientemente em conta o papel dos centros nervosos e da ação psíquica na vida do organismo. Indubitavelmente, a debilidade das forças psíquicas é, não só consequência, mas também, muitas vezes, causa de diversas afecções e, inclusive, da velhice prematura. O papel das forças psíquicas e da sua influência sobre a vida do corpo são seguramente muito grandes, incomparavelmente maiores do que se pensa. Todos os órgãos; o coração, os pulmões, o intestino, as glândulas de secreção interna, estão ligados estreitamente ao sistema nervoso. A menor alteração deste sistema se reflete sobre a atividade de todos os órgãos mencionados, que desempenham importantes papéis na vida do organismo. Por esse motivo, o estado psíquico do paciente tem grande importância em todas as enfermidades e a própria defesa natural do organismo contra os vários parasitas depende do estado do sistema nervoso. Tudo isso é facilmente compreensível, porque a atividade dos vários órgãos que participam da defesa é regulada e estimulada pelo referido sistema".

O pensamento, portanto, exerce a mais decisiva influência sobre a nossa saúde, a nossa personalidade e, conseqüentemente, sobre as nossas possibilidades dentro da vida. Precisamos, por isso, saber pensar. E saber pensar significa só escolher pensamentos construtivos, pensamentos que nos tragam maior força física e moral. As pessoas que se deixam dominar por pensamentos mesquinhos de rancor, inveja ou vingança, dificilmente conseguirão progredir, pois o veneno que dentro de si mesmas inoculam lhes destrói as melhores energias. Também aquelas que se deixam vencer pela timidez e pelo modo acabarão seriamente enfermas, não só do espírito como do próprio corpo. Freud, partindo de campo completamente oposto ao de Metalnikof, acrescentou outra noção, de véras interesse, às idéias que encarecem a influência do pensamento sobre o nosso organismo. Até aqui temos falado sobre o pensamento consciente, o pensamento que pode ser controlado pelo poder da vontade. Pois Freud aventou a hipótese, repetidamente confirmada pela experiência, de que muitas doenças não passam de vontade inconsciente de adoecer, para fugir a algum conflito insolúvel de nossa personalidade, ou para nos esquivarmos de tomar certas decisões diante de fatos que nos aterrorizam. Assim, o corpo adoce porque o nosso pensamento inconsciente quer que adoecemos. Conheci um caso que confirma plenamente essa hipótese de Freud. — Certa moça, casada, se dava péssimamente com o marido e tinha, ao mesmo tempo, um outro pretendente, possuidor de todas as qualidades capazes de fazê-la feliz. Apaixonada por este, ela, no entanto, não se animava a tomar qualquer decisão por causa da filha, uma adorável garotinha de três anos. Foi passando o tempo, trazendo à pobre moça as mais fortes torturas morais na luta entre o dever maternal e o amor. Repentinamente, a moça se apresentou com uma perturbação visual que a reduzia praticamente à cegueira. Não podia permanecer em lugares claros ou iluminados, tinha que ficar o dia inteiro, trancada num quarto escuro. Nesse refúgio, que ela com toda a certeza inconscientemente desejava, ficou momentaneamente livre de ter que resolver: não via o admirador, outra pessoa cuidava da filha e não era forçada a tomar conhecimento da existência do marido. Estava ela assim, muito mal, voltada para a sua doença salvadora, quando acontece um fato inesperado: o marido, ao voltar bêbedo de uma de suas farras costumeiras, é atropelado por um taxi e morre. Inútil contar que a moça, passado o choque, foi recobrando lentamente a vista, até poder enxergar de novo o fiel admirador, à sua espera junto ao altar... Agora, um caso não de doença provocada pelo inconsciente, mas de cura levada a efeito pelo pensamento lúcido de um corajoso rapaz. Aconteceu em Campos do Jordão. O rapaz, bastante jovem ainda, casado e com dois filhinhos, lá chegou com os pulmões em frangalhos, pois a tuberculose os roera violenta e insidiosamente. O médico não teve meias palavras: — Meu filho, você pode morrer hoje, amanhã ou depois. Na melhor das hipóteses, tem dois meses de vida. O rapaz ficou desesperado, não só porque adorava a esposa e os filhinhos, como também não se sentia culpado pela doença — fora sempre cuidadoso, apenas trabalhara demais e se exgotara além do que tinha imaginado.

— Não, aquilo não era justo, não era! Olhou para o médico e disse: — Doutor, sinto muito, mas eu não vou morrer. O médico ficou penalizado, a fitar o seu corpo esquelético sair carregado da sala de consultas. Coitado! Mas o rapaz não mentira: — dentro de três anos estava bom. Que três anos, aqueles! Ao sair da sala do médico, o rapaz foi levado para o leito e durante um ano inteiro não se ergueu, não falou, não tomou banho nem quis ouvir música nem leituras. Ao fim desse primeiro ano vivido, num pensamento único, férreo, de que ia sarar, o rapaz se apresentou novamente ao médico, e este, pelas radiografias, verificou que o organismo havia reagido de tal maneira que o rapaz estava salvo — e salvo sem fazer nenhum dos tratamentos, nenhuma das operações que ele havia julgado inúteis, por tardias. Dois anos mais tarde, o rapaz regressava à sua casa, totalmente curado, e hoje (isso aconteceu dez anos atrás) continua a desfrutar as alegrias da vida, a felicidade de ter uma esposa e filhos que ama e que o adorem.

Concentre seu pensamento em coisas sadias, em sentimentos nobres e elevados, e experimentará uma alegria e um bem-estar extraordinários. Pense certo, que viverá feliz!

CONFIDENTE

RESPONDENDO AOS CONSULENTES

INOCENTE DO LEBLON — Rio — Não cremos que seja aconselhável fazer o que está pretendendo. Não nos sentimos animados a aconselhar, ou melhor, a desaconselhar alguém como você, que parece ter determinações tão firmes. Mas lembramos apenas o que a experiência nos tem mostrado em dezenas e dezenas de casos semelhantes. O homem que se casa por interesse satisfaz momentaneamente alguns desejos de bens materiais e de poderio, mas cedo ou tarde a união se transforma em pesada cadeia, em fonte de disputas e aborrecimentos sem conta. Algumas de suas considerações pessimistas sobre a vida e a humanidade "Inocente do Leblon", podem ser exatas, mas não se aplicam a todas as criaturas. Em que ambiente vive você, para ter ficado tão céptico? Nem toda gente tem os defeitos que você quer generalizar. Existem ainda muitas pessoas boas, capazes de belos sentimentos, de afeições puras e desinteressadas. Talvez uma decepção prematura tenha levado você ao caminho em que encontra. Mas isso é uma pena, porque per-

de, assim, a oportunidade de viver os mais profundos momentos da vida — aqueles em que duas almas se entregam uma à outra no abandono confiante que só o verdadeiro amor pode inspirar.

MIRNA — Juiz de Fora — Você precisa ser mais explícita para que possamos considerar o caso sob todos os aspectos. Este muro guarda sigilo absoluto, é claro, e você, aliás, poderá usar o pseudônimo que quiser, não é mesmo? Voite.

SEGredo — São Paulo — De fato, segredo deve ser mesmo "para quatro paredes", e ninguém precisa saber da desunião que existe em seu lar, no momento. Isso facilitará, mais tarde, uma reconciliação total, pois a ausência de testemunhas deixará o orgulho de ambos a salvo, com todos os caminhos abertos para uma nova lua de mel... Não tome atitudes radicais precipitadamente, em momentos de rancor, pois temos a impressão de que as divergências entre você e sua esposa não passam de tempesade em copo d'água. Tolerância, tolerância, tolerância!



MESMO num guarda-roupa de verão, não deve faltar nunca o vestido preto ou o "tailleur" de lã fina. Principalmente em lugares como o nosso, onde um pancada de chuva basta para fazer descer o termômetro... Um pouco de tudo, é o que se torna necessário à um guarda-roupa de verão. Ao alto, à esquerda: Esta pequena bo-

MODELOS

nita é ELEANOR PARKER, da Warner Bros., exibindo um alegre vestido estampado, aberto na frente, e com gola dupla, redonda. Cinto de camurça em tom vivo. A direita: Um "tailleur" de gorgurão preto um pouco mais "habillé" é indis-



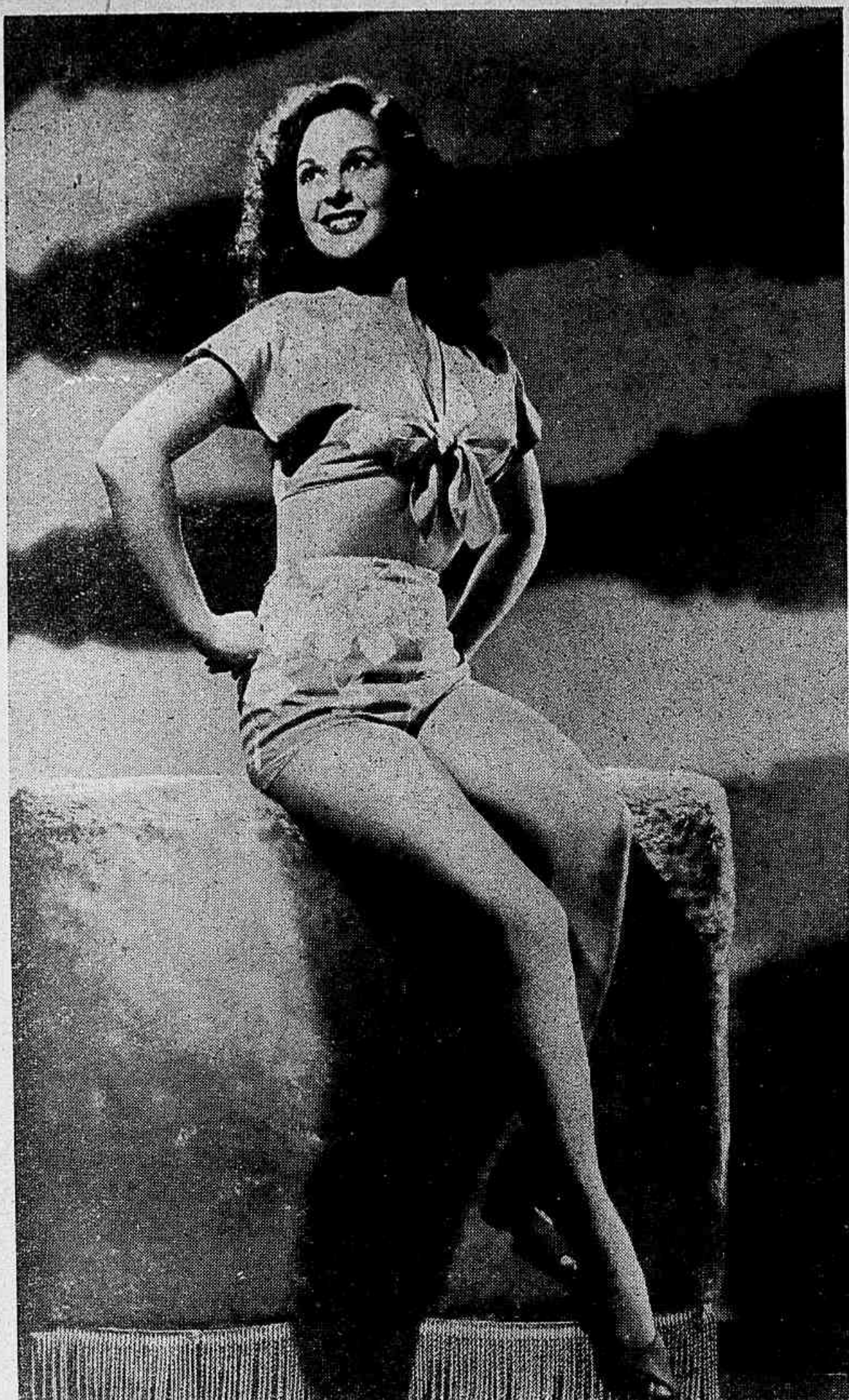


VARIADOS

pensável. Este, que MARTHA HYER, da RKO, sugere, é bordado em "pailletés", formando pala no casaco. Em baixo, à esquerda: Um tanto "sofisticado" ao modelo de GLORIA GRAHAME, da RKO. E' justo ao corpo, com pala de "gaze"

e franjas ao redor da pala e formando bolsos. À direita: Um "tailleur" prático e elegante, feito em lã fina ou gabardine, é a sugestão de EVE ARDEN, da WARNER BROS. Finalmente, à direita: Um vestido preto sóbrio e distinto. Gola e punhos de "piquet" branco abotoados por "clips" iguais. Usa-o JANE WYMAN, da RKO.

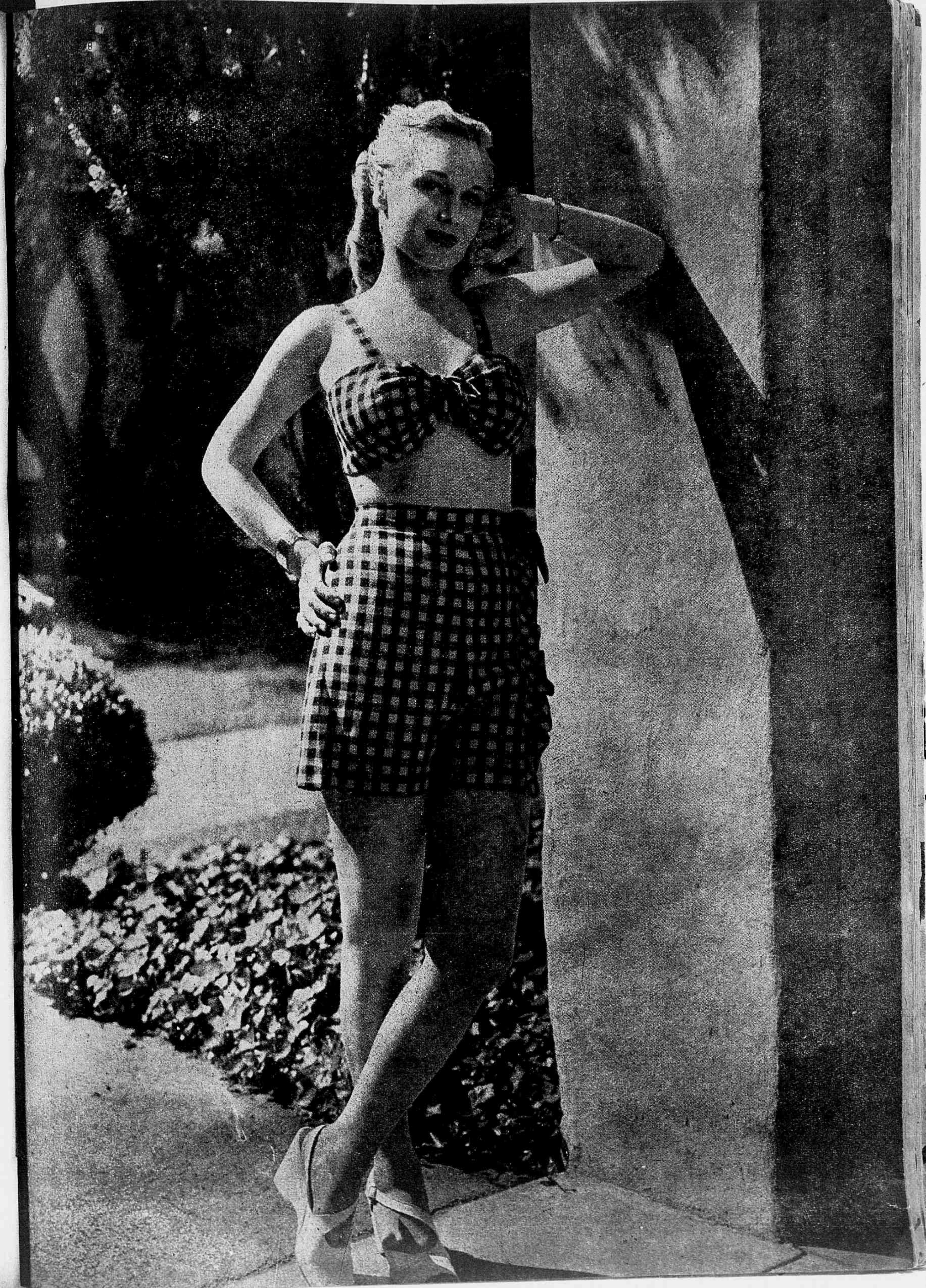




FELIZMENTE voltaram os claros dias de sol e com eles os coloridos vivos, os "maillots" atômicos, os "shirts" alegres, cujas melhores sugestões nos vêm sempre de Hollywood, porque, dentro de cada "maillot" ou de cada "short", vem sempre uma garota cem por cento "infernai"... Ao alto, à esquerda: Esta é SUSAN HAYWARD, da RKO, com um gracioso "duas-peças" azul com estampa branca. A direita: Aqui temos uma francesinha que Hollywood conquistou. Trata-se de REGAN CALLAIS, uma ballarina que se encontra na RKO, praticando o seu inglês, para depois surpreender o público com a sua arte. Realmente, Mlle. Callais nem precisava de talento... Em baixo, à esquerda: De Koret é este conjunto que VIRGINIA FIELD, da Paramount, exhibe. O estampado é um tanto complicado, mas é bonito... São quatro peças, o "short", o "soutien", a sãia e o casaquinho. A direita: Não sabemos bem o que significa a lagosta aplicada no "robe" de VERA RALSTON, da Republic. Mas, de qualquer forma, a idéia é interessante. O "robe", por sua vez, é bastante original. Na página ao lado: Está uma outra "descoberta" da RKO, a loura MARIAN CARR, com um "duas-peças" em quadriculado preto e branco. Um babado franzido do lado direito do "short", dá um "toque" feminino.

VERÃO!







TEMPESTADE

A tempestade arrebitou como a raiva bêsta duma fêra acuada. A noite estava preta como o fundo do mar sem lua no céu. O vento sibillava, lufadas ciclônicas arrancando telhas, lascando árvores, castigando o velho sobrado dos pescadores, aticando o mar à rebelião contra a terra. Vagalhões obesos e violentos surravam num estrondo de espumas a cadeia de penhascos que protegia a angrazinha de Unhão. E de cima, fechado, compacto o céu mandava água aos borbotões, aguaceiros cerrados desaguavam como rios na bacia de Todos-os-Santos, ligando-o ao mar e à terra numa cachoeira diluviana.

A tempestade encontrara João dos Santos na quitanda de sinhá Manuela. Embora o vento sul já viesse soprando há uma hora, João não o ligara muito, não se apressara, como era de sua índole preguiçosa. Ia passando, ainda não escurecera de todo, viu a tentadora

Conto de **Vasconcelos Maia** ★ Ilustração de **Fernando Pereira**

garrafa de cachaça no balcão sujo da choça, chegou até à porta:

— Minha camaradinha, enche aí uma zinha pra esquentar os bôfe.

A velha escondeu rapidamente a garrafa, estendendo a mão, cheia de desconfiança:

— Sou bêsta de te fiar de novo, desavergonhado? Tu qué me passar calôte outra vez?

O mulato sorriu o seu esgar de gengivas cor de fumo, olhou sinhá Manuela com superioridade:

— Quá, nêga, hoje tou chelo de arame.

E tirando um embrulho do bolso, desenlaçou-o, mostrou o seu conteúdo à quitandeira.

— Uai, desgraça! — exclamou ela, surpreendida. E sua voz tomou um tom açucarado, ao passo que avançava matreiramente os dedos gulosos: — Em que baú tu deu hoje?

Com uma gargalhada, João sapecou-lhe um murro na mão, fazendo-a soltar um grito de dor:

— Filho duma cadela! Vá bater na...

Mas o mulato não a deixou continuar:

— Minha camaradinha não insurte a pobre véia que tá penando por aí. Pra que a gente ficar brigando? Essas prata te bôta doida? Eu te dou elas, mas primeiro tú me enche aí uma dupla de tua misturinha com gengibra, erva cidreira e mel.

— Mulato desassuntado! resmungou a preta, engolindo a raiva, a cupidês abalando-a. Pegou a garrafa, encheu um copo de sua famosa cachaça. Dum traço, João emborcou-a. A quentura viscosa como chumbo derretido escorregou-lhe pela garganta, ressequida. O pescador abriu os olhos, deu um estalo na língua:

— Essa é da boa, sinhá Manuela!

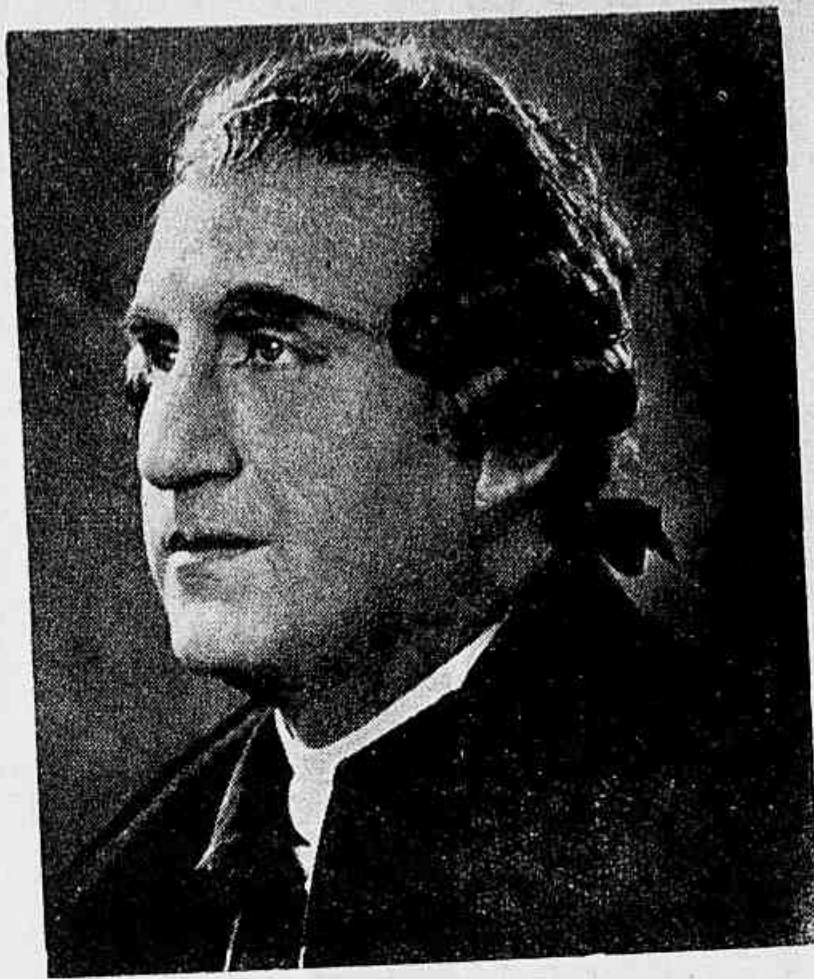
— Só macho engole sem cuspir, meu fio. Vai ver que tú não aguenta outra — disse manhosamente a velha.

— Não me conhece não, gata russa?

E provocado pela quitandeira, João dos Santos continuou a entornar copazos da sensacional mistura, acabou embriagando-se. Seus olhos dilatavam-se, as pálpebras semi-fechavam-se sua cabeça bambeava nos ombros, uma baba escorregava dos seus beiços caídos.

Premiado no Concurso Permanente de "Revista da Semana"

(Cont. na pág. 52)



Da esquerda para a direita: Ferruccio Tagliavini está esperando noventa e três mil cruzeiros que lhe deve a Sociedade Artística Brasileira. Kurt Baun também trabalhou fiado para a SAB, que lhe está devendo cinquenta e sete mil cruzeiros. Violeta Coelho Neto de Freitas, ficou com um crédito, pela sua temporada de 1946, de quarenta mil cruzeiros.

VERSO E REVERSO DO TEATRO MUNICIPAL — O CASO DA SOCIEDADE ARTÍSTICA BRASILEIRA — PORQUE AINDA NÃO SE PAGOU O DÉBITO DE 46 — A CURIOSA SITUAÇÃO DO EMPRESÁRIO VIGGLIANI — UMA SUGESTÃO PARA 1948.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

EM tempo lembramos às autoridades municipais que é chegado o momento de planejar a temporada de 1948 para que o Teatro Municipal não fique, no próximo ano, a proporcionar séries paralelas de espetáculos; os do palco e os que saltam dos bastidores para encontrarem repercussão desfavorável na imprensa... Mais de uma questão surgiu no transcurso da presente temporada por pura e simples imprevidência. As concorrências foram abertas. Os contratos foram assinados — ou não foram assinados, conforme veremos adiante — mas não houve, propriamente, um plano que harmonizasse as atividades artísticas da casa. Nesse interim, tivemos dois prefeitos, três diretores do Teatro e deu-se o advento da Câmara Municipal. Essas circunstâncias excepcionais fizeram de 1947 um dos anos mais acidentados de que guarda lembrança o venerável Teatro Municipal.

Vamos aos fatos.

A SOCIEDADE ARTÍSTICA BRASILEIRA

Quando foi aberta concorrência para a temporada lírica, inscreveu-se e venceu a competição a Sociedade Artística Brasileira. Isso é fato notório. Mas o que nem todos sabem é que, àquela época, essa mesma Sociedade Artística Brasileira devia cerca de novecentos contos a artistas estrangeiros e nacionais, débito esse que vinha da temporada de 46.

Era prefeito Hildebrando de Góes, quando foi discutido o contrato da SAB com a Prefeitura. De acordo com esse documento, competiria à organização arrecadar a bilheteria — que rendeu três milhões e setecentos mil cruzeiros — recebendo, ainda, mil e quinhentos contos

da Prefeitura. No final da temporada, então, a Sociedade prestaria contas.

Assim, quando surgiu a famosa questão dos pagamentos atrasados, a responsabilidade, tanto no tocante a 46 como na temporada atual, era, exclusivamente, da SAB.

De toda essa confusão resultou que chegou ao conhecimento do público a circunstância desabonadora do atraso no pagamento de cachets de 46. E o público formou uma opinião de todo procedente quanto à necessidade de evitar, no futuro, a repetição de incidentes daquela natureza.

Segundo a reportagem feita por um vespertino, a dívida da S. A. B. se eleva a um total de quatrocentos mil cruzeiros, distribuída pelos seguintes artistas: Violeta Coelho Neto de Freitas, quarenta mil cruzeiros; Reis e Silva, onze mil e setecentos cruzeiros; German Torel, dezessete mil e duzentos cruzeiros; Ferruccio Tagliavini, noventa e três mil e seiscentos cruzeiros; Alessio de Paolis, cinquenta e cinco mil cruzeiros; Charles Kulman, com quase oitenta e sete mil cruzeiros; Jean Morel, com aproximadamente vinte e oito mil cruzeiros e finalmente Kurt Baun, com o crédito de cinquenta e sete mil cruzeiros. Essas dívidas da Sociedade Artística Brasileira perfazem o total de trezentos e oitenta e nove mil e quinhentos e quatorze cruzeiros.

MÚSICA DE CÂMERA E SINFÔNICA

Outra seção da temporada teve desenvolvimento ainda mais peculiar. O empresário Viggiani ganhou a concorrência para a parte sinfônica e de câmara. Entretanto, abriu mão, segundo alega, da parte sinfônica. Res-

MÚSICA

ta saber se é lícito o "abrir mão" depois de ter ganhado uma concorrência. Mas consta que o sr. Viggiani lembra que até agora não foi assinado contrato entre ele e a Prefeitura, achando-se, assim, livre de qualquer compromisso.

Por outro lado, ainda que sem contrato, para todos os efeitos o sr. Viggiani é concessionário, organiza espetáculos, tem suas datas de cessão do Teatro marcadas.

Durma-se com um barulho desses...

PARA 1948, MUITAS NOVIDADES

E, em meio a essa situação, a Orquestra Sinfônica Brasileira veio pleitear, mostrando sua folha de serviços à nossa cultura artística, uma situação melhor para si. Pois, na organização da temporada — ou, melhor, na desorganização da temporada — nada lhe coube.

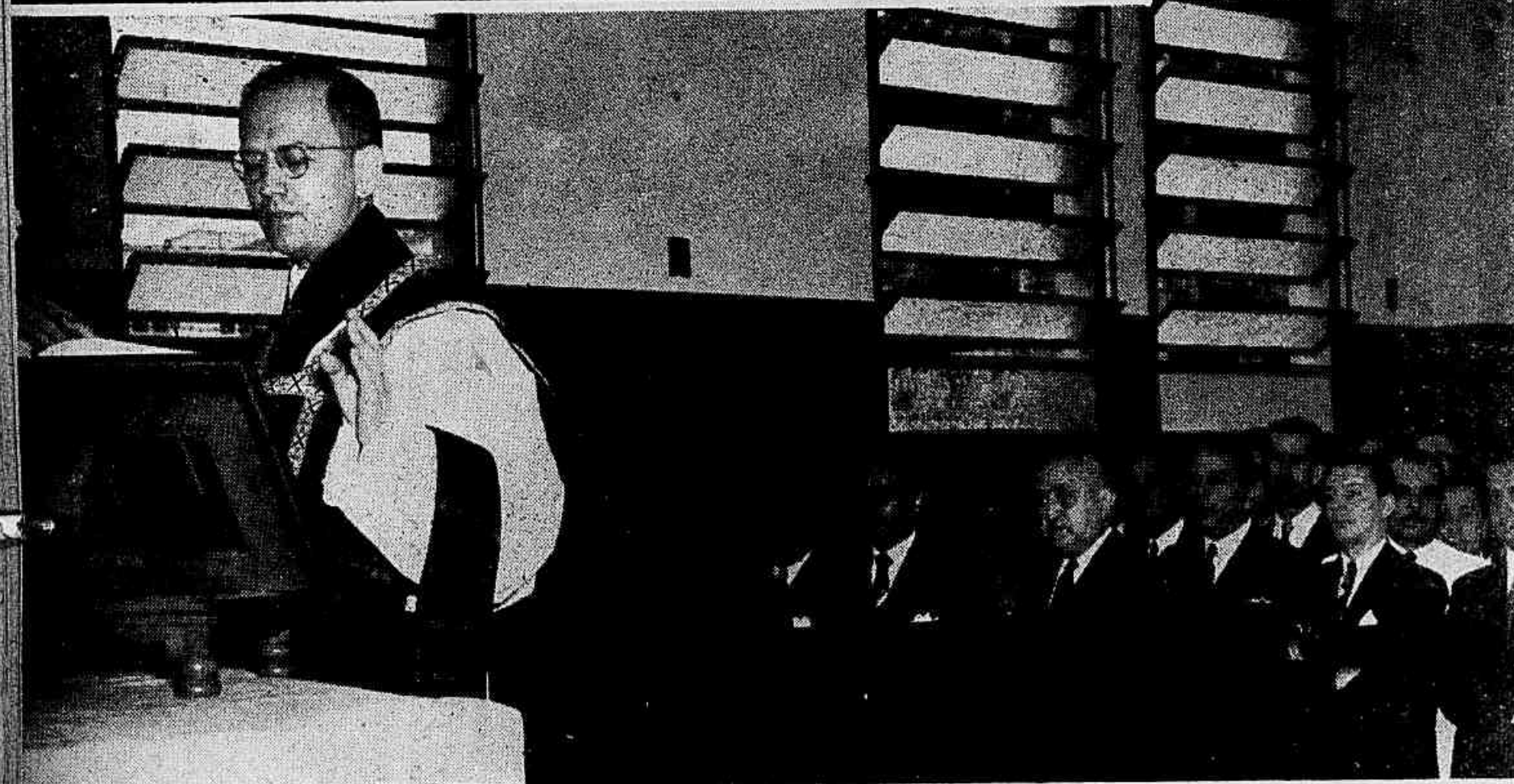
Que se conclui desses fatos que fomos alinhando? Não é evidente, não salta aos olhos que é necessário que a próxima temporada venha a obedecer a um plano cuidadosamente elaborado e rigorosamente cumprido?

Em primeiro lugar, é importante que se delimite, desde o início, quem vai se encarregar de cada uma das partes da temporada e como vai se desincumbir dessa função. Isso não foi feito este ano e o resultado é o que se vê... Além disso, é preciso que não se chegue à situação em que está, este ano, o sr. Viggiani que é concessionário, na prática, mas não tem sequer um contrato com a Prefeitura, que ganhou uma concorrência mas "abriu mão" de uma parte da temporada...

Todos esses esclarecimentos que vamos colhendo no decurso das questões são do conhecimento do governo da cidade, tanto do prefeito como da Câmara Municipal. E daí que devemos esperar a solução, para o próximo ano, sendo oportuno lembrar que à testa do Departamento de Difusão Cultural está um homem de capacidade e experiência, que é Maciel Pinheiro. Venha, pois, o plano da temporada, para ser discutido a tempo. Não deixem para amanhã o que pode ser feito hoje e com proveito...

Charles Kulman, outro dos explorados pela Sociedade Artística Brasileira, tem a receber mais de oitenta e seis mil cruzeiros. O maestro Jean Morel está reclamando o seu dinheiro da temporada passada, vinte e sete mil cruzeiros. German Torel está há um ano esperando que a Sociedade Artística Brasileira lhe pague os dezessete mil cruzeiros.





Com a presença do presidente da República e de altas autoridades estaduais e federais, foi inaugurado no dia 28 de Outubro, o Hospital dos Servidores do Estado. A cerimônia estiveram presentes o senador Nereu Ramos, vice-presidente da República, o cardeal D. Jaime Câmara, os senadores Melo Viana, Vitorino Freire e Pinto Aleixo, o dr. Samuel Duarte, presidente da Câmara dos Deputados, o professor Pereira Lira, secretário da Presidência da República, os srs. Draut Ernany e Fernando Alencar Pinto, além do sr. Alcides Carneiro, presidente do IPASE, srs. Ciro dos Anjos, Ary Pitombo, major Vitorino Correia e Paulo Gentile, diretores do IPASE, e o dr. Raimundo de Moura Brito, diretor do Hospital. Grande número de figuras representativas de todas as classes sociais prestou com o seu comparecimento, suas homenagens à grande obra inaugurada.

A cerimônia iniciou-se precisamente às 10 horas. Diante do bronze comemorativo embutido, em uma das paredes do saguão do Hospital, o sr. Alcides Carneiro proferiu um brilhante improviso, do qual reproduzimos a seguir alguns dos mais importantes trechos:

"Esta obra monumental que o governo da nação entrega a patriótica, digna, eficiente e laboriosa classe dos servidores públicos termina hoje a primeira fase de sua longa história de sacrifícios, incompreensões, desilusões, experiências e cuidados. O funcionário público que hoje entra nesta grande Casa quase não acredita no que vê porque esperou demais. Estas paredes falam de uma história de ansiedade, e, graças ao governo da República, cujo dinamismo, e iniciativa são dignos do maior relevo, tornou-se realidade uma das maiores aspirações do funcionalismo público nacional, ao mesmo tempo que se dotou a assistência médico-social a cargo do governo de um órgão capaz de preencher grandes lacunas e realizar inestimáveis benefícios."

"O Hospital dos Servidores do Estado é um exemplo edificante do que a boa vontade e o esforço conjugados, podem fazer. Criado em maio de 1934, precisamente três anos depois, em maio de 1937, era lançada a sua pedra fundamental, e hoje, decorridos mais de 10 anos, o governo democrático do presidente Eurico Gaspar Dutra, preside a sua inauguração."

"Senhores, este hospital é bem um símbolo do que homens e regimes podem fazer desde que estejam com os olhos voltados para os interesses da coletividade e as aspirações do país, e orientem sua ação pessoal no sentido do bem comum."

"Sob a minha presidência foi confiada a direção do Hospital dos Servidores do Estado ao ilustre dr. Raimundo de Moura Brito, técnico experimentado, atento aos nossos mais complexos problemas de medicina social, administrador eficiente e capaz. O funcionamento normal e quotidiano de todos os serviços e clínicas desta Casa dirá de sua competência e de sua dedicação à causa dos servidores públicos."

"Deus, que preside os atos de boa vontade e as grandes obras, abre hoje, de par em par, todas as portas do Hospital dos Servidores do Estado. Hoje, abrem-se essas portas sob a égide da Fé. Todos os despeitos e invejas quebram-se diante destas portas. Diante destes muros silenciosos e deste bronze perpétuo que assinala ter sido este Hospital inaugurado quando era presidente da República o general Eurico Gaspar Dutra, desaparecem as investidas de todos aqueles que tendo sido contra esta Casa, foram contra o funcionalismo civil da União."

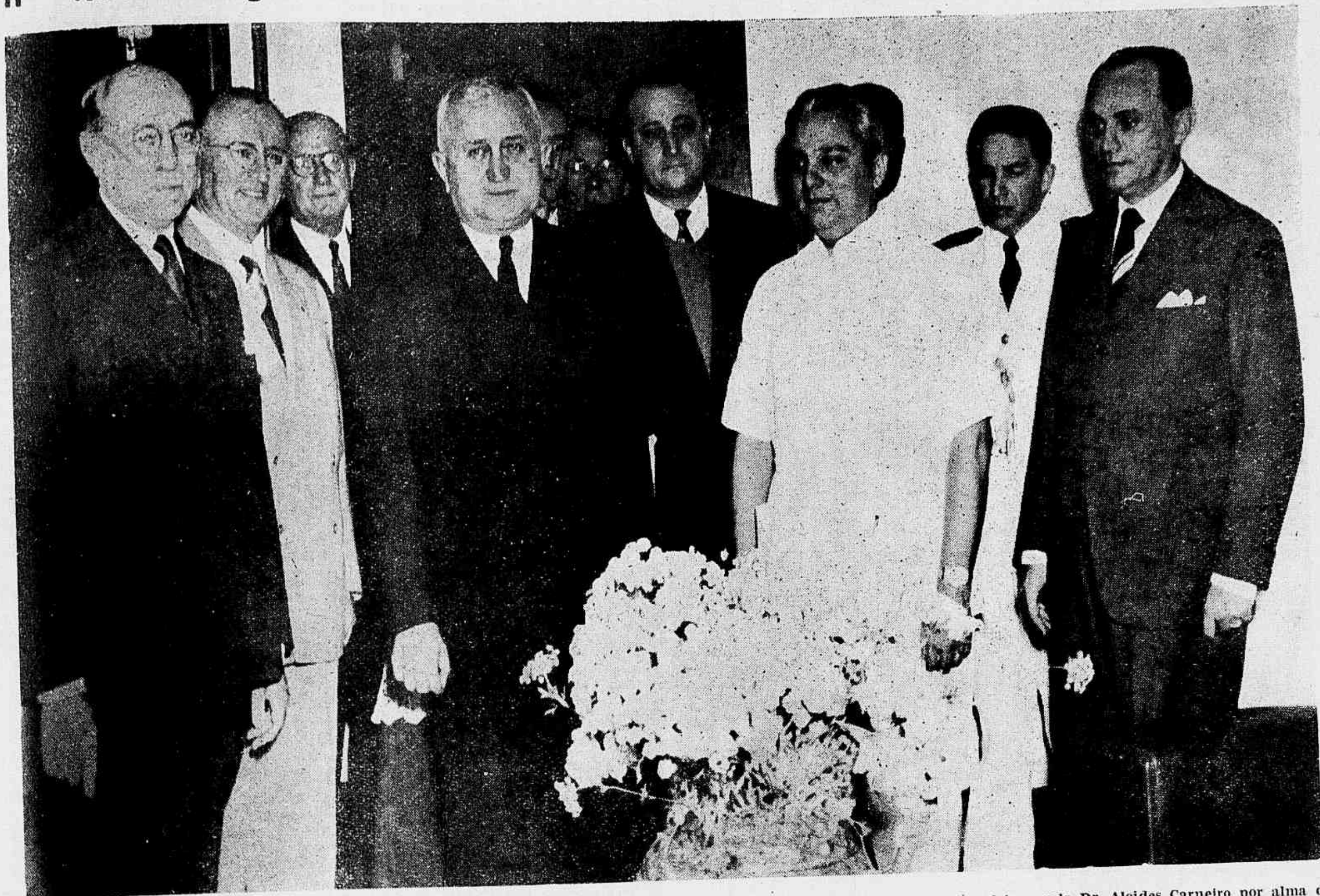
"Pelo que o Brasil compreenda o esforço e a saciedade de todos os que colaboraram nesta obra. Este Hospital é bem o símbolo divisor de duas etapas na História da assistência médico-social que o governo presta aos servidores públicos. Neste Hospital, abrem-se hoje as portas para o funcionalismo civil da União. O Hospital dos Servidores do Estado abre hoje, senhor presidente, as suas portas para o Brasil."

Após o seu discurso, o cardeal D. Jayme Câmara realizou a bênção do novo edifício, em seguida, as altas autoridades foram convidadas a percorrer as dependências do nosocomio, cujas instalações mereceram os mais francos elogios. O dr. Moura Brito, chamou a atenção do presidente da República para as principais peças do hospital como capela, clínicas diversas, enfermaria estas de cirurgia, refeitório e outras dependências.

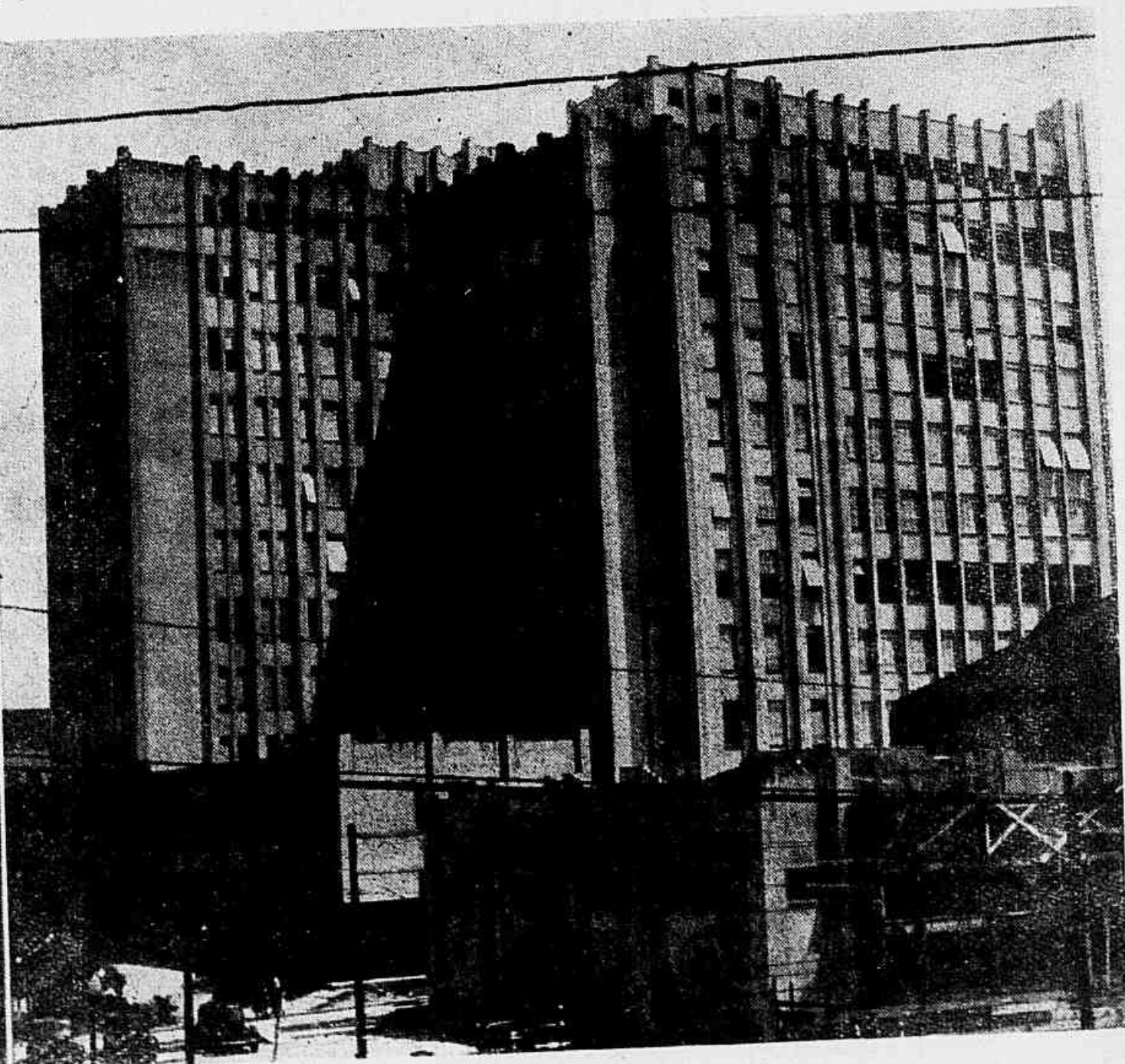
No sétimo andar, o dr. Moura Brito convidou o general Eurico Dutra a descerrar a bandeira nacional que cobria o bronze em que estava escrito: "Maternidade Carmela Dutra".

O dr. Moura Brito, diretor do Hospital, pronunciou notável discurso, fazendo interessante retrospecto histo-

A INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO



NA PAGINA A ESQUERDA — de cima para baixo: Placa comemorativa da inauguração do Hospital — aspecto da missa mandada celebrar pelo Dr. Alcides Carneiro por alma de D. Carmela Dutra. — Na solenidade inaugural, vem-se o Cardeal D. Jayme Câmara e o Presidente Eurico Dutra ladeado dos Srs. Alcides Carneiro, Presidente do Ipase; Dr. Raimundo Moura Brito, Diretor do H. S. E.; Ari Pitombo e Paulo Gentile, Diretores do Ipase. — O Presidente Dutra percorrendo as dependências do nosocomio acompanhado dos Drs. Alcides Carneiro, Raimundo Moura Brito e demais diretores do Ipase. NESTA PAGINA — em cima: Outro aspecto da inauguração, vendo-se o Presidente Gaspar Dutra cercado dos Srs. Nereu Ramos, Morvan Dias de Figueiredo, Alcides Carneiro, Raimundo Moura Brito, Ari Pitombo e Paulo Gentile. Em baixo: Aspecto da inauguração da Maternidade "Carmelo Dutra", quando S. Excia. o Presidente Dutra descerra a bandeira nacional, e ao lado, a monumental fachada do edificio do Hospital dos Servidores do Estado.



rico da construção da grande obra de assistência médico-social inaugurada. Com as palavras seguintes, o diretor Moura Brito terminou sua aplaudida oração:

"O servidor publico há de estar, senhor presidente, reconhecido ao governo de vossa excelência, que o ampara efetivamente, oferecendo-lhe uma organização destas proporções. Em absoluta igualdade com as melhores de qualquer outra nação.

Os servidores por tudo isso, senhor presidente, preci-

sam, sem ferir a modestia e simplicidade que marcam a personalidade singular de vossa excelência, ligar ostensivamente ao seu hospital o nome de vossa excelência e não somente o do atual presidente da República.

E resolveram fazê-lo numa demonstração de carinho e afeto, aquele que sempre foi seu amigo, numa manifestação oriunda do coração. Esta, bem o sabemos, falará à sensibilidade de vossa excelência, e bem de perto, pois se transforma na homenagem sincera à memória

de dona Carmelha Dutra, "a protetora dos humildes", como bem o denominou hoje com justiça e razão o articulista de um matutino carioca. Seu nome, perpetuando a proteção cheia de desvelos, à mãe e à criança pobre, ficará para sempre ligado ao Hospital dos Servidores do Estado, através de sua maternidade".

Finda a cerimônia, o presidente Eurico Dutra retirou-se, acompanhado de altas autoridades.



O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

O toureiro...

(Cont. da pág. 27)

o diretor achou que ele precisava fazer um número de dança aquática com Esther Williams. Ricardo olhou sério para o homem, atirou-se na piscina e resolveu a parada em perfeita forma.

— De fato, — confessa ele, — eu tenho, felizmente, alguma facilidade em me acomodar às circunstâncias. Quanto à capacidade física, para isso ou aquilo, eu a devo à minha intensa vida esportiva. Sou adepto de todos os esportes que desenvolvam física e intelectualmente, e me atiro a eles sempre que meus afazeres me permitem. Agora, o meu grande amor sempre foi a tourada, que, não sei porque, me atrai de modo avassalador. Aqui, em Hollywood, no entanto, só mesmo em filmes eu posso tourear, e assim mesmo com uns touros que nem têm graça...

Ricardo Montalban, não obstante seu amor pelas violências das touradas, é profundamente romântico. A prova disso é o seu casamento com Georgianna Young, irmã da conhecida Loretta. Ele se apaixonou por ela quando assistiu "A Vida de Alexandre Graham Bell", em que ela fez um pequeno papel. Ricardo conseguiu uma fotografia de Georgianna, que conservou durante anos junto ao coração. E assim encerra ele a narração deste capítulo feliz da sua vida: — Eu sabia que algum dia havia de encontrá-la. Por isso esperei com paciência... — E ele a encontrou mais tarde, num jantar em Hollywood, e duas semanas depois estavam casados. Hoje, existe uma terceira pessoa na casa deles; a linda Laura, gorducha, barulhenta, já com um ano de idade.

Ricardo Montalban é muito simples e goza de grande popularidade entre os operários do estúdio da Metro. E não é para menos, pois ele sabe conquistar a simpatia de todos, pelas suas atitudes modestas e sinceras. Nos intervalos da filmagem, ele pega o violão e canta canções da sua terra para todos os que queiram ouvir. — É um prazer meu, cantar e mostrar a todos as boas composições da minha gente. E eu sinto que eles ficam contentes com o que faço. E fico feliz por isso.

Sobre a sua companheira de danças nestes dois filmes da Metro, "Festa Brava" e "On An Island With You", Ricardo assim se expressa: — Dançar com Cyd Charisse é qualquer coisa de delicioso. Boa dançarina como encantadora mulher, Cyd torna o trabalho da gente um prazer, um divertimento, uma obrigação que é o tipo da obrigação gostosa...

A porta...

(Cont. da pág. 36)

momento para outro da caçada e sempre costumavam vir por esse lado. Foram caçar no pantanal e vão encher de lama os meus pobres tapetes. Os homens são tão descuidados, não são mesmo?

Continuou falando animadamente sobre a temporada de caça e a escassez de aves, e sobre os projetos de caça aos patos selvagens no inverno. Para Framtom, a situação era realmente dolorosa. Fez um desesperado, mas apenas parcialmente bem sucedido, esforço para mudar o rumo da conversa. Ao mesmo tempo, notava que a dona da casa não tirava os olhos da porta, perscrutando furtivamente os campos que se estendiam para além do jardim. Framtom sentia-se mal. Que coincidência desagradável! Fazer uma visita da-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

quelas justamente no aniversário do trágico acontecimento! Fez, porém, o possível para disfarçar o seu embaraço:

— Os médicos estão de acordo no que diz respeito ao meu absoluto repouso, e me proibiram toda e qualquer emoção e, principalmente, qualquer exercício físico violento — continuou Framtom rapidamente. De certa maneira ele tinha a impressão de que as pessoas estranhas estão sempre dispostas a ouvir todos os pormenores da doença e dos desgostos da gente, seu motivo e sua cura. — Mas no tocante à dieta, não conseguiram chegar a uma conclusão unânime.

— Não conseguiram? — disse a sra. Sappleton, com voz distraída, como se procurasse evitar um bocejo. Nesse momento, porém, um clarão passou-lhe pelos olhos, como se algo tivesse despertado sua atenção. Soerguendo-se na poltrona exclamou:

— Finalmente estão aí! Bem na hora de tomar chá, e vejam só: — não disse que voltavam cobertos de lama?

Com um arrepio, Framtom dirigiu à sobrinha da sra. Sappleton um rápido olhar de compreensão e simpatia. A moça, porém, também estava com os olhos cravados na porta, trêmula de terror. Sentindo um calafrio de indizível temor, Framtom voltou-se na cadeira e, por sua vez, olhou para a mesma direção.

Através das sombras do crepúsculo três figuras avançavam pelo jardim, dirigindo-se para a porta; as três carregavam espingardas e uma delas trazia uma capa branca nas costas. Um cão de caça seguia-as com a língua de fora. Lentamente aproximaram-se da casa e, de repente, ouviu-se uma desafinada e juvenil voz, cantarolar: — "Bertie, por que é que você pula tanto?"

Correndo como um louco, Framtom agarrou o chapéu e a bengala e precipitou-se para a porta da rua. Um ciclista que vinha dobrando a esquina teve de subir na calçada para evitar uma colisão.

— Aqui estamos, querida! — exclamou o portador da capa,

PARA CABELOS BRANCOS LOÇÃO LEBLON

Contra Caspa, Seborréia e Queda dos Cabelos

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
RADIOATIVAS DE SERRA NEGRA

PERFUMARIA LEBLON S. A.
SERRA NEGRA



penetrando na sala. — Completamente sujos, mas enxutos! Quem é esse homem que saiu correndo?

— Um homem esquisitíssimo, um certo sr. Nuttel — disse a sra. Sappleton. — Só falou sobre a sua doença e mal viu vocês saiu correndo sem se despedir nem pedir desculpas. Parece que viu fantasmas!

— Acho que foi por causa do cachorro — interrompeu a moça calmamente. — Ele me contou que tem verdadeiro horror aos cães. Uma vez, na Índia, num cemitério nas margens do Ganges, ele viu-se cercado por um bando de cães selvagens e teve de passar a noite no fundo de uma sepultura recentemente aberta, enquanto as feras ficaram a latir e a rosnar furiosamente na abertura da cova. O suficiente para deixar uma pessoa desequilibrada para o resto da vida.

Ela era especialista em inventar histórias...

As férias de Ledbetter

(Cont. do núm. ant.)

— Uma pequena fantasia filantrópica! Um ladrão que estou tentando converter. Acabo de pilhá-lo em baixo da minha cama. Nada há a temer dele! E' um rematado asno! Ser-nos-á útil para o transporte das malas.

Esta terceira pessoa parece que a princípio contrariou o recém-chegado, mas o homem gordo tranquilizou-o.

— Ele é absolutamente só. Não há no mundo uma quadrilha que o quisesse!... — E a Ledbetter:

— Ah não! Pelo amor de Deus não reconhece os seus discursos artificiosos.

Todos três penetraram nas trevas do jardim. O marítimo ia na vanguarda, levando o saco e uma pistola; em seguida, ia Ledbetter, qual novo Atlas, dobrado sob o peso da mala; seguia-se Bingham, com a sua manta, a caixa de chapéu e o revólver.

O jardim da casa prolongava-se até a beira da escarpa; daí, uma escada íngreme descia até uma cabine de banhos que apenas se distinguia na praia. Mais longe, estava amarrado um bote, guardado silenciosamente por um homem de cara negra.

— Um segundo de explicação! — implorou Ledbetter. — Posso assegurar-lhe...

Um ponta-pé intimou-lhe silêncio. Ele e a mala foram obrigados a avançar por dentro da água até ao barco; ficaram-no para bordo pelos ombros e pelos cabelos, e durante a noite inteira ele não obteve outros estímulos senão

as apostrofes de "canalha" e de "bandido", felizmente articuladas em voz baixa, o que lhe poupou a publicidade da sua ignomínia.

Embarcaram-no em um yacht cuja equipagem era composta de orientais de modos estranhos e dos menos simpáticos. Ali chegado, seja porque o tivessem empurrado, seja porque tivesse caído por si mesmo, ele desapareceu pela ponte da amurada e achou-se em um reduto tenebroso e infecto; ali ficou alguns dias, sem ter idéia de quantos fossem eles ao certo, porquanto o enjôo fê-lo perder a noção das coisas e do tempo.

Alimentaram-no a bolacha e deram-lhe água a beber, — na sua opinião — uma água desastrosamente misturada com rum, tudo isto acompanhado de palavras ininteligíveis.

Uns tartufos reinavam como senhores no seu reduto; noite e dia tinha de aturá-los, e de noite, ainda de quebra, uma infinidade de ratos.

Os orientais esvaziaram-lhe as algibeiras e apoderaram-se do seu relógio; mas Bingham, sabendo disso, reclamou-o e guardou-o para si.

Por cinco ou seis vezes, os cinco marinheiros índios, o chinês e o negro, que compunham a equipagem, foram buscar Ledbetter para o conduzirem à ré, à presença de Bingham e do seu amigo; competia-lhe então servir de parceiro em uma partida de rams, de écarté, ou de whist a três, ou então interessar-se com as suas histórias ou com as suas gabolices.

Então aquelas importantes personagens falavam-lhe como a um homem que tem atrás de si um passado inteiro de crimes. Não lhe permitiram nunca a menor explicação, posto que fosse claro que o consideravam como o malfeitor mais ridículo que já mais encontraram. Sobre esse ponto, eram inexoráveis.

O louro era um taciturno, muito irascível ao jogo. Quanto a Bingham, desembaraçado então de todo e qualquer cuidado relativo ao embarque, afetava uma generosa filosofia. Falava muito sobre o mistério do espaço e do tempo, valendo-se de citações de Kant e de Hegel — pelo menos segundo ele dizia.

Diversas vezes Ledbetter conseguiu dizer — A minha presença debaixo da sua cama, quer saber...

Mas não ia mais longe; tinha sempre cartas a partir, o whisky a passar, ou qualquer outra urgente requisição do mesmo gênero. No fim da terceira derrota, o louro pareceu exclusivamente ocupado a espionar a frase de princípio de nova partida e, a cada tentativa de Ledbetter, desatava a rir, e enchendo-lhe os ombros de tapas, exclamava:

— Ah! sim! Aquela história antiga! Bravo meu velho ladrão, vamos lá!

Foi esta a mesma repetição durante não poucos dias, uns vinte talvez. Uma tarde, foram buscar Ledbetter; forneceram-lhe algumas provisões caixas de conservas, e depositaram-no em uma ilha rochosa onde havia uma fonte. Bingham acompanhou-o na embarcação; durante a travessia ele prodigalizou-lhe salutaros conselhos, mas continuou a evitar cuidadosamente as suas últimas tentativas de explicação.

— Com franqueza... eu não sou um ladrão!

— Nem o será jamais — replicou Bingham. — O senhor nunca tirará resultados dessa profissão. Folgo imenso que princípio a compreender isso. Para a escolha de uma profissão, é preciso que se faça um estudo do próprio temperamento, do contrário, cedo ou tarde o naufrágio é certo. Olhe para mim, por exemplo! passei toda a vida nos bancos; tirei imensos resultados nos bancos. Até mesmo fui diretor de um banco. Mas sentia-me feliz? Não! Porque não me sentia feliz? Porque aquele estado não convinha ao meu temperamento; tenho em grande dose a vocação para as aventuras; gosto imensamente da mudança. Por isto, abandonei aquela situação. Parece-me que nunca mais assumirei a direção de um banco. Sem dúvida, não falta quem estimasse muito tornar a encontrar-me; eu, porém, compreendi a lição que me deu o meu temperamento, enfim... Não! Nunca

ESTA e a única apresentação
de água de colônia

JEAN MARIE FARINA



Exijam
a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



Óleo de peroba
o renovador dos móveis



IANQUILOSTOMIASE

UM fenômeno de veras curiosidade está se observando presentemente nos círculos relacionados com a música popular dos Estados Unidos. É que ali existe uma decidida preferência do público pelas melodias do passado. Constantemente, os arquivos dos editores de música daquele país estão sendo vasculhados para retirarem algumas canções que, até então, jazia sob o pó do esquecimento. E quatro delas estão em pleno apogeu. "When You Were Sweet Sixteen", "I Wonder Who's Kissing Her Now", "Peg O' My Heart" e "That's My Desire" que surgiram, respectivamente, nos anos de 1898, 1909, 1913 e 1931, se apresentam como uma espécie de eco do passado numa demonstração exuberante de que a música é imortal. Vestidas, além disso, com as roupagens mirabolantes dos figurinos modernos, elas tiveram a sua beleza profundamente realçada e, por isso, aí estão "abafando a banca", como terríveis concorrentes dos produtos da atual geração "coca-cola". Entretanto, os verdadeiros responsáveis por esse movimento ressuscitador são os "disk jockeys" do rádio americano, através das suas insistentes irradiações das gravações de antigas melodias. Em pouco tempo, a reação do público se manifesta no aumento sempre crescente da mala postal das emissoras. E', afinal, a porta larga do triunfo.

Nós, que sofremos de "ianquilostomiasse" aguda, quando iremos constatar a presença do mesmo fenômeno cá por estas plagas?...

F. CORREA DA SILVA

LAZY COUNTRYSIDE

Fox de Bobby Worth. — Do filme de Walt Disney "Fun and Fancy Free".

I love to hang around the lazy
Countryside
(Mm-mm mm-mm mm-mm)
With nature's hand around the lazy
countryside,
(Mm-mm mm-mm mm-mm)
Where the crickets you don't hear
in the city,
Keep a-hummin' in your ear,
oh, so pretty
And it's just too much for words,
List'nin' to the chorus of the birds.
I like to stay around the lazy
countryside
(Mm-mm mm-mm mm-mm)
Just kinda play around the lazy
countryside
(Mm-mm mm-mm mm-mm)
Oh! what fun in takin' the sun in
And to roam the spaces wide.
It's the place for me, gee,
It's great to be
'Round the lazy countryside.

TENNESSEE

(T-E-Double N-E-Double S-Double E)
Fox de Babs Ryan Merritt

T E double N E double S double E!
My guy waits for me in Tennessee.
Give me the tickets to the thickets
Of T E double N E double S double E!
This city's not for me as you can see.
Packin' a big grip, takin' a big trip
To T E double N E double S double E!
Hip, hip, hooray! I'm so gay!
Don't delay, I'm on my way today
To T E double N E double S double E!
Soon I'll be asleep in lower three.
Give with the woo, woo of the choo choo
To T E double N E double S double E!

YOU'LL NEVER KNOW

Fox de Mack Gordon e Harry Warren.

You'll never know just how much
I miss you,
You'll never know just how much
I care.
And if I tried, I still couldn't hide
my love for you,
You ought to know, for haven't I told
you so
A million or more times?
You went away and my heart went
with you,
I speak your name in my ev'ry prayer.
If there is some other way to prove
that I love you,
I swear that I don't know how,
You'll never know if you don't know
now.

VIVA MI SUERTE

Corrido de Eduardo Alarcón Leal.

Se ha desatado sobre minha vida
una tormenta de padecer,
todos me angustian, todos me olvidan,
pero conmigo han de poder.
Soy una encina tan bien plantada
que ni los vientos me arrancarán
a mí las penas no me hacen nada
como los años vienen y van.

Estríbillo

Viva mi suerte con sus pasiones
aunque el destino no ay,
me haga llorar!
Viva mi suerte con sus pasiones
si alegre o triste, ay
puedo cantar.

— 2 —

Si tengo penas o estoy contento
siempre cantando la passo así
yo soy más libre que el pensamiento
como las águilas yo nací.

Todas las penas que yo me cargo
abismos negros dicen que son
para que pase por sobre de ellos
entre las nubes de la ilusión.

Estríbillo

Viva mi suerte... etc.

— 3 —

Hace muy poco dijo mi Chata
que no me puede dar su querer
porque soy pobre dice la ingrata
que no la alcanzo ni a merecer
Y si no quiere cambiar mi suerte
pos que me sigan queriendo mal
si ante las leyes y ante la muerte
pasamos todos muy por igual.

Estríbillo

Viva mi suerte... etc.

CADA DIA TE EXTRANO MÁS

Tango de Carlos Bahr e Armando Pontier.

I

He querido borrarte de mi vida
Y en cada pensamiento,
Te encuentro cada día
He querido callar mi sentimiento
Mostrando indiferencia,
Limando tu recuerdo.

He tratado de ahogar, con firme anhelo,
el grito de este amor, que es mi secreto.
Y esta noche, quebrando mis empeños,
Ha roto mi silencio
La voz del corazón.

II

Cada día te extraño más
Y en mi afán te nombro.
Cada día te extraño más
A pesar de todo.
Cada día que pasa
Con Cruel insistencia
Tu imagen se agranda,
Se agranda... y se aleja...
Y sé
Que es muy tarde ya,
Que he quedado solo
Solo a solas con mi propio error...
Y te extraño más.

I Bis

He rodado al azar por cien caminos,
Buscando inútilmente
Pederte en el olvido.
He querido engañar mis propios sueños,
Diciendo que es mentira
Que me ata tu recuerdo.
He tratado con vana indiferencia,
De ahogar mi corazón y mi conciencia.
Y esta noche que lloro tu recuerdo,
Comprendo que no puedo
Callar al corazón.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TURAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cine-Índia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

mais dirigirei banco algum. Pois bem, quanto ao que lhe diz respeito, o seu temperamento não foi feito para o crime... assim como o meu não foi feito para as situações honrosas. Agora que o conheço melhor, nem mesmo lhe aconselharia a prática da falsidade. Volte aos seus honestos designios, meu rapaz. Com uma eloquência como a sua, o senhor devia fundar uma Sociedade para o Aperfeiçoamento da Elocução Infantil, ou qualquer coisa desse gênero! Reflita bem nisto! A ilha onde vamos desembarcar não tem nome, — pelo menos o mapa não o menciona. Pode procurar-lhe um nome, durante o tempo que nela estiver e ao mesmo tempo meditar em tudo o que lhe estou a dizer. Existe nela água potável, sei disso com certeza. É uma das Grenadinas, um grupo das ilhas Expostas ao Vento. As que vê acolá, no nevoeiro azul, são outras Grenadinas. Há uma enorme quantidade delas; porém, a maior parte estão ocultas à vista. Não raro tenho imaginado para que servem estas ilhas... agora, como vê, princípio a reparar qual a sua utilidade. Esta, pelo menos, está-lhe reservada. Cedo ou tarde, algum honesto indígena o acolherá. Então, poder-lhe-á dizer de nós tudo o que quiser... todo o mal possível. Pouco nos importa uma Grenadina solitária! E aqui está algum dinheiro o valor de meio soberano. Não o gaste em despesas inúteis, quando regressar à civilização. Bem empregado, ele poderá assegurar-lhe uma nova posição social. E não... Olá! não façam enalhar a barca! Aqui já se toma pé... Não desperdice em pensamentos temerários os preciosos momentos de solidão que se lhe deparam em perspectiva: aproveite-os bem, e será esse um belo marco da sua carreira. Não perca o seu tempo, nem o seu dinheiro. O senhor morrerá rico... Sinto imenso ter de dizer-lhe que carregue nos seus braços, até a terra, a sua bagagem! Não, aqui o mar não é fundo... Ainda a sua mal-fadada explicação? Não tenho tempo. Não, não não! Não quero escutá-lo. Vamos! Passe por cima da borda!

E ao cair da noite encontrou Ledbetter — aquele mesmo Ledbetter que se lastimava de que estivesse morta a aventura — sentado entre as caixas de conservas, com o queixo apoiado aos joelhos dobrados, tirando o olhar melancólico e desesperado, através dos óculos, sobre a superfície reluzente e deserta do mar.

Passados três dias, foi acolhido por um pescador negro que o conduziu a S. Vicente; daí, à custa dos seus últimos recursos, seguiu para Kingston, na Jamaica.

Bem podia aí ter ficado para todo o sempre, porquanto ainda não aprendeu a sair-se sozinho das situações embaraçosas, e, nesse tempo, ele era um ente incapaz e desamparado. Não tinha a menor idéia dos meios que devia empregar para livrar-se. Parece que se limitou unicamente a visitar todos os ministros da religião que pôde encontrar na ilha e a suplicar-lhes que lhe emprestassem o importe do seu regresso. Mas o seu aspecto era por demais sórdido, a sua linguagem demasiado incoerente assim como a sua história muito inverossimil para que ele pudesse achar quem lhe reconhecesse crédito.

Foi inteiramente por acaso que travamos conhecimento um com o outro.

Era ao cair da tarde; passeava eu, após a minha sesta, pela estrada da Bateria, quando cruzei com ele. Felizmente para ele, eu tinha o meu tempo livre nessa ocasião, e nada a fazer senão ruminar

o meu tédio mortal. Ele vagueava tristemente através da cidade. O seu todo lastimoso e o talhe especial das suas vestes sujas, atraíram-me a atenção; os nossos olhares encontraram-se. Ele hesitou:

— Meu senhor, — disse-me finalmente com voz entrecortada. — Consente em sacrificar alguns minutos para ouvir a minha história que, estou bem crente, lhe parecerá incrível?

— Incrível? — exclamei.

— Inteiramente incrível! — repetiu ele com insistência. — Ninguém me quer acreditar, por mais atenuantes que eu possa apresentar. E entretanto, meu senhor, posso asseverar-lhe...

Interrompeu-se, aniquilado pelo desespero. O desconhecido falava em tom que me intrigava. Afigurava-se-me uma personagem singular.

— Eu sou — continuou ele — um dos homens mais infelizes do mundo!

— Entre outras coisas, aposto que o senhor ainda não jantou? — disse eu, tomado de uma idéia súbita.

— Não tenho comido há já alguns dias! — respondeu ele com gravidade.

— Nesse caso, poderá contar-me todas as suas aventuras logo mais.

E, sem mais esperar, levei-o a um estabelecimento bastante vulgar, onde o seu traje não causasse incomodo aos que o rodeavam. Foi ali que ouvi a sua história — com exceção de algumas lacunas que ele preencheu mais tarde.

A princípio fiquei incrédulo, mas depois que o vinho o foi pouco a pouco entusiasmando, aquela espécie de aviltamento, que o infortúnio havia comunicado a toda a sua pessoa, desapareceu e principiava a acreditar no que ele dizia. Por fim, fiquei tão convencido da sua sinceridade que lhe arranjei um leito para passar a noite e, no dia seguinte, depois de pedir ao meu banqueiro da Jamaica que verificasse a autenticidade do banco que ele me havia dado como referência, levei-o a diversos estabelecimentos comerciais onde pudesse prover-se de roupa e do necessário para uma viagem.

Nesse interim chegou a informação; a referência era exata; a sua história espantosa era verdadeira. Não me demorei a contar as nossas relações de então. Três dias depois, ele embarcava para a Inglaterra.

"... Não sei como me será possível — dizia ele na carta que me escreveu logo que chegou. — agradecer suficientemente a bondade que dispensou a um homem que lhe era totalmente desconhecido..."

E a carta prosseguia algum tempo nesse teor:

"Se o senhor não tivesse vindo em meu auxílio tão generosamente, com certeza eu não poderia estar de volta a tempo de me ser possível reassumir as funções de professor, e aqueles momentos de funesta alucinação teriam talvez sido a causa da minha ruína. O que é verdade é que fui forçado a enredar-me em uma trama inextricável de mentiras e de contradições para explicar a causa da minha pele tísida e o emprego das minhas férias. Inventei desastrosamente

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A mulher brasileira

prefere

Alterosa

A revista da família do Brasil



uma ou duas versões diferentes, sem prever os dissabores que isso me acarretava para o futuro. Contudo não ousei dizer a verdade. Os manuais de direito que consultei no Museu Britânico não me deixam a mínima dúvida: fui sem contestação alguma, cúmplice de um odioso atentado; não há negar que o favoreci e nele tomei parte. Soube agora que aquele miserável Bingham era diretor do banco de Hithergate e que se tornou culpado dos mais criminosos desvios. Suplico-lhe que queime esta carta, depois de a ter lido, tenho confiança no senhor.

O mais grave é que nem minha tia, nem a sua amiga que dirige a pensão, onde estou morando, parecem dar crédito à narração circunspecta que lhes fiz sobre o que me sucedeu realmente. Suspeitam que fui herói de alguma deplorável aventura; mas de que espécie de aventura, eis o que não posso saber. A minha tia diz que me perdoaria, se eu lhe contasse tudo minuciosamente e ela não está satisfeita. Naturalmente, não me convém desvendar-lhe a verdade exata; de modo que lhe confessei que fora atraído a uma emboscada e amordaçado no meio da praia. Minha tia obstina-se em buscar a causa dessa emboscada e a razão por que me haviam de carregar para dentro de um yacht. Não sei o que responder. Pode sugerir-me uma explicação? Não consigo achar uma aceitável. Quando me responder, queira escrever-me duas cartas. Em uma delas, que mostraria a minha tia, dará a entender com clareza que estive de fato na Jamaica, este verão e onde me havia deixado um navio. Prestar-me-á com isso um enorme serviço.

E' mais uma obrigação que assim lhe fico devendo — e temo nunca mais me ser possível saldar uma dívida tão grande. Todavia, se a gratidão..."

E assim por diante.

Concluía rogando-me novamente que, queimasse sua carta.

E é deste modo, que termina a notável história das férias de Ledbetter. Os agravos de sua tia não foram de longa duração; a respeitável senhora perdoou-lhe antes de morrer.

A VIDA DE RUBENS

(Cont. da pág. 21)

Foi em Paris que Rubens se encontrou com o galante duque. Viera a chamado de Maria de Medici, a fim de decorar o Palácio de Luxemburgo. Tomou as medidas necessárias, deu a Maria sua opinião oficial sobre as belezas da corte francesa e tratou de se divertir à larga no palácio. Ali encontrou Buckingham, o jogral da Europa Ocidental. Buckingham viu o trabalho de Rubens, apreciou-o, e insistiu em posar para um retrato. Rubens aceitou a oferta. Durante muitas tardes, Buckingham posou. Rubens, embora quieto e reservado, fez muito mais do que pintar. Viera à França não somente como um artista mas também como um enviado político. Pintou Buckingham e sondou-o. Estaria a Inglaterra favoravelmente disposta a uma aliança espanhola, agora que o na-

moro de Buckingham na França destruirá todas as esperanças de uma aproximação anglo-francesa? "Vire a cabeça... O rei Filipe da Espanha poderia fazer grandes coisas pela causa Stuart contra o Parlamento inglês... Sustente o sorriso agora... A arquiduchessa deseja grandemente a boa vontade do Rei Carlos"... Esse era um negócio de outra espécie. O século dezoete foi uma época de intrigas políticas. Um pintor em viagem não era simplesmente um pintor. E' provável que fosse também um espião secreto. Falava-se em tom abafado para ocultar pensamentos tumultuosos. Rubens foi o mestre da observação silenciosa. Isabella o ensinara, enquanto pintava quadros com a mão, a apanhar novidades com os ouvidos. E' interessante observar-se que, exatamente antes de sua viagem à França, recebera do rei da Espanha o título de cavaleiro. Sorria e adoçara a língua.

(Cont. no próximo núm.)

A VIDA COMEÇA AOS 70

(Cont. da pág. 12)

tro daquele grupo juvenil há, porém, uma exceção: um velhinho de setenta e oito anos, cronista radiofônico há treze anos e jornalista profissional há cinquenta. E' João Melo, presidente de honra daquela Associação. João Melo trabalha no "Jornal do Comércio" desde 1905 e já trabalhara antes em outros periódicos, como "O País" e o "Diário do Comércio". Ao contrário da maioria de seus colegas, nunca teve outra profissão. Foi sempre, em toda a sua vida, jornalista, apenas. E era necessário muito amor à profissão para não enveredar por outro caminho. Basta contar que durante vinte anos, de 1905 a 1925, seu ordenado não variou. Ganhou durante todos esses anos trezentos mil réis mensais. Foi aumentado depois dos vinte anos para trezentos e cinquenta mil réis. Quando as leis trabalhistas regulamentaram e garantiram a profissão de jornalista, há uns dez anos, João Melo tinha nessa época mais de sessenta e cinco anos e não pôde beneficiar-se de coisa alguma. Mas isso não preocupa o velhinho de idéias moças. Disse-nos que pretende trabalhar até o último dia da sua vida e que gostaria de morrer dormindo. Nada de ficar na cama doente, tomando remédios. Perguntámos ao entrevistado se, acaso voltasse à mocidade, escolheria novamente a mesma profissão. Ele nos respondeu depressa:

— Entrar de novo para o jornal? Não vê que faria isso!

NO TEMPO DO TEATRO A DOIS MIL

REIS A CADEIRA

Cardoso de Menezes está agora com setenta anos. Aposentou-se no Ministério da Fazenda. Somente lá, porque continua firme na SBAT, e está escrevendo novas peças teatrais. Cardoso de Menezes também alcançou o tempo em que o autor das peças recebia a importância de cinco mil réis por sessão. Naquela época — princípio do século — o empresário apresentava três sessões diárias e o autor recebia quinze mil réis por noite.

— Que diferença hoje em dia! — comenta o ex-presidente da SBAT. — Com a famosa revista "Pé de Anjo", feita de parceria com Carlos Bittencourt, ganhamos apenas um conto de réis, e isso depois de duzentas representações conse-

Nem se pergunta*



só uso Kolynos!

diz

Constance Moore

famosa estrela da REPUBLIC PRODUCTIONS que aparece em "EARL CARROLL SKETCHBOOK."

Como todo mundo! É que Kolynos limpa profundamente os dentes, revelando a beleza natural do sorriso; Kolynos refresca a boca com sua abundante, suave e agradável espuma e deixa uma incomparável sensação de limpeza e saúde. Convença-se de que Kolynos:

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos, não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia



K-411 PH

McCann

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante



DR. PACHECO DE ARAGÃO

REGISTRAMOS com prazer a eleição, recentemente verificada, do Sr. Comandante José Garcia Pacheco de Aragão, para o elevado cargo de Vice-Presidente Executivo da "Companhia Carris, Luz e Força do R. de Janeiro" e da "Brazilian Hydro Electric Company". Engenheiro ilustre e figura de escôl, como cidadão e como administrador, o Sr. Comandante Pacheco de Aragão foi muito felicitado, em face de sua escolha para tão alto posto, no qual, de certo, irá prestar ainda maiores serviços às empresas supra referidas e considerada a natureza das mesmas, consequentemente ao Brasil, dentro de cujo ambiente social, político e econômico o ilustre patricio desfruta de real estima, bem como de indiscutível e merecida confiança.



A CONFERÊNCIA DE BOLSAS DE VALORES

Os clichés acima focalizam vários representantes das Nações americanas, presentes à Conferência de Bolsas de Valores, realizada recentemente em Nova York. Ao centro, sentado, o Corretor Guedes de Mello, vice-presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro e Chefe da Delegação do Brasil, à sua direita, o Sr. Thomaz Rodriguez, Delegado Chileno, e à esquerda, o Sr. Francis A. Truslow, Presidente do New York Curb Exchange. No outro aspecto, o Sr. Guedes de Mello aparece palestrando com o Sr. Francis A. Truslow, Presidente do New York Curb Exchange.

cutivas. "Pé de Anjo" foi levada no Teatro São José, em 1910. Trinta e seis anos depois a minha última revista "Fogo no Pandeiro", encenada pela companhia de Dercy Gonçalves no João Caetano deu aos seus autores — éramos dois — quase trinta mil cruzeiros para cada um. E, pela tabela atual, teria dado, aos dois, 144.000 cruzeiros!

Cardoso de Menezes já escreveu oito operetas. Há uns vinte anos o Teatro São Pedro (hoje Teatro João Caetano) anunciava Vicente Celestino na opereta "Serpentinas Líricas", peça que foi ensaiada por Eduardo Vieira e na qual trabalhavam, além de Vicente Celestino, Laís Areda e Jaime Costa. Este, com sua bela voz de barítono, interpretava um dos principais papéis da peça. Outro "ás" do teatro daqueles tempos é o velho Augusto Anibal — atualmente no elenco da companhia de Mesquitinha — e que em 1910 era o principal intérprete da revista de Cardoso de Menezes, "Aguenta, Felipe". Esta revista se conservou em cartaz durante oito meses e meio, "record" não ultrapassado até hoje por nenhuma outra revista. A uma pergunta sobre o gosto popular por determinados tipos de revistas teatrais, Cardoso de Menezes confessou com franqueza:

— O público está exigindo cada vez mais muito sal e pimenta nesse gênero de representações. Tanto assim que as revistas com enredo, como no princípio do século, estão desaparecendo. O público de hoje quer maldade nos sketches, double-sens fortes, muita música e garotas de pernas de fora. Esta é a receita simples das revistas modernas.

ENSINANDO TEATRO A DUAS GERAÇÕES

Quando perguntamos ao veterano ensaiador Eduardo Vieira quais os artistas que passaram pelas suas mãos de ensaiador, ele nos respondeu: — "É difícil encontrar um artista que trabalhe no teatro atual que não tenha sido ensaiado por mim". O professor Eduardo Vieira diz isso modestamente, e chega a afirmar que não "fez nenhuma 'estrêla'".

— É preciso que o artista tenha talento. O ensaiador apenas burla, conserta e ensina as novas coisas que sua experiência conhece.

Eduardo Vieira nasceu em Lisboa, na rua Bem Formoso, bairro da Mouraria. Veio pela primeira vez ao Brasil em 1891 na companhia Amélia da Silveira. Dessa data até 1910 fez várias "tourneés" entre os dois países. Em outubro de 1910 voltou para o Rio e desde então nunca mais visitou Portugal. Dos seus setenta e oito anos, cinquenta e nove foram vividos entre nós. Eduardo Vieira trabalhou durante muitos anos como primeiro ator de grandes companhias e viu seu primeiro ordenado de doze mil réis, subir, com o correr dos anos, até um conto e quinhentos. Nunca discutiu salário com os empresários. Em compensação, durante seus quarenta anos de ator não esteve um só mês sem trabalhar. A última vez que trabalhou como ator, embora fosse também o ensaiador da companhia, foi na peça "Carlota Joaquina", de R. Magalhães Junior, encenada pela companhia Jayme Costa, no Teatro Rival. Fazia o papel do corregedor João Albano Cordeiro. Trabalhou ao lado de Apolônia Pinto, Ismênia dos Santos, Chaby, Dulcina e Odilon, e outros grandes artistas. E' aposentado pela Escola Dramática Municipal mas continua trabalhando como ensaiador da companhia "Eva e seus artistas". Os seus setenta e oito anos de

idade não lhe impedem de estar todas as noites nos bastidores do teatro, acompanhando a representação dos atores que ensaiou. Embora não seja obrigado a tal, o veterano Eduardo Vieira acha que isso "é uma obrigação moral". Ainda agora, estando no Sul, a companhia Eva Todor, o professor Eduardo Vieira tem matado o tempo dirigindo espetáculos de amadores, como o de "O diário de Sinhazinha", de Alberto Leal, pelo Club Ginástico Português.

Velhos moços, — esses septuagenários continuam firmes nos seus postos. Para eles, a vida começa aos setenta...

Tempestade

(Cont. da pág. 46)

O vento continuava a ulular lá fora. As folhas de zinco que cobriam a quitanda rangiam. Construída de caixões vazios, barro batido e zinco, toda a choca balançava. Trovões estouravam no céu, vinham rolando com estrépito pelas escadarias do espaço. De repente, o primeiro aguaceiro tombou sobre o Unhão. Uma onda de água doce varou a quitanda, encharcou-a, levou abóboras e bananas, bateu em cheio contra João, apagando o filé que amarelava a escuridão. Então o pescador lembrou-se do motivo que o trouxera de volta à praia:

— Janaina tá me chamando, sinhá Manuela.

Entornou outra cachaça, levantou-se, saiu. Danada por não ter conseguido todo o dinheiro que sobrava nas mãos do praleiro, a velha vociferou:

— O diabo que afunde tua Janaina, miserave.

Como se um muro o tivesse atingido nas costas, João se virou:

— Um dia te arreberto por isso, sinhá Manuela.

A preta bateu-lhe a porta, João continuou o seu caminho. As bâtegas grossas encharcaram-no logo, mas o que lhe importava a chuva e o frio se seu sangue estava morno, se seu peito inundava-se duma quentura deliciosa e confortante? Seus pés afundavam-se na lama, uma vez falseou, caiu de bruços numa poça, sentindo uma dor aguda rasgar-lhe o rosto. Passou a mão no lugar ferido, um relâmpago clareou tudo, João viu sangue nos dedos. Não se importou, continuou a descer a ladeira estreita e íngreme que contornava a montanha, levando à praia. E ia pensando em "Janaina", não a amarrara direito à porta, poderia acontecer-lhe uma desgraça, aquele ventão sacudindo assim o mar. Escorregou de novo, foi de encontro a uma cerca de arame farpado, ficou com os dedos em carne viva, soltou outro palavrão de dor e raiva. E tateava na negura da noite, seguia o caminho mais por instinto, nada enxergava, só de quando em quando um relâmpago fosforejava. Mas avançava, conseguiu chegar à última curva da ladeira. O estrondo da água lutando contra os rochedos, chegou-lhe mais forte do que os trovões. E ele via lá em baixo, no barranco que dominava a angra, debaixo do genipapeiro endoidecido, uma dezena de homens reunidos, carregando archotes, formando uma fantástica ilha de luz na escuridão compacta. O caminho piorava de lama, buracos, impediam-lhe o caminho, correntezas de chuva cobriam-no até o joelho. Mas João apesar das dificuldades chegou até o grupo. As caras dos companheiros aterraram-no, possuídas de forte e taciturna expressão. Não falavam, esta-

Corre os resfriados

Instantina



Alivia as dores



Tranquila no mar e no oceano, o próximo passado, o aniversário natalício da graciosa senhorinha NEIDE DE JESUS DOMINGUES, filha do distinto casal Francisco Domingues e de Dona Victoria de Jesus Domingues, comerciante na Capital de S. Paulo. A distinta aniversariante ofereceu aos seus amiguinhos uma farta mesa de doces.



Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

TRATAR COM

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUR BRIGADEIRO TOBIAS, 513

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

IMPRESSONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS!

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso,
CAIXA POSTAL, N.º 2335
Rio de Janeiro

vam virados para dentro de si mesmos, uns em pé, outros de cócoras, alguns parados, outros andando. Mas todos mostravam alto nervosismo, uma tensão anormal, os músculos retesados de ódio, todos os seus sentidos tentando perscrutar a escuridão e o mar, tentando avaliar o estrago que a tempestade causava aos seus barcos.

A angrazinha do Unhão era tranquila bonança, sua água era limpa e morna, e mesmo na cheia deixava uma praia relativamente larga onde qualquer um poderia abicar o seu barco com segurança. Mas nas grandes procelas, mudava como mulher histérica. O seu corpo se entumescia, ela crescia, correntes traiçoeiras penetravam-na formando um redemoinho perigoso e as ondas em loucura furiosa chocavam-se contra a montanha, apossando-se de toda a praia, devastando o que encontrasse, redes e gráus, saveiros e homens. Impotentes ante a superioridade dos elementos, os homens revoltavam-se, xingavam, mas não reagiam, não poderiam reagir. Qualquer intervenção direta redundaria em morte. E só lhes era permitido ficar onde estavam, protegidos pelos rochedos, comparilhando, com privações, dos sofrimentos dos seus barcos. A cachaa obturava a compreensão de João dos Santos mas não o impedia de sentir o que se passava, estava em seu sangue.

Súbito, um baque se ouviu, com um esganicar de pau torcido, de madeira que se quebra. Uma voz rouca pronunciou um nome:

— Será Jandira?

Outra fala se alteou:

— Ou "Platã"?

Em seguida, com intervalos, novos e característicos ruídos de barcos vitimados subiam do mar em fúria como angustiados clamores humanos de socorro, seguidos dos lamentos dos seus donos.

— Agora foi "Deus te guie"...

— "Mariá" se desmanchou...

— "Caboclinha" tá se perdendo.

— "Láza Vermelha" de guente direl-tinho...

Então o dono de "Mariá", Tinoco Camarão, viu João dos Santos. O seu saveiro de pesca se desmantelara, ele conseguira vê-lo desagregando-se sem poder intervir, amarrada na mesma poita que segurava "Janaina". E esta vencia todas as ondas, livrava-se de todos os socos que o oceano lhe arrumava, fugia com agilidade das arremetidas da tempestade. Porque "Janaina" não fôra também destruída, porque continuava lá, boiando, já que pertencia àquele mulato porco e preguiçoso, que dela pouco se servia para pescar, só fazendo beber cachaa, embebedar-se com dinheiro roubado? A sua "Mariá" estava quebrada, pouco valeria depois da tormenta, sua "Mariá" que era o seu arrimo, e seu instrumento de ganha-pão, enquanto, odiosa como uma zombaria, "Janaina" permanecia, orgulhosa, soberba, a dançar, inatacada, dentro do rutilho dos trovões sobre o mar encapelado! Um novo baque anunciou que novo saveiro fôra atingido. Então, atigado pelo demônio, Tinoco gralhou, arrepiado de malvezes:

— Agora foi Janaina. João dos Santos, eu vi. Foi Janaina!

O mulato estava apavorado, não compreendeu logo o alcance da notícia:

— Janaina? Janaina? gaguejou.

— Foi Janaina, mulato, eu vi — tornou o outro feroz.

— Viu o quê, Tinoco, viu o quê?

— Janaina afundou, João, não vem mais à tona.

O cimento que o álcool entranhara em sua cabeça se quebrava rapidamente:

— Afundou? Janaina afundou? Tu tá mentindo, Tinoco, Janaina tá vivinha!

— Quá nada, mulato covarde, eu vi. Uma onda pegou ela, atirou ela nas pedras, Janaina virou bagaço, eu vi. E ela te olhava, te chamava, eu vi a Janaina chorando porque tu não soube amarrar ela direito na poita, Janaina te pedia ajuda, mas porém tu não podia livrar ela das ondas, tava bebendo cachaa...

— Tú tá mentindo, Tinoco. Não tou bêbedo, não, não toquei hoje em branquinha, Janaina tá viva, Janaina não virou bagaço.

As palavras se agarravam em sua língua, saíam aos tropeços. E à sua dor misturava-se a raiva, ele sentia ímpetos de brigar, de matar, resfolgava com ganas de assassinio. Tinoco concentrava em si todas as tentações do Diabo que ele precisava destruir, de moitá-las em sangue.

— Não tá vendo, mulato sujo, que Janaina não tá na poita? Janaina afundou, João, a tempestade comeu ela. Minha Mariá se partiu, não vale mais um vintem, agora foi a vez de Janaina, depois carrega o resto, depois leva o resto, vai tudo hoje...

— Cala esta boca, Camarão — berrou pai Teotônio, o maior do grupo.

Mas Tinoco não lhe deu trela, continuando a pirraçar o mulato bebedo. Uma sombra vermelha envolvia a cabeça de João. Seus olhos piscavam feridos de coriscos rubros. E seu sangue fervia, inundava-o dum calor asfixiante. Rangi os dentes. Sua boca tremia. Cerrou os punhos, avançou contra a figura não muito distinta de Tinoco. Porém, uma ecisa intempestiva como um violento choque elétrico retinou-lhe pelo corpo todo, retumbando no âmago do seu ser, rufando estupidamente em seus nervos, tomando conta de seus músculos. Suas mãos se crispavam, suas unhas penetraram em suas palmas calejadas, seu corpo truncado se retorceu, sua cara se congestionou numa careta repelente e, com um princípio de escuma brotando em sua boca, João dos Santos foi jogado ao chão como uma novilha abatida pelo cutelo.

— Seje home, mulato, frouxo, seje home — gritou-lhe Tinoco.

— Guente firme, João — acudiu pai Teotônio.

Mas os dois pescadores não puderam continuar. Rolando no lamaçal, fêdo de meter medo, João dos Santos vinha ao encontro de ambos. Os dois saveiristas desviaram-se, atônitos, olhando obsecados para a massa escura que se enrodilhava em si mesma.

— João, João, que diacho é isto, João, te levanta, mulato, o que tu tem? — bradava pai Teotônio.

Os outros haviam acorrido, esquecidos temporariamente da tragédia dos seus saveiros. Mas recuaram murmurando cheiros de terror:

— A baba pega, a baba pega... — cada qual fugindo às investidas do mulato caído.

No círculo formado pelos pescadores, alumado pela luz acobreada dos arcos, enquanto a tempestade continuava a estrondar por todos os seus elementos, João dos Santos se debatia, a cara contorcida, a carapinha arrepiada, os olhos esgazeados, a boca crispada, os dentes a rilhar, e lábios ensopados pela baba que não cessava, que melava todo o seu rosto endemoniado, chafurdando no lamaçal e na lama se identificando, dando pontapés às cégas, grunhindo, saracoteando num ataque epilético.

Uma bolinha...

um juramento...

(Cont. da pág. 247)

bochecha e a boca. Sentiu um frêmito por todo o corpo. Naquele momento compreendi que as meninas não são homens fracos com os cabelos compridos e de sãia.

Essa nova sensação de hostilidade dissipada para com as meninas, ou antes a sensação de delícia e de prazer que experimentei no fugacíssimo beijo de Arlete, me atormentaram a noite inteira. Não sei se no sono ou na vigília, sei apenas que tive sempre na frente sua imagem pronta a beijar-me e sentia o tormento do meu corpo que se comprazia.

Na manhã seguinte, encontramos na praia. Propôs-lhe acompanhar-me ao rochedo que era o meu reino. Não estranhou o convite e seguiu-me sem

RICARDO brilhava
EM 1927...



...e continua

brilhando em 1947!

QUAL O SEU SEGRÊDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

NUMEROS ATRAZADOS DESTA
REVISTA NO PARÁ

PEDRA

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 8

BELEM



UM BRASILEIRO EM LONDRES — O sr. José Paulo de Castro Siqueira, num flagrante feito nas ruas da capital inglesa, onde está fazendo o curso de Engenheiro Textil, no qual vem se distinguindo ao lado de numerosos estudantes de várias nacionalidades. O jovem patriota, que já se encontra há um ano na Inglaterra, de onde nos enviou esta foto, é filho do casal Julio de Freitas Siqueira-D. Roselle de Castro Siqueira.

OS SEIS MUSEUS DO LOUVRE

(Cont. da pág. 34)

ANTIGUIDADES EGÍPCIAS

Entre as coleções de antiguidades trazidas do velho Egito, encontramos a aurora da civilização. Certos objetos datam de 3.300 anos antes de Cristo ou seja, sua idade é de 5.247 anos!

A estátua do Deus Osiris, o sarcófago de Ramsés III, o Boi Apis, vasos de ouro e prata, armas, bustos e quanta coisa mais, meu Deus!

OUTRAS COLEÇÕES

Vem depois, a coleção oriental, a maior e mais rica do mundo. Passaram fenícios, passaram caldeus, passaram assírios, mas suas civilizações ficaram. Seus documentos estão no Louvre, testemunhando o glorioso

passado de cada um desses e outros povos desaparecidos. Todo o Oriente, durante tantos milênios de vida, ali está à vista de todos aqueles que têm a felicidade de poder visitar esse famoso museu.

As estátuas e outras esculturas artísticas, religiosas, mitológicas e históricas. Sala romana, sala gótica, sala de Miguel Angelo, Paul Vitry, Michel Colombo e outros tantos provocaram a admiração, o interesse e a curiosidade dos visitantes.

Vêm, por fim, as coleções de pintura com suas inúmeras escolas: francesa, italiana, espanhola, alemã, flamenga, holandesa, inglesa, americana. Quadros de Rembrandt, Hooch, Ruysdael, Delft, Durer, Holbein, Bonington, Wishtler, Rubens, Van Dick, Jordaens, Metsys, Van Eyck, Creco, Velasquez, Ribera, Poussin, Guardi, Murillo, Fra Angelico, Leonardo da Vinci, Rafael, Corregio, Gericault, Lebrun, Lorrain, Greuze, Champaigne, Rigaud, Watteau e dezenas de outros artistas de todas as regiões do globo.

E temos apenas dois olhos, tanta coisa para ver tanta coisa! E como é escasso o tempo para se vê, aos poucos, algumas parcelas das imensas riquezas, que tantos povos da terra acumularam através de tantos milênios. Durante muitas horas consecutivas vamos vendo os tesouros da humanidade guardadas no Louvre, e, depois de termos visto tudo isso, lembrando-se do que deixamos de ver, por falta de tempo, nada mais lhe resta para dizer, senão isto: — Eu jamais estive no Louvre!...

O LOUVRE, MECA DOS TURISTAS

Situado no coração de Paris, contendo tantas maravilhas, o Museu do Louvre tem sido sempre a meca dos turistas. Atualmente a cidade de Paris está executando um plano de reabilitação do seu comércio turístico, e o Louvre, como outros locais históricos, do solo de França, está sendo preparado para receber condignamente os visitantes.

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que luta pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal; de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos crimes, tinturas, etc! Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afasta definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza deles: **REGULADOR XAVIER**. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2, se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: **REGULADOR XA-VI-ER**.

Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr Ramos de Azevedo, 131

No começo da guerra todas as pinturas e esculturas de maior valor foram apressadamente transportadas para o sul da França, onde ficaram ocultas em lugar secreto. Hoje, a maioria delas já está de volta ao seu antigo posto, inclusive a valiosíssima "Mona Liza" e a maravilhosa "Venus de Milo", mas muitas ainda estão sendo examinadas por técnicos especializados, que procuram possíveis danos antes de devolvê-las às galerias do museu.

Os laboratórios do Instituto de Estado Científico da Pintura" fazem o mais importante departamento do Louvre. Os mais modernos recursos da ciência são empregados na descoberta de falsificações, como também na identificação de autores de obras anônimas. Os raios X e infra-vermelhos são usados com essa finalidade, fazendo muitas vezes com que por uma simples pincelada seja reconhecido o trabalho de um grande mestre. Cada quadro exibido no Louvre é antes, fotografado, sendo feito um mapa em cores, devidamente numeradas e adaptadas cada uma em sua verdadeira posição na reprodução fotográfica.

Além de ver as exposições, o visitante do Louvre pode observar os copistas em plena atividade. Esses copistas, homens e mulheres, trabalham lá regularmente. Uns são discípulos dos grandes mestres e fazem reproduções apenas como estudo, mas outros ganham a vida dessa maneira, vendendo suas cópias a negociantes em obras de arte, que pagam muito bem os trabalhos superiores. Muitas destas reproduções são tão fiéis que só mesmo o olho experiente do conhecedor as pode distinguir dos originais.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

dizer palavra. O meu coração batia forte; já tinha o meu plano.

Como aquele tempo, quase longínquo, era mais poético!

Ela não se opôs. Respondeu ao meu beijo e me segurou longamente, abraçada a mim... Quantos se lhe seguiram, lá encima do rochedo, diante da natureza majestosa coreógrafa, cumplice de nosso amor de meninos!

— Nós nos casaremos...

— Sim, como você quiser...

Quantas palavras, quantos sonhos no amanhã, quanto amor puro! O casamento era nosso pensamento constante. Um plano completo estava preparado nos mínimos detalhes. Veu branco. Um carro que nos levaria a passeio em viacarro que nos levaria a passeio em viagem de núpcias.

A este pensamento nos apertávamos um contra o outro, como se já aprovás-

semos a sensação de estar no carro. De vez em quando um pensamento nos atormentava. Se nossos pais se opusessem ao nosso amor? Mas não havia perigo. Tinha o meu estilingue.

Uma tarde ela chegou à pedreira antes de mim. Quando me aproximei dela pareceu-me pálida. Aconchegou-se a mim, apoiou a cabecinha ao meu peito e começou a chorar. Como era meiga e terna! Entre duas fungadinhas e outra disse-me que no dia seguinte deveriam partir. Teria querido abalar as montanhas. A prudência é congênita nas mulheres e a Arletinha levou-se a desistir desse pensamento.

— Pegue, — disse-me, dando-me uma bolinha de ágata colorida — guarde-a e quando me vieram oscar, hei de reconhecer-lhe por ela.

— Juro-lhe — respondi — que a levarei sempre comigo, e irei buscá-la em pouco tempo.

A água tranqüila se movia como se fosse um lençol líquido em volta daquele recife isolado, balouçando nas suas lentas ondulações os reflexos de ouro das estrelas que apenas despontavam.

Naquele tempo, quase longínquo, pen-

sava que o juramento fosse o ato de tomar Deus como testemunha da sinceridade da minha promessa.

Parece-me ter decorrido um milênio. Faço a bolinha duas ou três vezes na mão. Depois, guardo-a.

Está ainda brilhante como naquele dia.

Só ela não mudou. Dando-lhe um "teco", torno a pô-la no lugar de onde a tirara e fecho a gaveta...

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Um folhetim-sintético-ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por ELIZABETH GOUDGE
Desenhos de LAWRENCE BUTCHER



Emergiram afinal da mata, após milagrosa fuga.



Também o Velho Nick sobrevivera.



Uma sensação de paz a invadiu.

COMPLETAMENTE exaustos, em trapos e com os corpos ainda besuntados de vermelho, símbolo dos inocáveis maoris, os Ozanne, William, Marianne e Veronique, Nat e Tai Haruru, emergiram das profundezas da floresta dias depois da miraculosa fuga do reduto maori. O ardil posto em prática por Tai Haruru dera bom resultado e, sabendo o que aconteceria no caso de uma recaptura, ele os guiara para a segurança através de regiões nunca antes devassadas.

Como era de esperar, eles encontraram a colônia inteiramente destruída. E verificaram também que o pagão, o Velho Nick, conseguira sobreviver ao ataque maori, para a satisfação da pequena Veronique. Seguiram diretamente para Wellington, ficando hospedados na casa do pároco Samuel e de sua esposa Susanna Kelly. E enquanto ali permaneceram, recuperando as energias perdidas na tremenda aventura, Marianne chegou a uma

decisão quanto ao futuro da família. — Estive pensando, — disse ela uma noite, após o jantar, — em nosso futuro. Não tornarei a levar Veronique para a região maori. Irei para a ilha do Sul e passaremos a criar gado.

William olhou-a com espanto. Tai Haruru sorriu compreensivamente. Nat fez uma careta de desaprovção. — E' por causa da menina, — Marianne jogou o seu trunfo. — E' apenas por causa de Veronique. — E, é claro, não houve mais objeção. Mas não foi completa a vitória de Marianne... Tai Haruru recusou-se formalmente a acompanhá-los.

Mais tarde, naquela mesma noite, Marianne, sentindo-se desesperadamente triste e surpreendida por sua própria tristeza, procurou consolo na solidão da varanda. Ela, que já odiara Tai Haruru, ali estava incapaz de suportar a idéia de uma vida sem ele. Há muito que ela notara a transformação dos seus próprios sentimentos

para com aquele homem dinâmico. Desde, realmente, o nascimento de Veronique, em que ele fora o seu dedicado pai. Enquanto ela procurava analisar suas emoções, ele subitamente surgiu-lhe ao lado. Enlaçou-a suavemente, beijou-a, e ela não ofereceu resistência. — Você ama, Marianne, — disse ele, baixinho. Ela se encostou nele, sentindo-se invadida por uma sensação de paz como nunca conhecera em vida. — Sim, — sussurrou ela, a voz tensa. — E, no entanto, embora eu o ame, pertenço a William. Sempre amei William. O amor dele é a única coisa que eu sempre... sempre quis. Você não acredita no que estou dizendo?

— Acredito, — disse ele. E quando a soltou, afastando-se, desceu sobre Marianne uma terrível sensação de vazio, de dor mesmo, como se ela tivesse sido dividida em duas.



William saiu nas pontas dos pés, para não acordá-la...



Veronique aos dezessete anos, estava linda.



Ela sorriu de alegria ao vê-lo.

UM galo cantou e William despertou. Era ainda noite, mas William, agora fazendeiro, levantava-se pontualmente ao cantar do galo. Aos 53 anos, William era um homem bastante volumoso. Usava belas suíças grisalhas, idéias de Marianne, que, muito exuberantes, suavizavam um pouco a sua calvície.

Ele deslizou para fora do leito e cruzou o quarto em pontas de pés, com receio de acordar Marianne. Sobre Marianne, pensava ele. Ela agora já não mais destemperava o seu ciúme pelo amor recíproco entre o marido e a filha, como há dez anos atrás; mas seus magoados silêncios eram quase tão difíceis de suportar. William foi para a cozinha, onde deixava sempre as roupas, prontas para a madrugada passeio a cavalo com Veronique. — Papai! Papai! — Veronique irrompeu na cozinha,

toda feliz. Já estava envolta no seu quente traje de montaria, azul. Veronique estava agora com 17 anos e cada vez mais sua beleza loura a fazia parecida com a filha Marguerite. Nela, William via a imagem viva da mulher que ele sempre amara e amaria... a mulher que devia ter sido sua esposa, embora ele hoje raramente falasse nela, como Marianne nunca falava em Tai Haruru.

Sim, as coisas tinham corrido muito bem para os Ozanne naquele lindo vale da ilha do Sul. Mas fora somente devido à inteligência de Marianne que William se tornara o mais rico criador de gado da região.

No passeio daquela manhã eles passaram no rancho dos O'Gilvie, o vizinho mais próximo. O jovem John O'Gilvie saiu-lhes ao encontro. Veronique saudou-o ardentemente. Com absoluta naturalidade ela o olhava dentro

dos olhos, deliciando-se nele com a franqueza de uma criança, sorrindo feliz por achá-lo tão agradável à vista. E o pai? O olhar de William procurava o rosto do rapaz, e depois, fugia rapidamente, como que envergonhado. Ele não tinha o direito de olhar para um homem num momento daqueles, e esperava que Veronique não tivesse visto o amor nos olhos de John, pois John, lhe prometera que por enquanto não a deixaria vê-lo. Quatro meses antes ele dissera a William do seu amor por Veronique e William pedira-lhe que esperasse um pouco... não por egoísmo, pois William aprovava o amor daquele belo e jovem par, mas simplesmente por ela ser ainda tão criança. E John, cômico de um amor que era quase tão grande como o de William, concordara com ele e esperava...



Marianne não gostava de John O'Gilvie.

MARIANNE, aos 56 anos, já há muito deixara de pensar em beleza. Mas, continuando a se vestir sempre pela última moda, ela agora procurava arvorar dignidade... e a dignidade de Marianne Ozanne, nesta época, era de fato admirável. Naquela manhã ela se vestia com especial cuidado. Ela pensava em fazer uma pomposa entrada na cozinha, esperando lá encontrar William, Veronique e Nat. Mas só encontrou o Velho Nick. Onde estariam os outros? Ela foi à janela e viu Veronique, no portão, conversando com o jovem John O'Gilvie, que a acompanhara, e a William, no habitual passeio a cavalo. Marianne não gostava de John... não achava que ele fosse bom o bastante para Veronique.

Quando William e a filha entraram na cozinha, ela os cumprimentou friamente. Veronique e o pai ficaram contrateitos, pois esperavam, como todos os dias, encontrá-la ainda deitada.



Veronique dominou as lágrimas.

— Onde está Nat? — perguntou William, um tanto acanhado.

Marianne virou-se para ele, severamente: — Puxando água para você, William! — William ficou consternado. — O velho teimoso! — disse ele. — Eu já lhe disse que não tornasse a puxar água. E' trabalho muito pesado para ele. — E William saiu.

Veronique correu para Marianne. — Dê-me a frigideira, mamãe querida, — disse ela, alegre. — Este serviço é meu, você sabe!

— Sei, sim, — respondeu Marianne acremente. — Mas primeiro não é melhor você lavar as mãos, que estão tão sujas? — Veronique se afastou depressa, mordendo os lábios para abafar as lágrimas. Na cozinha ficou um silêncio gelido, desagradável. Neste instante a porta foi aberta por um pontapé e as duas mulheres viraram-se



William estava na porta com Nat nos braços.

para ver William cruzar os portais com Nat nos braços. — Encontrei-o desmaiado sobre a borda do poço, — explicou William rapidamente. Dois dias depois Nat morpiceu Marianne, que o tratara com extremo carinho, caiu de cama. Ela gostava imensamente do velho Nat, e, além disso, a morte dele vinha cortar mais um laço com a sua vida passada... o capitão O'Hara e o "Delfim Verde". William amargou bastante a morte de Nat, sentindo-se inteiramente culpado. Marianne recusou-se a ser consolada e se refugiou nas lágrimas. E um dia ela desabafou: — Estou esgotada, William. Quero voltar para Dunedin, sentir de novo a brisa marinha e ter um pouco de sociedade. — E logo ela tocou no ponto vulnerável de William: — Assim Veronique poderá frequentar bailes e festas, poderá lidar com pessoas da sua própria categoria. E' melhor para ela. — E, naturalmente, William concordou.



A vida era uma perene alegria para ela.

Contra os protestos de Marianne, eles saíram...

Veronique entregou-lhe os lábios.

AQUELES últimos dois meses em Dunedin tinham sido de grande prazer para Veronique. E depois veio o súbito noivado com Frederick Ackroyd, tão distinto e elegante, diferente de todos os homens que ela já conhecera. Ela se recusara a crer nas histórias, de todo desonrosas, que corriam sobre o passado de Frederick, embora sabendo, pois ele próprio o admitira, que ele já fora casado uma vez. Mas, como o pai, ela não era de dar importância a essas coisas e teria levado avante o casamento se não tivesse adoecido. — E' melhor você permanecer em absoluto repouso, meu bem, sem ver Frederick por alguns dias, — disse-lhe a mãe logo no primeiro dia da enfermidade. E, Veronique sentiu-se estranhamente aliviada, ao que se seguiu uma grande sensação de espanto. Sentir-se aliviada por não ver Frederick, quando o amava tanto? Por que isso? Durante dois

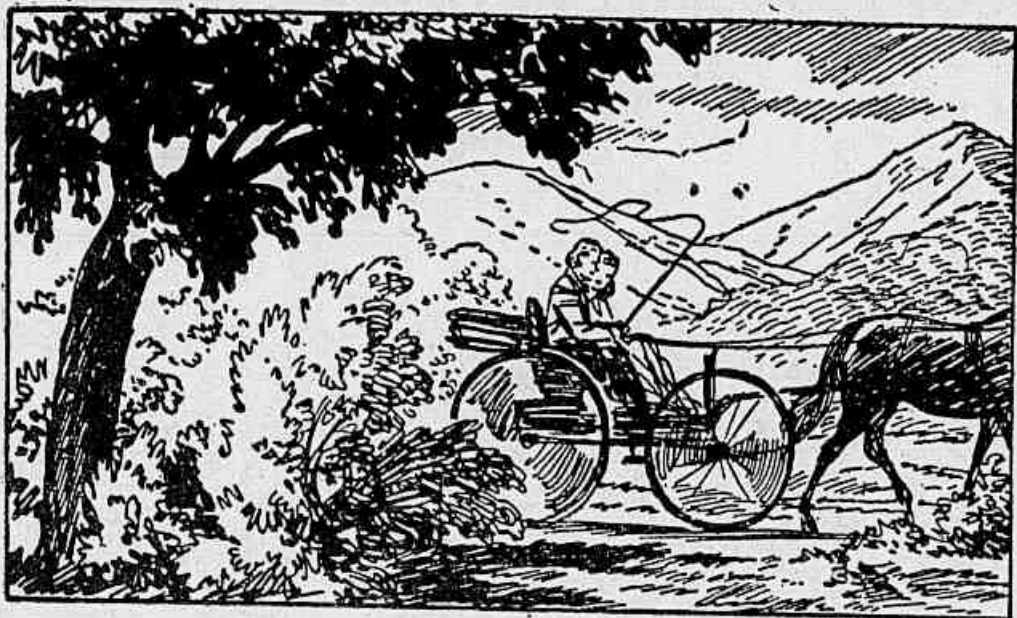
dias e noites ela ficou na dúvida. No terceiro dia ela sentou-se no leito, pensando. Marianne, naturalmente, estava satisfeita com o noivado da filha, mas William... o grande, o madeireiro, o simplório William... não parava de se maldizer por ter deixado Veronique vir "para aquele lugar". Dois dias antes ele partira para o rancho, que ficara aos cuidados do jovem John O'Gilvie, para "ver como iam as coisas".

Repentinamente, Veronique despertou de novo para a vida. A voz de John! Na sala ao lado! Ela se vestiu num minuto. Quando entrou na sala, John, que conversava com Marianne, levantou-se. Ela correu alegre para ele, segurou-lhe as mãos e desfechou um monte de perguntas ansiosas. Marianne assistiu aquilo com tristeza, e pro-

testou depois com veemência, quando eles saíram para um passeio. — Eu quero ir, mamãe, — disse Veronique.

No seu tilburi, John guiou vagarosamente pelas ruas de Dunedin. E de repente perguntou: — Você é feliz, Veronique? — Ela encarou-o, inquieta. — Eu tenho direito de saber, Veronique, — prosseguiu ele. — Eu a tenho amado desde criança. Nunca amei outra pessoa senão você... e nunca amarei. — Veronique inclinou a cabeça. Ser a primeira mulher... a única mulher... aquilo era uma situação querida de todas as mulheres. — Se você ama este rapaz... seu pai me contou... Mas Veronique o interrompeu. — John, — sussurrou ela, — por que você nunca me disse isso antes?

E, sem ligar às pessoas que passavam pela rua, ela ergueu os lábios para ele e ele a tomou nos braços apaixonadamente.



Aquele homem, marido de Veronique. Marianne nem queria pensar.

Primeira dama de Dunedin.

"... a visão de três crianças correndo pela praia..."

NA tarde do dia seguinte, Marianne, sozinha no quarto, chorava amargamente. Aquele horrível John O'Gilvie... Aquele homem, marido da querida, da meiga filha para quem ela sonhara os mais lindos sonhos. Aquele homem, levando todos de volta àquele horrível vale. Ela chorava tanto que nem percebeu a entrada de William. — Ora, ora, meu bem, — disse ele ternamente. — Nada de manhas. Nós temos um ao outro, minha pequena. — Ela não queria ser confortada. Fora enganada pelo marido; por Veronique também, que não vacilara em abandonar o pobre, o querido Frederick Creia-me, Marianne, — implorou William. — Está tudo muito bem para nossa filha. Ela será feliz. E nós continuaremos felizes, também. Ficaremos aqui em Dunedin.

— Mas, e a fazenda, William? — por entre as lágrimas, Marianne o interrompeu. — Meu presente de casamento

para John e Veronique, — respondeu William. — E tenho uma coisinha para você, também, minha pequena. Segui o seu conselho e comprei ações da Cia. Union de Navegação. E comprei também aquela linda casa que você sempre desejou. E se você não for a líder da sociedade local dentro de três anos, quero ser forçado a comer meu chapéu!

William não precisou comer o chapéu, pois em poucos anos, com os sábios conselhos dela, ele estava cheio de dinheiro. A casa deles era a melhor da cidade, seus jantares os mais elogiados, e Marianne tinha reputação de ser a mais inteligente e perfeita dama de Dunedin. Então veio a grande crise. William e Marianne foram duramente atingidos. As carruagens foram vendidas e eles se mudaram para uma casa menor. A pressão dos acontecimentos deslocou Marianne Ozanne da sua elevada posição, conseguida após uma vida inteira de lutas. Não!

Marianne decidiu-se. Ela havia de começar tudo outra vez, de modo inteiramente diverso e em lugar inteiramente novo... Onde? Ela ainda não sabia, por enquanto...

E de repente veio-lhe a visão de três crianças correndo por uma praia branca e imensa, para depois, sorridentes e felizes, subirem a inclinada rua do Delfim Verde, entrando, finalmente, na casa número 3, Le Paradis... Pronto, estava feita a escolha, a adorável ilha da sua meninice. A casa estava a sua espera... Marguerite, agora Irmã Superiora de Notre Dame du Castel, não precisava dela... Era claro...

E naquela tarde, quando William chegou em casa, cansado e desanimado, ela correu para ele, os olhos reluzentes de lágrimas. — William, William, — disse ela suavemente, — Quero ir para casa.



Marguerite era bela na velhice.

"Seria aquilo também um presente de William?"

— Amo você, minha pequena. — Afinal ela o conquistara...

SURTIU enfim a ilha. Era a mesma, após 36 anos, com as casinhas de pedra de St. Pierre empilhadas sobre as escarpas. William e Marianne, no tombadilho, silenciosos, esperavam, com o Velho Nick ao lado. Em seus corações havia gratidão a Marguerite, que tanto fizera por eles. Tinham apenas de abrir a porta do n.º 3 e entrar. Le Paradis estava pronta para eles.

E quando o fizeram, William soltou um grito estranho, abafado. Marianne olhou por cima do ombro dele... para ver sua irmã Marguerite... e Marguerite envelhecera em plena beleza... estava linda como nunca fora em mocidade. Marianne teve apenas tempo para um pensamento triste, antes de se encontrar entre os braços da irmã.

Nas semanas seguintes William continuou a achar a sua querida ilha de todo inalterada, e ficou contente por isso. Marianne, ocupada na arrumação da casa, ainda

esperava a felicidade que sempre desejara. E um dia, num velho armário, ela achou uma calxinha, e nela os dois tesouros que Marguerite não tivera coragem de destruir quando partira para o convento. Um ratinho de madeira que William fizera quando eles ainda eram crianças e um colar chinês, estranhamente trabalhado, cada conta feita à feição de um pássaro, de uma borboleta ou de uma fera. Seria aquilo outro presente de William à sua irmã? E logo Marianne começou a respirar dificilmente, lembrando-se de uma carta que Marguerite mandara para a nova Zelândia, endereçada a ela e a William... "Imagino que vocês vivam rodeados por estranhos pássaros, borboletas e feras, formando um colar de beleza... Meu eterno amor para vocês..." Aquilo fora só para William!

Ela atirou-se então no sofá, para chorar. Mais tarde, quando William chegou, ela o enfrentou, apontando o

colar! — Escondido! — disse ela, com a voz quase embargada pela emoção. — Por que você casou comigo, William, se amava Marguerite? Por que? — Ele ficou imobilizado, os olhos saltando dela para o colar. — Eu pedi a seu pai a pequena errada, — respondeu ele estupidamente. — Confundi seu nome pelo de Marguerite! — O rosto dela, miúdo, delicado, ficou como morto. — Mas... mas Marianne, — gaguejou William, — Isso é o passado. Eu amo você, minha pequena. E gosto de amar você! — Marianne levantou o olhar e viu os olhos do esposo resplandescentes de amor... por ela. Atirou-se sobre ele. — William! William! — Ele apertou-a contra o peito.

Ela o conquistara, afinal. Que triunfo! Oh, que triunfo!

— FIM —

Na próxima semana, nestas mesmas páginas, iniciaremos a publicação de novo folhetim, "CASS TIMBELA-NE", de Sinclair Lewis, Prêmio Nobel de Literatura, em filmagem na Metro. Esse novo folhetim tem primorosas ilustrações de James Montgomery Flagg.



Mobiliários -- Tapeçarias -- Decorações

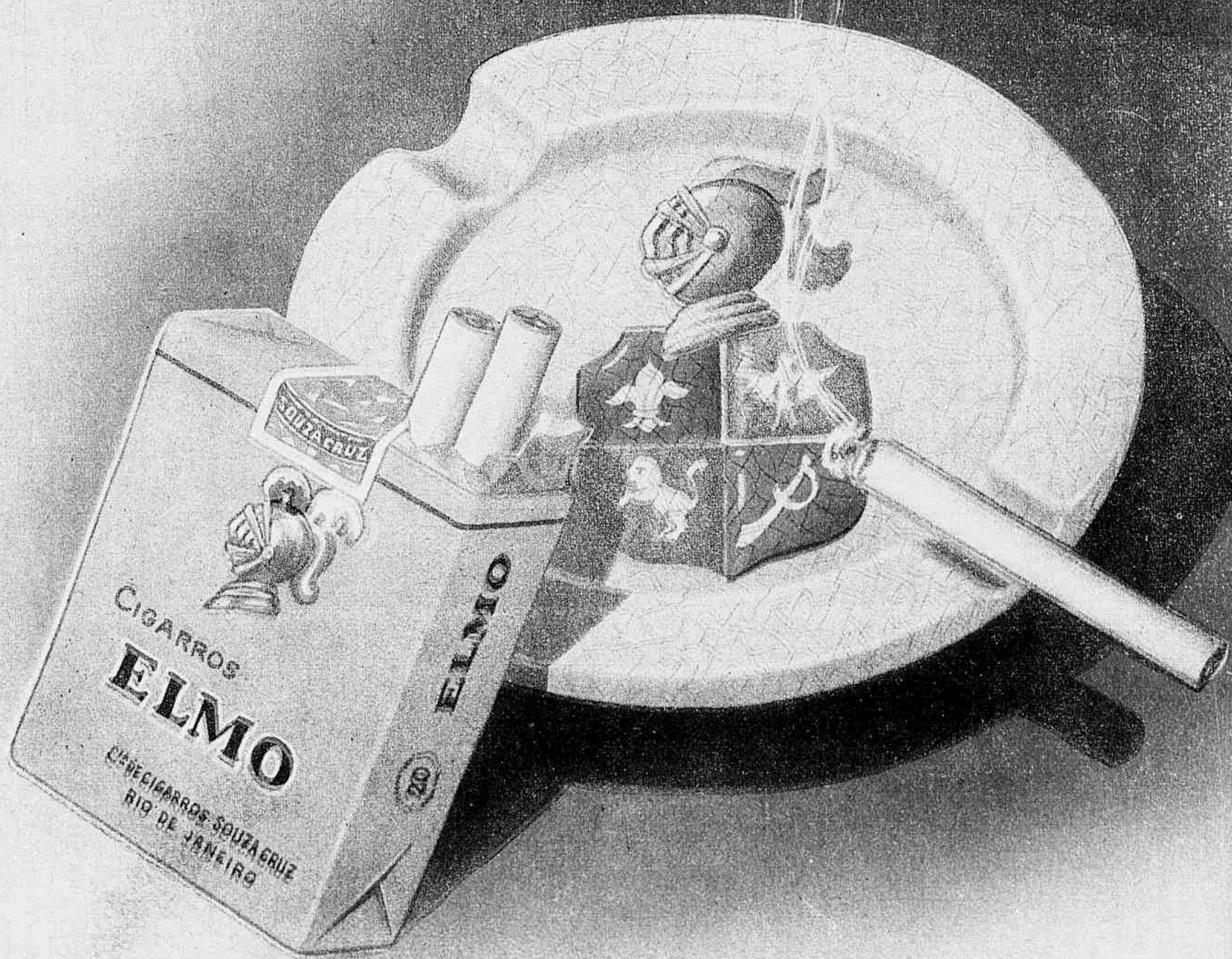
ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO

Himmel

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*